

Judith  
Grossmann  
Todos os Filhos  
da Ditadura  
Romance





# TODOS OS FILHOS DA DITADURA ROMANCE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

*Dora Leal Rosa*

Vice-Reitor

*Luiz Rogério Bastos Leal*



EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

*Flávia Goulart Mota Garcia Rosa*

Conselho Editorial

*Alberto Brum Novaes*

*Angelo Szaniecki Perret Serpa*

*Caiuby Alves da Costa*

*Charbel Ninõ El-Hani*

*Cleise Furtado Mendes*

*Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti*

*Evelina de Carvalho Sá Hoisel*

*José Teixeira Cavalcante Filho*

*Maria Vidal de Negreiros Camargo*

Judith  
Grossmann  
Todos os Filhos  
da Ditadura  
Romance

Edufba  
Salvador, 2011

©2011 by Judith Grossmann.  
Direitos de edição cedidos à Edufba. Feito o depósito legal.

Projeto Gráfico, Editoração Eletrônica  
*Alana Gonçalves de Carvalho Martins*

Revisão  
*Fernanda Mota Pereira*  
*Lívia Natália de Souza Santos*

Normalização  
*Ana Sartori Gandra*

Sistema de Bibliotecas – Ufba

---

Grossmann, Judith.  
Todos os Filhos da Ditadura Romance / Judith  
Grossmann. - Salvador : Edufba, 2011.

207 p.

ISBN 978-85-232-0838-7

1. Ficção brasileira. I. Título.

CDD - 869.93

---

Editora filiada à:



Edufba  
Rua Barão de Jeremoabo, s/n, Campus de Ondina,  
40170-115, Salvador-BA, Brasil  
Tel/fax: (71) 3283-6164  
[www.edufba.ufba.br](http://www.edufba.ufba.br) | [edufba@ufba.br](mailto:edufba@ufba.br)

Denmark's a prison.  
Shakespeare. Hamlet: II, ii  
A Dinamarca é uma prisão.





AO LEITOR

Filhos da ditadura são todos os brasileiros que, vogando à deriva entre o poder e o contrapoder, mergulhados no mundo do trabalho, arriscaram-se a perder o bonde da história para mantê-lo em movimento.

*A Autora*



# Sumário

- 1 O Cativo 11
- 2 A Construção 49
- 3 A Injúria 89
- 4 O Justiceiro 127
- 5 O Grande Feriado 169



# 1

O Cativo

**J**á estou aqui, neste lugar, ao qual sempre me destinei. Este *já* que é como uma revelação, quero dizer, o meu destino, ou a minha destinação prometida, porque ainda me resta algum tempo de vida para despedir-me de Vocês, que fique bem claro, sem esta despedida minha vida terá sido totalmente inútil, a de vocês, nem se fala, descuidada de ouvir aquele que verdadeiramente tem algo a lhes comunicar, que fará toda a diferença. A diferença que somente se tornará numa clara figura ao final, uma figura de exclusiva posse vitalícia de vocês, com a clareza e funcionalidade das figuras, como uma constelação que nos norteia a existência, conferida pelo único que lhes pode conferi-la, único eu, já isentado de cuidados com as leis, tão descrente de aforismos como nu veio ao mundo, indiferente aos gozos dos sofismas, da violência, dos roubos, dos cargos, das honrarias, dos prazeres, mas, eis o decisivo, ainda não imobilizado pela volúpia da preguiça e do ócio. E se a força do que me trouxe até aqui foi não permi-

tir em mim ser sofrida a violência, e mil vezes a rebateria mil vezes ela me atingisse, que eu aqui esteja até o fim dos meus dias, quando se desenhe a configuração última e compreensível de minha própria vida, e seja eu um número singular na efetuação precisa do universo.

Estou numa cela de prisão. Uma cela é uma cela, como o mundo o é?, com bons calabouços? dos quais o melhor é este, para mim o é, nem sequer o sinto como tal, possivelmente como o primeiro sopro da mente desencadeada que em liberdade na prisão mais brilhante brilha, minha cela, meu altar, meu templo, na qual apelo do que me foi feito ao que aqui inscrevo, que nada possa este testemunho apagar.

Nela estou. Nem isto me priva do devotamento que esplende em minha estrela e do pronto obedecer ao qual me acostumei. Elba, Santa Helena, Ilha do Diabo, colônias penais, que mais sei! Pois que seja. Acreditarei em voltar, mas sob esta forma que aqui se transforma. Cada traço como uma pulsação, que custa em tempo, em vida, como uma bomba, um relógio, um coração. E o que custa a mim, custará a você, já agora a Você, porque como lhe custaria pouco o que a mim custa tudo? Precisamos urgentemente voltar a isso, é quase uma emergência, quase um passar da hora. Pois veja. Estragaram-no. Adularam-no demais, com suas receitas, suas fórmulas, entregando-as prontas, sem ajudá-lo de nenhuma maneira a chegar a elas por si mesmo, a encontrar a bomba, o relógio, o coração que há em você, abrindo este imenso império onde me alojo para recebê-lo e transmitir-lhe o que tenho a lhe transmitir e que os meios secundários, a informática, o *marketing*, o *design*, a publicidade, as ciências da comunicação se revelaram como totalmente impotentes para criar. Enfim, a vergonha de fato, como foi previsto, a tudo isso sobre-

14 viveu, a mina, o poço, no seu fundo, encontrando-se vazios, o rei nem nu, sequer existente.

Contentar-se-ia Você, depois disso, com um abecedário de *comos*, como separar-se, por exemplo, se nem sequer lhe ensinaram a casar-se, pois a casar-se se ensina, não com alguém apenas, mas com algo, e eu, tudo que lhe ensinarei, também isto, por que não?, lhe ensinarei.

A cantar, a amar, porque tudo se ensina, se aprende. E vale tudo, a velocidade, a quietude, o que se desfaz e o que perdura, o que ama e o que canta, os dois, não apenas um. E tudo lhe relatarei, tintim, tintim, como um sino, não existindo outro jeito, quando minhas descobertas, meus móveis, serão também seus, porque descobrir é dois, e nunca poderá ser um só.

Se soubesse inteiramente não estaria aqui me aplicando ao que me aplico. Quero, porém, saber, e então você também saberá. O resto é ludíbrio. Apenas lhe direi que diante da lei cometi um delito, que o delito foi decorrente de alguma coisa, ou de algumas coisas que me fizeram, que, no meu entender, não poderiam ser consentidas a quem as praticou sem que as devolvesse, inclusive para que quem as praticou pudesse aprender qualquer coisa, naquela precisa hora em que o ofensor para pelo menos de rir e fica sabendo alguma coisa que pelo seu gesto lhe dá a saber o ofendido. Pelo que suspender a impunidade consiste, conforme foi sempre afirmado, num ato de amor.

Evidente é que não quis ensinar apenas aos ofensores, mas à cidade, ao mundo, a todos, pelo que este trabalho completa o meu gesto que pelo poder novamente poderia ser eliminado, cair no vazio, como me disse um dia acintosamente alguém ao telefone, também porque, nestes todos aos quais quero ensinar, certamente me incluo, sendo tanto meu discí-



pulo quanto meu mestre, à imagem e semelhança de quem me haja criado. Assim tudo sendo sólido, é ao mesmo tempo delicado, frágil como uma flor em sua amanhecência, trazendo em si o seu anoitecer, comporta talvez, quem sabe, ou o que seja, simplesmente porque só pode ser assim. Não é nem por sombra como traçar a planta baixa de uma edificação ou de uma cidade, nem que o arquiteto seja Le Corbusier ou Lloyd Wright, é mais, apenas pelo socorro de uma analogia, como Michelangelo calculava o talho do cinzel no mármore, sem rascunho, sem passar a limpo, depois estaria ali, pronto. E ele em sua longeva vida, como o tento, o tentou, sendo visto uma semana antes de sua morte a tentá-lo, a tentá-lo, a tentá-lo.

Dá-me lágrimas nos olhos, lágrimas de olhos de dezesseis anos, sempre os terei. Não lhe disse ainda a minha idade, o meu nome, não porque não queira dizê-los, mas porque ainda não estou preparado. É sempre tão tênue aquele momento em que se pergunta a alguém, como devo chamá-lo?, isto é, no caso, você a mim, tão cheio de surpresas, para observar o encaixe do nome da coisa ou da pessoa com a essência da coisa ou da pessoa, e assim como existem sinônimos, sempre imperfeitos, existem nome, sobrenome, apelido, dado ou a ser dado, quando o item é passível de ser apelidado, o que nem sempre ocorre. Quanto ao número de anos, a dificuldade é ainda maior, tanto mais para quem guarda nos olhos lágrimas de dezesseis anos quando já descreve esta arriscada curva, traaac!

Direi outras coisas, enquanto vou me preparando para estas revelações. Outras coisas tão importantes quanto, para as quais preciso de sua ajuda para delas me corrigir. Que seria de mim sem sua ajuda?, sua, a pessoa mais importante do mundo para mim, agora que finalmente conseguimos o milagre

16 de nos encontrarmos e estarmos juntos. Se na verdade todo encontro é um milagre, quase um sofisma, porque poderia da mesma forma não ocorrer, mas poderia?, que pena!, tudo é velocidade e lentidão, movimento e imobilidade, tudo corre, escorre, se transforma, como um rio, linha reta e torta da Natureza, que o criou, em sua perfeição completa e absoluta, *ex nihilo* como criamos nós dois aqui. Como Pedro caminhando para Natacha e vice-versa, para que os dois finalmente se encontrassem, emaranhados em mil espaços enredadores, em mil projetos desaceleradores do encontro que mantinha em si a velocidade enlouquecedora e lenta do desejo do encontro. Enfim! E tudo parecia apenas haver tomado um segundo!

Aqui, agora, quero, não, não é bem querer, necessito livrar-me de todo apego, o meu trabalho exige, do contrário sempre estarei enviando uma carta para alguém, falando ao telefone com alguém, isto excede, desconcentra, perturba, sei agora que para fazer alguma coisa por alguém preciso fazer primeiro por mim, e esta coisa que preciso fazer por mim, para curar-me de todo, e curá-lo, já que está ao meu lado, é este trabalho. Não falo destas farmácias de manipulação. A farmácia aqui é outra, a minha, a sua, e o fármaco vamos nós fabricar.

Ontem, por exemplo, dia 25 de janeiro, sábado, 18.30 horas, fui chamado ao Posto de Serviço para falar ao Telefone com o Ser Amado. Já que todos o têm, o tiveram, ou o terão. Céus! Não é que me cobre, mas simplesmente não sabe ficar por si mesmo. Então não fique, disse-lhe. Não é tão simples, disse-me, nada substitui nada. Isto é Goethe, disse-lhe. Goethe?, respondeu-me, você está brincando, não sei de Goethe, você tem de estar de volta. Tem de estar?, respondi, mas nem sequer me deixariam. Ah, por certo, você provocou tudo isso,

disse. Mas quando você vai entender e até quando isso? Despedimo-nos. Nem cinco minutos depois, ligou, desculpando-se, foi uma elaboração ultrarrápida do assunto, mas, embora me preocupe, não quero mais isso comigo. Está em casa, acordada, faz aqueles gestos solitários de mártir, tocam a campainha, tropeça, cai, não há socorro. Ou melhor, há, quem tocou a campainha, que não se deve tocar. É um diálogo que não adianta prosseguir, a não ser que o próprio o conecte.

Antes, às 14 horas, pouco mais, telefonara-me minha filha. Possuo uma. Ao vivo, o que lhe posso comunicar? O amor, indesmentível. Mas se tenho milhares de filhos por vir, se fosse falar com todos ao telefone, estaria completamente destruído. Então os filhos terão de aguardar que eu acabe este trabalho e possa mostrá-lo, para que nasçam.

Esta Prisão é uma obra sólida e quadrada e minha Cela é bastante confortável, nada me tendo sido negado até agora do que solicitei. Embora eu precise de tão pouco, o papel e a caneta esferográfica, que considero a maior invenção do século XX. Tão melhor uma caneta esferográfica, que mantém os dedos incólumes, do que fornos crematórios! E tão mais úteis, para dizer o mínimo. Disse-o também Joyce, lembro-me, sobre a Guerra Mundial II, em Paris, fugindo de Hitler, em meio à boataria de que era judeu, em direção à Suíça, na companhia de Nora Penélope Barnacle Ulysses Joyce, antes da invenção da esferográfica, e sujando toda a roupa da mala com a tinta verde do seu frasco. Dear sweet patient persistent Joyce! Hallelujah! Livrando a narrativa de pressas, que também é outra-coisa-inútil-para-que-serve? Melhor é andar. Correr é para cair. Andar é para pensar-caminhar, bons pisantes, ótimas pernas, areias, praias a perder de vista, cheiros, peixes, gaiivotas. Andar!

A imaginação não trabalhou muito para a construção deste prédio, adotou de pronto a forma mais singela à mão, o quadrado, não temendo o que pobre. E mesmo Cristo foi o primeiro esposo da pobreza, onze séculos antes de ser a mesma dama desposada em Assis, cujo esposo agora sou eu. São outras riquezas, de qualquer forma, muito mais sutis, que prezamos. Como afirmava um outro, nossa verdadeira realidade é algo bem diferente, e ter vinte mil reais de renda como embaixador ou escrever o seu livro, não pode absolutamente ser colocado no mesmo nível. E igualmente se um banqueiro perde cem milhões de dólares e eu o meu livro, isto não pode de nenhuma forma se igualar.

Em torno, o Povoado. E adiante, o Mar. Ao lado, a Casa de Praia que meu pai construiu, onde passei os verões de minha infância e períodos de minha juventude. Chego agora a um dos pontos decisivos de minha fábula, a casa ao lado. Sempre perguntaram ao meu pai porque ele escolhera este lugar para construir a casa de veraneio. E por que não?, respondia ele, sem outras explicações. Mas eu acredito saber por quê. Aqui é tranquilo, seguro, o ar mais perfumado e puro do mundo, o lençol infinito do oceano, os cheiros, os botos dando cambalhotas para o alto, a povoação, as casas de veraneio que existem na praia com permissão da Marinha, os pescadores, o que vem de fora, no final da tarde os disputados jornais do dia. Nossa casa ao lado da prisão, os detentos imersos em sua rotina diária. A população nativa, descendente direta dos invasores franceses, o mesmo tipo físico, vive dos legumes e verduras que planta, dos animais de pequeno porte que cria, de algum comércio, do leite que chega em galões e de víveres de primeira necessidade. Até hoje vêm pela manhã em seus burricos com seus jacás, com suas camisas de riscadinho, ven-

der chuchus, melancias e o que mais, Seu Pomada na linha de frente. Ao meio-dia, vem o padeiro com sua cesta coberta por uma alva toalha de algodão e suas caixas de caramelo, de alguma velha receita francesa caseira, e doces de fruta de cortar, envolvidos em papel impermeável. No mais, garotos vendendo deliciosos bons-bocados e bolinhos de arroz. Pelas duas da tarde, o cortejo de pescadores com os peixes dependurados em paus atravessados nos ombros, robalos, carapebas, e nas cestas, manjubas.

Aqui o relógio do tempo parou e vindo-se para cá se poderá visitar um outro tempo. A população local é também fornecedora do presídio no que se refere a coisas frescas. Recebe, por sua vez, outros benefícios, uma certa assistência da parte do pessoal, inclusive médico, que não lhe é recusada. É um sistema de troca muito próprio e interessante, não oficial, mas de praxe. E os detentos, em geral primários, recebem a atenção de todos, e em certos momentos especiais, como o Dia de Reis, a comunhão se torna praticamente universal, a prisão, o povoado, a colônia de pescadores, os veranistas.

Sempre olhei a cadeia do lado de fora, mas agora finalmente estou aqui dentro. No instante de maior perigo, fugi do Rio para cá e para a casa ao lado, em meu nome aliás, porque sendo o primogênito este bem me foi destinado desde a pedra fundamental até a gloriosa festa da cumeeira. Na imensa dificuldade de declarar um domicílio na hora de ser preso, já que deslizo entre vários e não me considero morador de nenhum, dei preferência a declarar este, sendo trazido imediatamente para a prisão. Na verdade não vejo diferença alguma entre estar ao lado ou aqui, mas de fato isto representa uma mudança de mundos, cujos limites são extremamente tênues. Compre-

**20** endo que é possível resvalar de um para o outro, como surfa um nadador numa onda. Eu então surfei.

Difícil é explicar a Ortiz e a Sulema, o casal que permanentemente toma conta da casa, o que me aconteceu. Para eles eu era antes o senhor do castelo, que lhes distribuía mensalmente os dinheiros, e que continua a fazê-lo, e agora é o presidiário. Limite-me a dizer-lhes que não é tão grave e que apenas vou passar uma estação aqui. Mas para eles, esta troca de mundos é como uma viagem ao mais distante dos planetas. E talvez seja mesmo, embora a casa e a cadeia estejam lado a lado. Mas esta vizinhança é apenas uma vizinhança, que jamais reúne mundos, ilusória como toda vizinhança meramente espacial, não deixando por isso de ter a sua cota de realidade, a da analogia negativa das polaridades diferentes que de súbito se unem.

Se eu pudesse explicar com algumas palavras a Ortiz e Sulema por que me transferi, poderia também fazê-lo a você. Mas é que isto é impossível e para explicá-lo preciso explicar-me a mim mesmo primeiro, encontrar esta cabal explicação, que talvez no fim seja diversa da primeira a ser encontrada. Isto é, para encontrá-la preciso escrever este livro, cuja composição não será por isso menos rigorosa do que a composição linear dos romancistas clássicos. Este transmutar-me, metamorfosear-me em tinta, não mais a tinta verde de Joyce que lhe estragou as roupas na mala, para perplexidade de Nora, ... mas Jim, o que é isso? ..., porém esta mesma tinta verde camaleonicamente alquimizada na tinta azul de uma caneta esferográfica existente graças ao gênio inventivo de um húngaro de Budapeste, de sobrenome Biro, também fugido de Hitler, mas para a Argentina, em 1940. Porque nem tudo é tinta, tinteiro e caneta, mas escrita, o tornar-se, a mudança de estado de

um homem, o surpreender deste *transfert*, o seu flagrar, o seu flagrante, que aqui se mistura com o seu flagrante delito. Os obscuros caminhos cuja única lanterna existente é: escrita.

Também para Ortiz e Sulema é que escrevo este livro. Mesmo que eles não o leiam, a resposta que procuram, sem saber onde encontrá-la, estará lá: existente. E mesmo que não o leiam, outros lerão por eles, e terão a resposta provocada pela sua pergunta, não com palavras, necessariamente, mas com os olhos, a fisionomia, os gestos, a nova maneira de postar-se diante de mim, como se dissessem, já não lhe bastou trazer-nos para cá?, não sendo eles daqui, e agora mais isso, ou mais essa, como se eu fora capaz de causar qualquer coisa. Como, na verdade, um homem poderia fazer, no seu entendimento, algo que poderia deixar de fazer e que, conforme compreendem, somente prejuízos lhe poderá trazer?

Prejuízos! Mas se todos os prejuízos do mundo já lhe haviam sido trazidos, que outros lhe poderiam ser? Escrevendo este livro para Ortiz e Sulema, ele, com suas firmes raízes de touro na Península Ibérica, tão visíveis no ímpeto com que implacavelmente mata uma mosca, veludosa, sonora, multicolor, antes um minuto viva, com um impecável guardanapo de linho branco, sem qualquer hesitação e vacilo, segundo ele, para que não sofra, ao contrário daquele ritual infantil, submetendo-a a uma tortura interminável até que possa agarrar a sua própria morte. *Take me Home, Holy Father*, esta noção Ortiz a tem por inteiro, com o seu guardanapo, ao contrário do torturador-torturado da puerícia. Ele e Sulema, já ela com suas panarias e pulseiras de um Oriente que nela se conserva por inteiro, com seus manjares brancos com calda de compota de ameixa e seus sobrolhos franzidos e esgares de polido espanto, que estranho casal, como qualquer casal, como Joyce e

**22** Nora, por paradigma, o mais estranho dos estranhos dos casais, já que eu, como alguns colecionam chaveiros ou o que seja, coleciono casais, então, se escrevo este livro para eles, escrevo-o para todos, para o país, na certeza de que me verá e me entenderá, para minha filha e para o Ser Amado, que aqui será apenas o Ser Amado, com mínimos delineamentos. Os dois últimos, mais do que Ortiz e Sulema, talvez me desentendam, por haverem escutado um pedaço da missa sem havê-la escutado toda. E toda é preciso escutá-la para entender alguma coisa do que vale a pena ser entendido. Tudo isso virá a seu tempo, em sua arquitetura bem arquitetada, como a deste presídio.

Ah, existe o núcleo frágil, e mesmo não me dedicando a ele, como negá-lo? Certa vez, por diversão, consultei um oráculo cigano. Mas toda diversão logo se torna séria demais e por pouco eu não teria as mãos úmidas. O meu método foi ir escolhendo do que ele dizia as minhas verdades, isto é, o que comigo coincidia. Assim transformei-o de imediato, como a um leite instantâneo, num oráculo. Liquefi-lo. E do que ele disse aproveitei isso: para o senhor o passado é passado. De fato. Mas para isso é preciso encerrá-lo numa tumba, como um lacre, nem que seja enterrando-o numa parede como se enterra alguém nos contos populares ou num conto de Poe. Não sou um homem dado a reexperimentações, a inventários. Sou um ser prospectivo, a imaginação voa, a memória abafa. Então eis-me aqui, apenas porque num gesto da máxima elegância quis mais uma vez enterrar o passado.

Certas pessoas não gostaria de ver nunca mais. Outras, o contrário. Já que aquelas, por alguma razão, minha aventura com elas se completou, por haver-lhes comunicado tudo o que poderia lhes comunicar, e elas a mim, mesmo que este tudo se



resumissem em nada, e estas, alguma esperança existe de que, juntos, nossa comunicação nunca se deixará de se buscar fazer. Então, o encontro com aquelas lá seria uma crônica de surdos-mudos, o terror-horror encarnado, enquanto com estas aqui a própria e deliciosa degustação de um sorvete, o frio que pelo calor da boca se aquece antes de ser celestialmente deglutido.

E quanto a outras prefiro por enquanto dar um tempo, evitando mãos que transpiram e sopro no coração. Já pedi ao Ser Amado e a algumas amizades que não apareçam por um período. Todos irão cobrar-me o que eu poderia não ter feito. O próprio retrato destas relações como eram antes. O que não faz deles menos amados e não nega o firme amor que por mim tenham. Mas são mundos diferentes, milhares e milhares de milhas, galáxias, os separam, embora em poucas horas, pelo lado espacial e material, pudessem estar aqui.

Não se escolhe um amor mais do que se escolhe um filho. Ambos se apresentam, estão aqui, e só nos resta amá-los, aprisionando-nos a um cotidiano por vezes enlouquecedor, por mais que se procure torná-lo evanescente. Com Karoline, nome de escolha de sua mãe, que a própria foi logo abreviando para Karol, na tentativa de torná-lo mais leve, conseguiu plenamente. Com o Ser Amado, praticamente o mesmo, mas, no caso, por desistência de chegar a um aprofundamento maior. Logo atingi a conclusão de que bastaria amá-lo e demonstrar tal amor, mesmo porque não se ama pela natureza de alguém, mas a despeito dela, exceto em casos de excepcional sorte, quando se ama alguém pela sua essência. Mas é uma façanha tão louca que uma vida inteira não seria suficiente para encará-la. E assim dou graças de amar ao meu modo, que amo por-

**24** que amo, como um truísmo, uma tautologia, que amo como amam os pássaros.

O bom agora são as férias destes amores pessoais, para que me possa dedicar a outros amores mais coletivos, seja escrevendo o livro ou sob outras formas ou modalidades que venha a criar nesta prisão. Afinal, seja como for, por quais caminhos sejam, mereço sair desta asfixia, ainda que por uns tempos.

Quanto a Karoline, cresci-a, eduquei-a com todo o desvelo e carinho, sempre dominado por esta noção de que a filha de um como eu deveria ser no mínimo uma princesa em todos os sentidos. Também para consertar a minha história com a sua mãe, eu acredito, sempre acreditei nisso, em consertar as histórias erradas, pelo simples fato de que as histórias devem ser certas. Tudo ia muito bem, eu pensava, mas como poderia ir bem dentro daquela cabeça?, a gravidez se arredondava naquela bela barriga continente de todo o universo. Morávamos junto da praia, na altura da Praça Antero de Quental, uma das praças onde sempre pareceu morar o meu destino tão amante de praças. Basta dizer que um dia vi-me sozinho com um bebê, a berrar mais forte do que dezenas de alto-falantes, a se avermelhar, a se contorcer, a se espremer, a exigir a minha atenção plena que nunca mais cessou e que a cada retração minha mais e mais e mais se intensificava, bebê-filha, adulto-bebê para sempre no ganho das atenções do Pai, fazendo-se pequenino, um arzinho de bebezinho, Pai, Pai-zinho, Pai-zão, brincando, jogando, eternizando, um bebê, querendo tão só viver. A mãe fora mal escolhida? Nunca se pode saber. Já não estava. O bebê me dominava e até hoje me domina. Eu sou o seu pai. Mas agora estou de férias, a vida me concedeu o que raramente concede, um *sursis*, uma pausa.

O mesmo em relação ao Ser Amado, quando tudo se complica. Aliás já tomávamos férias anuais um do outro, eu de um mês, ele de outro. Digamos que o nosso ano amoroso se constituía de dez meses. Então já não éramos desses que não quisessem se despegar um do outro nem por um segundo. Pelo que eu respirava com alívio em New York podia imaginar o respirar dele em São Paulo. Havia também esta diferença, os lugares onde passávamos nossas férias em separado, porque férias em conjunto nunca houve, isto é, imagine!, ficarmos disponíveis o tempo todo um para o outro. Havia ademais a diferença de proveniências, isto que eu nunca quis pensar em relação à mãe de Karoline, porque aparentemente esta diferença nem sequer existia, mas sempre existe, já que para inexisti-la teria de desposar a minha maravilhosa irmã. E neste caso atual, tudo é diferente, mesmo sem entrar em detalhes. O amor nem de longe permite a seleção. Já se está lá, o caminho não pode ser interrompido. Tudo foi sempre questionado, os gostos, os costumes, os hábitos. Sempre à mesa algum tópico, nem que fosse o sabor da geleia, em vez de nos darmos colheiras um ao outro na boca. Mesmo assim persistimos, ou melhor, era esta a persistência. Até que hoje respiro, muito mais solto do que em New York.

Aqui, em minha não muito acanhada cela, encontro o meu paraíso. Meus quartos, em qualquer lugar onde estivesse, sempre os quis assim, uma cama, uma mesa, um armário, os livros empilhados no chão, e é só. Tal despojamento de usual favoreceu o meu meditar, submetido a um único pensamento que, por um período, se mantém cravado no céu de minha existência.

Nada de campainhas, trinados telefônicos, vindos de pessoas fracas fortes, ou fortes fracas, dá no mesmo, mas sempre

**26** agônicas, querendo qualquer coisa, sobretudo comer dos seus miolos frescos, consumi-los cozidos, fritos ou *doré*. Que co-biça! Da coisa que pertence ao próximo. Dele! Somente dele! Escolhera ser um sapo a respirar os miasmas de uma cadeia a dispensar o mínimo fragmento do que meu próprio ao uso de um outro. Exceto se não soubera do que lhe furtassem, néscio assim continuando como não roubado.

Quando sou chamado ao Posto Telefônico, vem um mensageiro, fala em voz mansa, num tom suportável, atávico aqui, a primeira coisa que diz, como um cidadão de Paris, do qual, através dos séculos, descende, é: desculpe-me desarranjá-lo, mas está sendo chamado ao telefone. Então escolho se vou ou não vou, de acordo com o imperativo do caso, que ele também tem a bondade de explicitar. Doce vida é aqui, gosto de delícia, ah!

Se toda a vida já respirava bem, aqui respiro ainda melhor. Esta é toda a ajuda que posso receber, quanto ao fundamental, escrever este livro, que bem se poderia chamar *O Livro de David*, um dos seus títulos implícitos. Enfim, não existe ajuda possível para escrever este livro. O seu material é por pouco intratável. Quero dizer outra coisa na verdade, que somente eu posso tratá-lo. Como se transforma água imprópria em água filtrada, uma das mais belas operações da humanidade. Aprendi desde cedo, isto ficou, como uma semente de flor a brotar em todas as primaveras. Menino, eu acompanhava o desvelo com que o Pai limpava, com sua sabedoria, a vela do filtro, não permitindo que qualquer fâmulos o fizesse, para que tudo resultasse segundo um resultado previsto. Se qualquer pusesse a mão, tudo poderia desandar, como uma clara de ovo que para ser batida por um clássico batedor passasse de mão em mão. Também como cura um grande médico um doente

que em outras mãos estaria perdido, apenas por lhe facultar, 27  
como grande facultativo que é, um tempo de repouso.

Para escrever os livros anteriores, alguma atenção, mais para honrar os que a ofereciam do que para qualquer outra coisa, pude aceitar, mas para este não. Para comparar, e mal, estou no meio de um tufão, devo aguentar-me a mim mesmo sem colapsar, apenas porque tenho algo a fazer e não quero falhar. As pessoas não morrem, param ou terminam de fazer o algo que tenham a fazer. Quando o fizer, pararei, mas não antes. Ponho-me funcionalmente cordato. Atendo aos avisos do meu corpo e dos médicos. Mas uma dor insidiosa acompanha o meu labor, e provavelmente só terminará com ele, quando poderei dizer e só então, *Take me Home, Holy Father*, porque com deus, desde criança, somente conversei em inglês. Considero mais respeitoso. *Thou* –. Gosto de ser tratado por *Thou*. *Thou shalt be buried in a good old age*. Gostaria de explicar, porém o mais concisamente possível, tal como o é, se bem repararem, o estilo deste livro. Joyce já o tivemos. Agora tudo de que precisamos é de David. Para falar com deus, aquele que ocupa o lugar do Pai, que limpa a vela do filtro, precisamos mudar de língua, tanto para exprimir as dificuldades quanto para tornar mais fácil a comunicação. Assim desde o início sacramentei este procedimento. Eu também sou pai. Preciso amparar as coisas.

Ai, Pai, com toda esta dor, física, e também aquela de que alguém já falou, *more die of heartbreak*, a mágoa mata mais, vou ter de escrever este livro, pelo simples fato de que não existe ninguém mais para fazê-lo. Se eu vou, quem fica?, se eu fico, quem vai?, verdadeiro como qualquer verdade.

De amanhã em diante haverá interrupções, virá o odonto, terei de abrir a boca, virá o oftalmo, terá de ser dilatada a pupi-

28 la, virá o orto, terei de levantar o braço, se não vierem outros, a depender dos resultados dos exames. Já disse um que terei de caminhar uma hora todos os dias, apanhar sol, como se não bastasse o ato atlético de escrever este livro, como um, ou alguns, e eu próprio já fiz até deitado. Era uma época penumbrosa que nem Diógenes com sua *flashlight* para encontrar o obscuro caminho. Então, como Kafka em seu canapé, deitei-me e escrevi, executei este ato atlético da máxima despesa libidinal que nenhum Don Giovanni poderia executá-lo. Sempre o Ser Amado, apenas para não ser um reles celibatário rodeado de fâmulos, em último caso. Tão triste! Como escolhi a alegria, eu não disse a felicidade, aí já seria bem mais complicado, admitia esta presença que fazia de mim não o Dois, mas o Um. O Hum! Hum! E sua função era esta mesma, discutir à mesa o gosto das geleias, uma função importantíssima, porque gosto se discute, e muito, e do contrário quem o faria? Aí eu podia então compreender a diferença, que eu era eu próprio, e o Ser Amado era ele, mas para compreender isso era preciso que ele estivesse ali em carne e osso, ele próprio. Da discussão do gosto das geleias podíamos subir vertiginosamente a qualquer Everest, discutindo praticamente tudo. Como nesta época em que escrevi os dois livros deitado divergíamos quase a respeito de tudo e estávamos próximos do abismo da separação, bem melhor do que o ficar junto por ficar, esvaíram-se-me as forças e os escrevi deitado.

Estou aqui, inicio dizê-lo, porque escrever, concordo com aquele, é com nervos, e dois quiseram escrever como quem urina, devorando alheios miolos frescos, os meus, no caso, e canibalisticamente. Muito se discute se determinadas tribos aborígenes exercem ou não o canibalismo, porque a carne hu-

mana lhes sabe tão saborosa. E por que precisariam, segundo eles próprios, de uma melhor explicação? No entanto, diante dos brancos que lá aportam, “Land ho!”, em suas Ilhas Marquesas, ou o que seja, negariam sempre, com seus *tattoos*, que assinalam os seus *taboos*, o ato canibal. Gentis, amáveis, epicuristas, não resta dúvida, no entanto, fraternos e igualitários, e aqui, o que se tem? *pig-ões* nos supermercados, com seus carrinhos abarrotados do que lhes confere a *pig-oníssima* pança, com brinquinhos, cabelos além da conta que quase, como num *film* de Buñel, se iria lá para endireitá-los, o fascismo, como escreveu Pasolini, de sua diferença, esforçando-se por impô-la ditatorialmente aos demais, o excesso alimentar, a alegria saindo pela boca na forma de um repetido repetitivo entediante refrão, o brinco, a pelagem. *Tattoo! Taboo!* São totens tatuados dos quais convém manter distância por guarda de seus atos canibais. Que Marquesas? Que Polinésia? Que Nukuheva? Que Sandwich Islands? *Ah! me tattoo! Ah! me taboo!* Já viajamos. Estamos aqui mesmo.

De mim, deram, por boas razões, preferência aos miolos. Pelo menos, voltei para cá, mantendo-me longe do que me incomodava, mais, tocou o meu corpo, deixando uma marca indelével. Escrever este livro é realizar uma operação oposta, muito mais acurada e da máxima precisão, despigmentar minha pele do pigmento que à minha revelia nela entrou.

Esta prisão é assim o lugar do gozo, o mundo de cabeça para baixo, mais do que qualquer outra coisa. Este foi sempre, aliás, o meu grande desafio, a minha grande especialidade. Como vou explicar e você entender? É, em poucas palavras, uma coisa que emana. Um efeito. Qualquer coisa. Este lugar se tornando o lugar mais importante do Lugar, seja, qualquer

**30** lugar que não este. Sempre fiz isso, instalando o gozo onde estaria o terror, lares, escolas, hospitais, prisões. Você precisaria estar lá para ver e agora Você está.

Não vou falar daqueles outros lugares, mas daqui, nesta viagem sem fim, porque quando o fim vier não saberei dele e então não serei eu. Desejo o mínimo, que é também o máximo, aproveitar ser eu, enquanto sou eu. E que me quisessem tirar o único que tenho, ver-se-á no decorrer, não poderia sem leviandade ser tolerado.

Relaciono-me aqui com os detentos, os que, atraídos por alguma coisa, de mim se aproximam, por sua própria iniciativa e vontade. Posso ensinar-lhes muita coisa, mas é cedo ainda. Um dia saberão de tudo e algo de algo entenderão. Ou tudo. E perguntarão: mas aquele que esteve aqui é ele? Uma pessoa tão simples, dirá um. Eu nunca achei isso, dirá um outro. Depende do que se queira dizer com simples, acrescentará um outro. Simples que eu quero dizer, responderá aquele, é desprovido de qualquer fatuidade, e também esta palavra eu lhe terei ensinado, junto de mim, ele, de imediato, um filólogo, um linguista, ou os dois.

Por agora, façam-os apreciar o canto. Canto para eles nos fins de tarde. Não há auditório melhor. A partir da ária selecionada, que canto sem qualquer acompanhamento, lágrimas lhes escorrem pela face, deliram, arrebatam-se. Se eu estivesse no Scala de Milão não seria diverso. Minha voz é uma orquestra inteira, falando ou cantando. Quando conto, conto, quando canto, canto. Essa voz, a voz de David, da qual dizem é como uma impressão digital, inconfundível, que pode escarnecer ou acariciar, recolher-se ou mostrar-se, que acompanha qualquer relato adotando uma variedade de tons adequados a cada um dos seus lances, voz atenta ou ausente, aguda ou



flutuante, proveniente de não sei que regiões, da qual a consciência dos outros deu-me consciência. À primeira palavra pronunciada ao telefone, após longo tempo... David?

Para o canto possuo uma voz que se modula em vários registros, vantagem maior do que a de um *castrato*, sendo-o não o sendo, quanto à voz, homem, mulher, criança. E mesmo sem cantar, sei fazer da palavra, que já é canto, o que ela é, puro canto. Mocinho, nas Pedras do Arpoador, declamava para o mar, sem me importar com a presença da audiência, no original, em nossa língua, aquele mar de palavras que existe em Shakespeare. Tinha mesmo uma antologia pessoal de trechos que me exprimiam, extraída do seu conjunto de obra, inclusive sonetos. E aqui mesmo, quando lhes declamo estes trechos, não fazem diferença alguma entre eles e as árias, deliram da mesma forma.

Tudo é tão somente canto. Ademais, que seria de um homem de apurado ouvido sem sensibilidade para o canto? E um outro, embora não tendo aparelho auditivo, tudo capta, tudo percebe, acompanha, transmuda-se, é ele próprio o canto que ouve. A estes, o canto lhes umedece a alma, a aqueles a deixa seca, o canto lhes foge, não o sentem, nada pode levá-los a ele. Mas os primeiros estão diante do canto tanto quanto os gregos diante das tragédias muito antes que Aristóteles a eles as explicasse.

Assim são os meus detentos diante de minhas árias. Conto-lhes também histórias, e se nelas fica algum vazio, já que são feitas de encaixes intermináveis, como qualquer história que se preze, logo um se manifesta, não consentindo que nenhum material fique perdido ou desperdiçado, mas afinal o que aconteceu à moça estranha, à menina peregrina, aos ladrões, ao vingador?, ou a qualquer outra coisa. São ouvintes

**32** atentos, aprimorados, nem de propósito, ou sem ele, se poderia enganá-los. E a matéria-prima de meus inventos, tiro de mim mesmo. Quanto às árias, aprendi-as com minha ama, uma italiana vinda diretamente de Milão. Conte, vamos, conte Pia, eu dizia. Ou cante, cante mais. Entre o conto e o canto foi a minha infância, porque Pia ficou entre nós até o fim sem rever a sua pátria.

E cada vez eu queria saber mais de Milão, de Milano. Tudo era pretexto. Milão para ela era o Teatro Scala de Milão, lá aprendera só de ouvir as suas árias. E você ia sempre?, eu perguntava. Tinha de ir, para levar os filhos do Duque, fazia parte da educação musical deles. E por que você veio para o Brasil? A guerra arruinou muita coisa e resolvi vir tentar a sorte. *I Tedeskh*, sempre *i Tedeskh*. As comidas você conhece, algumas que eu ensino a fazer, o *risotto* de açafrão, o panetone milanês. Na caixa de bicarbonato Carlo Erba estava também Milão, é uma riquíssima família de lá, ela contava. O bicarbonato servia para tudo, para curar afta, aliviar picada de inseto, limpar a prataria. Quando chegavam as cartas da irmã, eu queria que ela lesse para mim, ela lia um pouco antes de eu dormir, todas as noites, até que chegasse a seguinte, ao som desta língua encantada, eu adormecia.

Agora canto as árias de Pia para os meus detentos. Logo aprenderam a exclamar Bravo! Viva! Belo! Belo! como se das árias uma nova língua natural surgisse.

Afinal eu preciso criar deus à minha imagem e semelhança para chegar o mais rapidamente possível a ele. Ocupando o meu lugar entre os detentos, concebo que este lugar existe e que ele não pode ficar vazio. Sobretudo, eles, depois de verem este lugar ocupado, se não me virem lá, homem, se sentirão

perdidos. A boa ideia que fazemos de nós é deus. A ideia contrária, é o diabo. Aqui dentro, nós juntos, somos livres.

Coloquei-os no meu colo espiritual, sou *EL*, o deus deles. Todos precisamos de colo. Eles choram, riem, e eu canto, às vezes choro ou rio com eles. Estou aqui porque dois, como quem se diverte, me fizeram morrer de pesar, coisa que homem algum pode deixar sem resposta.

Você sendo eu, dormir é um trabalho pesado. Tudo volta, mas somente poderá voltar quando eu estiver inteiramente preparado. Então permitirei, para que você também saiba e para que eu possa de uma vez por todas colocar o mundo em ordem e prosseguir, aqui, fora daqui, não importa. O riso, o choro, o conto, o canto, mas sempre estas sombras sobre a minha frente.

O importante agora são os meus dias-modelares onde estou. A matéria é a mesma, tempo, vivê-lo então aqui, acordar, passear em grupo na praia, na área reservada, acompanhados por um Inspetor. Estes passeios constituem uma parte substancial do dia.

Ando com um cajado, não porque precise dele, mas porque pertence ao pai, que também dele nunca precisou, apreciava apenas o gesto que repito agora, e por repeti-lo, aprecio-o. Gestos herdados do pai, para abreviar o caminho a deus, tão difícil de ser entendido em seus enigmáticos propósitos. E se alguém disser que entende de pronto, mente, talvez entenda no último segundo, ou nunca. É isso a vida, também viver este segundo de compreensão, ou de incompreensão, e depois, quem poderá dizer que sabe? E o que é depois? Talvez seja um antes, da mesma forma. Na cabeça, tenho um chapéu de palha, dos que fabricam aqui, creme com realces azuis. Na boca,

**34** um cachimbo apagado, também este gesto foi uma invenção do pai, sentindo o arquetípico, o cosmopolita, o internacional do gesto praticado neste ponto do território brasileiro.

Alguns detentos pescam siris com puçás. O Inspetor fica um pouco afastado, lê um livro de conselhos, ele sempre lê estes livros, é uma série interminável, e já até os comentou um dia comigo, são livros fundamentais para quem quer aprender alguma coisa de útil, acho que o senhor deveria lê-los. Agradeço o parecer desta biblioteca viva, assegurando-lhe que um dia os lerei, sem dúvida. Por enquanto, conto, canto e ouço as histórias de alguns detentos quando desejam narrá-las a seu modo, sem que lhes faça perguntas.

Estão todos aqui por crimes justificáveis, segundo julgam. Uma breve enumeração. Um deles golpeou o padraсто que agredia a mãe adorada, outro, o assim chamado noivo da irmã, que sempre a punha em lágrimas, outro, o irmão que explorava a mãe viúva, fazendo com que houvesse de protegê-la dia e noite, adiando seguidamente por causa disso o seu próprio casamento, então quando lhe apontou o primeiro fio de cabelo branco, foi este o dia do irmão, outro está acusado de uma falta que afirma não haver cometido, enquanto as coisas se esclarecem, mais um pouco, ou quem sabe nunca, passa seus dias aqui, o meu caso ficando para ser relatado na primeira oportunidade. Sem dúvida gostei sempre de ver as crianças brincando, brinco também um pouco, mas depois ponho-me sério e grossas nuvens atravessam minha face.

De repente, sou chamado ao Posto Telefônico. É um amigo que me pergunta, mas você ainda está aí? E onde deveria estar? É que ontem vi você na missa de 30º Dia do Doutor Romano, às 18 horas, mas quando consegui me aproximar você não estava mais. Nem poderia, eu estava aqui, estava dor-

mindando, sonhando com o Doutor Romano. Então foi isso, você conseguiu chegar até aqui. Então foi isso, confirmo. Mais um italiano que veio para cá e aqui morreu, neste caso havendo ido visitar sua terra por várias vezes com a esposa brasileira, filha de italianos, que foi buscá-lo lá e para cá o trouxe na imensa aventura, repetida por sua vez pela filha mais velha do casal, que também lá foi buscar o seu italiano. E nunca cessa esta busca da origem da origem da origem.

Por isso ponho a minha raiz a cada vez onde a quero e no momento a ponho em minha Bá, a Pia, que após haver sido Bá dos filhos do Duque de Milão, chegou ao Brasil, vivendo conosco até o fim. Mas Bá, por que você veio? Era o pós-guerra, uma outra se armava, resolvi que não esperaria por ela. Mas antes de vir assisti a uma das últimas representações de Eleonora Duse, a Duquesa, mais um dos seus filhos, me fez acompanhá-los. Foi um delírio, uma loucura. Por que eu não nasci diretamente lá, em Milão, Bá? Mas o que é isso?, você nasceu diretamente aqui, em qualquer lugar se nasce diretamente. E depois lá haveria coisas de que você não haveria de gostar. O quê? *I Tedeskh*, já disse. E que mais? Uma coisa muito triste, certa vez enforcaram uma pobre criada por um roubo que ela não havia cometido, depois Rossini fez uma ópera, *A pega ladra*, eu também assisti com a família do Duque. Depois, a colher de prata roubada foi encontrada no ninho do pássaro, pelo menos na ópera é assim, e tudo transcorre no início do século passado. Disse francamente não gostei, eu dizia, ... enforcar..., não haveria na casa um menino que a salvasse? Haveria, não haveria, ela foi enforcada.

Bá, aqui pelo menos poderíamos ir ao Teatro Municipal. Se seu pai deixar... E assim começaram nossas temporadas. Meu pai comprava os bilhetes antes e íamos os dois, ela e eu,

**36** a cidade era ainda tranquila, íamos de ônibus e até de bonde, sempre bem antes, tomávamos sorvete na Cinelândia, ela zelosa para que eu não respingasse na roupa, tirava o seu enorme lenço cheiroso da bolsa, tudo nela cheirava naturalmente bem, para mim aquele seria o vero odor de Milano. Vimos de tudo, óperas, balés, e ela dizia, agora já temos um Milano só nosso, aqui mesmo. Ela tinha um cheiro de mãe, minha mãe quase sempre indisponível, exceto para os seus assuntos, as ordens da casa, as roupas, as visitas, as saídas e viagens com o meu pai, ela era uma ausência presente, trancada no seu mundo, diferente do qual para ela não existiria outro, eu a admirava por esta sua privacidade, ela não permitia aproximações nem eu me aproximaria. Eu tinha a Bá, a Bá segurava a minha mão, até hoje a sinto com o calor de sua palma. E o meu pai, irado, nervoso, mas mesmo assim o melhor pai de todos, um sinal emitido já era o suficiente, podia-se contar com o seu entendimento e empatia, o homem mais inteligente do mundo.

Minha maravilhosa irmã, o mais belo animal de criação segundo todas as línguas, uma reprodução aperfeiçoada do temperamento da mãe, ninguém poderia tocá-la, exceto a sua Bá primitiva, a Hermínia, uma negrinha para a qual ela canalizava todo o seu amor, numa conversação infinita e cheia de segredos, da qual ninguém podia participar. Hermínia cuidava de tudo dela, dava-lhe o banho, penteava-lhe os cabelos, fazia suas tranças, arrumava o seu material escolar, acompanhava-a ao colégio, sentava-se com ela às refeições, provava antes da sua comida. Hermínia tinha o talento ou de um gênio ou de um idiota para arrumações, nunca se pode decidir, havia uma posição única para colocar as roupas no armário, que ela, como um artista ou um cientista, deveria determinar, um jeito especial de fazer e de amarrar as tranças para que

elas parecessem sempre recém-arrumadas, uma posição estrita para as meias que ela calçava nos pés de Sandra e para os cadarços dos sapatos que ela amarrava, um modo de ajudá-la a descer da cadeira, quando ela se punha a olhá-la para verificar se tudo estava ao seu contento até o último fio de cabelo. Certamente teria sido, pelos seus cromossomos, princesa em África. E ao que consta Sandra assimilou de tal forma os ensinamentos de Hermínia que assim continua até hoje. É a própria coisa-em-si que é a vida de Sandra, e tudo isso aplicado aos seus próprios domínios.

Mas eu sou o rebento de Pia e em nossa vida havia certamente muito mais calor, além de ser mais instrutiva e divertida. A imaginação, o imaginário é certamente universal, abrange mundos, histórias, tempos, espaços, geografias, e se não sei onde está o imaginário de Sandra, talvez no Oriente, pois viria a se casar com um sírio, o meu está na Itália, com Pia, por Pia, através de Pia. E enquanto a Hermínia, bem que se poderia pesquisar de onde saiu aquela apologia da ordem, nada igual nunca visto, nem antes, nem depois, era alguma coisa que nela se encarnava, espécime único de um gênero naquele momento, a prosseguir em Sandra, sua criatura. Por mim prosseguirei pertencendo, isto é, uma parte de mim, à Itália, como uma parte de Shakespeare pertence à Dinamarca, tanto quanto à Inglaterra.

Coisa que me doía às vezes era aquele sacrifício, o mesmo que talvez tenha doído na esposa do Doutor Romano, quando a Bá se punha séria e dizia, não quero morrer longe do meu local de nascimento, os animais são mais sábios, quando presentem sua morte sabem encontrar e voltam ao lugar nativo, quem me dera, quem me dera. Eu volto com você, Bá, eu dizia, sem pestanejar. Menino bom, menino bom, não é assim que

**38** se volta, caso exista voltar. Claro que existe, Bá, existe, eu garanto. Se você garante, confio, acredito. E então ria.

Mas ela está descansando mesmo é em Botafogo. Sonho com ela frequentemente, como se ela estivesse viva, aqui, agora, ao meu lado. E quem poderá dizer que não? Isto é o sonho dormindo. E existe o sonho acordado. São muitos. Um deles é continuar beijando na boca a língua portuguesa com gosto de *canna de assucar*. Outro é ter um realejo, daqueles completos, remotos, com papagaio e tudo, e em alguma esquina proporcionar adivinhações de amor aos casais de namorados. Isto quando eu for velho, pois ainda não decretei, e somente eu poderei decretá-la, a minha velhice. Um mundo todo futuro inteiramente ao meu gosto estará diante dos meus olhos, já tão antigos, e diante deste objeto igualmente antigo, o realejo. É isto o moderno, esta combinação de passado, presente e futuro, o próprio pós-moderno, o pós-futuro. E cada casal de namorados venha, eu o colocarei, como aos meus detentos, no meu colo espiritual, e os cobrirei de bençãos, ele, todo maneira, perguntando a ela, você não está querendo?, ela, com denegos nativos, aceitando. À noite, a cada noite, reverei o enorme desfile diário e como um deus distribuirei novas bençãos. Com ou sem realejo, foi o que de melhor fiz em toda a minha vida, mas com a ajuda do realejo será melhor ainda. Todas as adivinhas serão benfazejas, redigidas e escritas por mim. Transcreverei uma das muitas que compus e que servirá também para você:

doce criatura  
hás de encontrar  
tudo o que sonhas  
numa noite de verão



No momento, somente relatarei mais um sonho, que por enquanto é sonho, mas depois será tão concreto quanto um fruto. Terei uma escrivantina, daquelas antigas, com a tampa de embutir, em algum *shopping* no Rio, feito em *stand*, para redigir mensagens amorosas para pessoas que queiram enviá-las ao Ser Amado, eu as redigirei, eu as escriturarei, as enveloparei, as endereçarei, as selarei, as lacrarei, e ainda olharei a pessoa a colocá-la com um ar feliz e vitorioso na Caixa de Correio, pois para a absoluta perfeição do meu trabalho haverá, ao lado do meu *bureau*, uma delas. Com o tempo, certamente, estas mensagens, se não estou enganado, terão algum valor, escritas com minha letra, requintadamente redigidas por mim e levando um sinete meu de autor, além dos nomes, é evidente, do remetente e do destinatário: de Ricardo para Jessica, de Larissa para Tiago, de Daniel para Rafaela, de Ticianiana para Gustavo. E assim girará o mundo, com o simples ponto de apoio de uma pena, de uma cidade, de um país, de um continente, de um planeta, de um homem.

*Dreams*, a força de um dínamo dentro deles. Por enquanto continuo um prático, com os meus detentos. Como o prático de um grande navio, conhecedor de todas as paragens marinhas. Um enorme canto envolve o mundo inteiro, ouve-se-o. Um enorme conto narra o mundo inteiro. Conto a eles todos os livros que escreverei, mesmo não chegando a escrevê-los. Oh, lindos, crianças do futuro por nascer! Do atual, não falo, preciso de um escuro, como o de um ventre, para nascê-lo. É uma sabedoria que trouxe da infância, desta bruma, desta sombra, deste escuro que existia em minha mãe, com o qual dominava a todos, sobretudo ao meu pai, sensível a todos os mistérios. Mas... se ali estivesse um outro, menos apto, quem sabe não aconteceria nada e ele apenas dissesse... o feminino

40 traz à minha vida um elemento de desordem. Mas ela trazia à nossa vida um elemento de ordem.

Ultimamente tenho lido para os detentos páginas avulsas que escrevi e o resultado da leitura é um pouco diverso do efeito da escuta do relato oral, eles querem saber sempre mais sobre o texto escrito, que é menos elucidativo, mais instigante e mais cheio de segredos. Um dos últimos que li é o que se segue.

### **Numa farmácia em Ipanema**

Gosto de imaginar-me esculpindo como Michelangelo, indo buscar a pedra em enormes carroças, o suor escorrendo na pele dele e no couro dos bois, eeerrrh, eeerrrh, subindo em escadas, martelando, até transformar o mármore em vento e em carne. Mas aqui as coisas se passam de outra forma. Aqui os animais entram prontinhos, o ar é condicionado no ponto certo e eu não transpiro, estralo como haverá o famoso padre. Estarrecimento, êxtase, com o que nos *grant-eou* a natureza e que com mãos próprias se aperfeiçoou. É curioso como os dois animais, fascinados pela analogia de sua mútua alta estatura, podendo em outros casos ocorrer justamente o oposto, se elegeram. Como se explica que os demais não estejam deslumbrados como eu? Mas não estão. Não são escultores como Michelangelo. Um dos animais tem um tom dourado, mais de seis pés de altura e veste-se numa peça única em verde que o põe como se estivesse nu e vestido a um só tempo, os cabelos são longuíssimos, o que o faz ainda mais alto, e os sapatos de sólidos e altos saltos ainda mais o alongam. Dir-se-ia que o mesmo está tomado pelo mistério e encanto de sua própria altura e todos os momentos de sua vida serão dedicados a decifrar o enigma que por direito de nascença, como a

outros confere o de ser de outros formatos, a Natureza lhe deu, o de ser alto. É como bodas consigo mesmo, compromisso, dedicação, fidelidade, enfim o que há de mais lindo e delicado, o anaturezamento de sua própria pessoa. O outro animal tem uma cor entre manteiga e leite, olhos azuis, os compridos cabelos estão presos por uma rica fita e o seu corpo modelado por uma malha *souple* e branca em cima e num tecido encorpado e marrom na parte de baixo. Na Farmácia, os dois animais compram produtos de beleza meticulosamente escolhidos, sem dispensar a ajuda de uma demonstradora. Mas o mais interessante de tudo eu ainda não cinzelei, é a maneira como se olham os dois bípedes, como em mútuos espelhos, olhares de entendimento, de aconselhamento, de aprovação, como se no mundo não existissem quaisquer outras criaturas, como se numa ilha deserta estivessem. Somente agora, quando já estou tão exausto, é que compreendo o que haja sido o enorme cansaço de Michelangelo.

Logo o mais esperto dos ouvintes faz uma pergunta, então o senhor acha que é este sempre o preço, para o senhor ou para Michelangelo, o enorme cansaço? É exatamente o que eu acho, quando se tira tudo de dentro de si mesmo, bichoda-seda. Vem um outro: eu descobri uma coisa, um dia pedi que me trouxessem um caderno, quis escrever como o senhor sobre o que me aconteceu, fiquei uma tarde inteira, eu sabia tudo dentro de mim, mas não consegui escrever nada, então chorei e as lágrimas molharam as folhas do caderno. É assim mesmo quando se começa, talvez, respondi-lhe eu. E outros queriam saber outras coisas, onde era a Farmácia. Disse-lhe que na Visconde de Pirajá, um pouco antes do Banco do Brasil, quase em frente ao Zona Sul. E outros, muitos, queriam sa-

42 ber como era em Ipanema. Como é lá? É difícil dizer, somente indo lá. Num segundo dezenas de imagens vividas vieram à minha mente. Dois gringos numa esquina, com duas garotas, estourando preservativos como bolas de soprar, e rindo rindo rindo. Na terra deles, provavelmente, apelariam para a polícia. Num *fast food* pessoas correndo e derrubando cadeiras à sua passagem sem qualquer preocupação por quem era atingido, música em som altíssimo, fascistamente impedindo qualquer conversação. E num supermercado, uma derrubando produtos na caixa em quem estava atrás. *Pig-ona*, não me contive. O quê?, protestou ela. *Pig-ona* é fátua, estulta, por aí. Oh, muito obrigada, eu adorei, com olhos provocativos. *I could be your father*, continuei. *Fodar*, o que é isso? *You could be my daughter*, acrescentei. *Doctor?*, eu não sou, o senhor está me gozando. Não estou, é sério, *father... daughter*. Então está bem, o senhor tem cara de quem tem autoridade. Sim, como o Rei Lear. *Ciao*, adorei, amanhã eu venho, e o senhor?. Também... também... Mas aqui resolvi ir por outro lado. É lindo lá, com suas praças, General Osório, com o seu tigre de bronze, morei lá perto, junto da praia, até me casar, Praça Nossa Senhora da Paz, gosto de lugares públicos, de praças, no Leblon morei também junto da praia, próximo à Praça Antero de Quental. O mesmo mar que aqui nos banha, banha lá, pela manhã, nos dias de semana, no verão, é como um balneário, as babás, as crianças, os guarda-sóis, os baldes, as pазinhas. Eu ia sempre levar minha filha Karoline quando criança. Há os hotéis, os turistas, os comerciários, os bancários, e aquele cheiro que é só de Ipanema ao cair da tarde junto ao mar, como há o do Leblon, o de Copacabana. Sai um comentário, ... mas seria necessário viver lá para falar como o senhor fala, são anos e anos, não bastaria ir lá, passar alguns dias. É verdade,

respondo, e continuamos com nossa roda, com outras coisas, até a hora do jantar. Substituo o horror por uma outra coisa, tão verdadeira quanto.

No momento, como em tantas ocasiões, quase não suportoo o que me ocorreu, mas com a ajuda dos detentos, suportarei até o fim. Na verdade, ainda não resolvi nada, mesmo porque já agora seriam dois ou três processos, um no qual sou eu o réu, por agressão física, ou o que seja, e os outros dois contra Roger e contra Bertoldo, nos quais eles, mais os seus adjuvantes, seriam os réus, por apropriação indébita, roubo, simplesmente.

No dia 11.11.97, terça-feira, foi vendido em New York por US\$50 milhões o quadro de Picasso, *Le Rêve*, para o qual ele ainda precisou realizar mais um sacrifício feminino para ter o modelo, Marie Thérèse. Um quadro pintável num tempo mínimo. Para que se tenha uma obra, um escritor precisa às vezes de cinco anos. Para depois então... mas isto virá mais tarde. Somente se rouba o que é valioso, o que é digno de ser roubado.

*In my craft and art I grew myself a baby Chimaera. Some say the Chimaera is a monster, but mine is an angel. When I am alone, I call, come Chimaera. And it promptly comes. And when I say, go, it promptly vanishes in the air. At night, when I go to bed with it and it is very hot it has the un-failing quality of lowering the heat. And when it is very cold it conversely makes the atmosphere cool and agreeable. If anyone guessed my secret, I wonder Angel Chimaeras would begin being sold in magazines and their prices would be as high as a Picasso work, that is, US\$50 million. God forbid!*

Em minha luta devo pensar no guerreiro a cavalo de Rafael, por inspiração de ajuda. Mas ajuda, nunca! É sempre a

**44** mesma ira! É sempre o mesmo amor! Com os meus detentos, fundaria uma Universidade, porque aqui tudo é tão novo, tão fértil, tão íntegro, tão preservado do sistema e mesmo do sistema escolar, a ponto de se julgar lícito erguer-se em defesa do mais fraco e vir parar aqui. Para mim, o êxito terá sua medida em ser lido e conhecido por estes detentos e por todos os detentos do mundo. Porque: o que se poderia fazer com pessoas que leem Roger e Bertoldo? Seria necessário que elas nascessem de novo. Mas para isso precisariam ler outras coisas. Talvez uma bomba limpa limpasse o mundo, para que tudo começasse do início novamente, antes que falasse a serpente, que talvez não falasse nunca.

Mas com tais vizinhos, Roger, Bertoldo, o primeiro com sua automática em riste, faquinhas, facas, roubos, clonagens, e o segundo com suas gargalhadas alvares, espetáculo lamentável e cretino, para o qual, em sua voracidade, precisa arregimentar cada vez maior número de espectadores, o que é possível fazer? O que é preciso: alguma coisa, tudo. Vir parar aqui onde me encontro. Escrever este livro como aviso às gerações por vir.

Sempre estive ligado ao futuro, ao futuro que se faz presente, é bem verdade, como estas linhas que ainda não existem e passam a existir, como tudo o que luta por nascer. Apenas que desta vez terei de tomar recurso à ira, quando tudo o que quereria seria continuar tomando recurso ao amor. Mas não serão o mesmo, a ira, o amor? O resto, a crua indiferença dos muros, o que não atravessa, não voa. Preciso, porque é preciso, acreditar na guerra de cem anos que terei de travar, e mesmo morto, por motivos que exporei, estarei travando esta guerra. Na verdade, lhes estarei narrando o essencial, o que significa que o estarei fazendo bem mais abreviadamente do que ten-

cionava, por razões diversas. Aflige-me dar logo conta deste trabalho, porque não sei ao certo quantos outros me esperam, mesmo que nenhum. Também porque se agora sou réu, amanhã poderei estar no papel de ofendido e de acusador.

Quanto à última hipótese, acredito que morrerei sem haver resolvido se darei, mesmo que não o dê, este passo, o de acusar. Não gostaria de enlamear-me unindo de uma forma sistematizada o meu nome ao nome dos meus ofensores. Que eu me engalfinhe com eles, paladino, justificando-os por mim mesmo, tudo bem, mas que encarregue o sistema de fazê-lo por mim, mesmo que eu tenha ganho de causa, me pareceria uma vitória melancólica. Não quereria tão pouco, apenas ganhar na justiça, tudo o que quero é fazer uso do meu florete envenenado, um toque apenas, e basta. Seja pois este livro o meu florete envenenado.

Eu vou lutar, com o meu corpo adequado, serei um mestre de armas. Esgrima! Aqui mesmo. Como os meus detentos, que daqui nunca fugiriam e que se propõem a pagar, até o último, o que se lhes imputam, mesmo que à sua compreensão lhes escape a sua culpa, afirmando que daqui sairão homens livres, até mesmo aquele, o mais revoltado de todos, ao qual se atribui uma falta não cometida, pagarei o que devo e o que não devo.

Assim sendo, na sequência, lhes narrarei, como tenho feito até aqui em pequena escala, de uma só vez, como me tornei o homem que sou, que incluirá a história de minha formação, quando o meu destino se decidiu, mais a estranha história do meu casamento; em seguida, a da criação de minha obra, da qual este livro segue como a notícia mais autorizada e das ofensas que, com a velocidade dos golpes do destino, se abateram sobre mim e as terríveis sensações que acompanharam

46 os seus lances inexoráveis... e como poderia declarar-me um homem feliz antes se não os conhecia?; depois, como Nêmesis, valendo-se de mim, guiou-me a fazer o que para mim se apresentava como o melhor a ser feito, livrando-me de empocar-me nas malhas em que estavam enredados os meus ofensores; e por último, conforme o resultado do processo a que estou submetido, o ponto em que por vocês, por você, serei eu deixado para realizar alguns sonhos de minha vida ainda pendentes, o de ver a cara de quem provavelmente pouco espera de mim, mais o do realejo e o da escrivaninha, como numa bela ópera ou num musical projetado numa tela. O que somos nós todos, até hoje, melhor do que reis e rainhas, a confiar na justeza mais do que justa de nossa vontade?

E assim deus me ajude a ir até o fim do fim, porque a única coisa que não podemos permitir a deus é que ele não exista. Vejam-me aqui, de todos o mais precisado, corroído como um ferro pela ferrugem do que me corrói. Depois de tudo! Tão tremenda ofensa! Depois dos peitos da mãe que me amamentaram, dos esforços do pai, da afeição da irmã, do desvelo de Pia, da concordância de Khrista em se casar comigo, do amor de minha filha, da colaboração de minha sogra, dona Maria Joseph, chegar a isso? Logo terei, conheço-me, chegado ao fim deste trabalho, em cinco partes, como os atos velozes de uma tragédia. Mas o que será isso, que pequena gota d'água no vasto lençol de minha indignação? Um contentamento estou certo me virá, serei o grão de areia que fará parar a máquina que me atingiu.

Terei, por outro lado, saudades deste tempo, o tempo de miséria do qual se tem sempre saudade, para isso servem os poetas, para expressarem exatamente o que sentimos, porque nele haverei composto este trabalho, rápido, como compõe



um grande compositor uma música, de outra forma não o conseguiria, e se daqui, por algum motivo me tirarem inesperadamente, causar-me-ão transtornos, porque nesta cela já vivo como na eternidade.

Não há dúvida de que terei imensas saudades do tempo de composição deste livro, como tenho das estações dos demais. Tudo são estações. Isto imediatamente, é isto, a saudade do autor se transfere, é um *transfert*, para a saudade que o leitor possa vir a sentir do livro que está a ler. Pia contava sempre, quando nos via lendo, um episódio que presenciara em Milão. Certo dia ela vira o Duque totalmente enleado na leitura de um romance dos que lhe vinham de Paris. Sua admiração diante do zelo do Duque fez com que ele lhe confidenciasse, quando levantou os olhos, que não podia imaginar que aquela obra admirável fosse terminar. Ao que ela, desejava de socorrê-lo em sua aflição, disse-lhe, mas senhor Duque, ela poderá não terminar nunca, já que o senhor poderá relê-la quantas vezes quiser.

É este, leitor, não o maior, mas um dos legados de Pia. O leitor se encontra em melhor situação do que eu. Condenado a estar aqui, e condenado talvez a sair daqui a qualquer momento, tendo de sofrer outras extemporâneas mutações, somente poderei viver este tempo uma vez, somente poderei fazer este trabalho uma vez, como quando se decide o destino do mármore ao golpe do cinzel. Está pronto. Poderei fazer outros trabalhos, fiz outros trabalhos, mas é um a cada vez, porque somente se pode sentir uma coisa de cada vez.

E agora que tudo protofonizei, posso passar às demais quatro partes do meu trabalho. Não é sem tristeza que me despeço desta. Esta feita. Adeus. Mas o que seria de qualquer obra sem um matiz de doce tristeza que nos faz pensar?

**48** Esta tristeza, para senti-la com mais ardor, vem também de outro fato, a minha desistência íntima de um amor que cultivei como um secreto jardim durante muito tempo e que doerá muito mais em mim se eu próprio não declinar. Disse ontem, 1º de fevereiro, domingo, ao telefone, não nos veremos mais nesta vida. E como sempre quando falamos sério, não nos deram crédito. Como resposta, ouvi, por que?, eu não pretendo morrer, pelo menos agora, e você não morrerá tampouco. Difícil explicar. Despedir-se é indispensável, como um ato ritual. Mas a decisão é irreversível. Não há nada mais triste do que deixar de amar alguém. Mas acontece e para minorar a dor, melhor admiti-lo. Olhei a lua no céu sem nuvens, a foice dourada, e com ela acabei de decepar este amor.

# 2

## A Construção

**N**asci no Rio, e embora conheça o mundo inteiro, igualmente o Brasil, sempre vivi no Rio e não sinto necessidade de viver em nenhum outro lugar. Lembro-me de muita coisa, desde o início, e gabo-me de ver-me a mim mesmo sobre os seios de minha mãe que me amamentava e sobre a imensa cama de casal, amparado por enormes travesseiros. Posso ver também meu pai sobre minha mãe, o seu líquido fluindo no momento de minha concepção e acendendo um fogo. Fui rei até um ano de idade, quando nasceu minha irmã Sandra, mas como havia sido rei até então, nunca se esgotou a minha realeza.

Lembro-me perfeitamente do dia em que Sandra nasceu, embora isto possa parecer inacreditável. Era pela manhã e a notícia me foi dada por uma tia, de maneira um tanto canhestre. Bem se notava que ela pouco conhecia a alma e o coração infantis. Nascera-me uma linda irmã, disse-me ela, chamando-me para vê-la. Já com o coração completamente despeda-

çado pelo que um segundo antes eu nem tinha ideia, apenas para não fazer má figura, fui vê-la, vendo-a toda envolta nos mais trabalhados tecidos, no berço que lhe haviam preparado junto ao leito de minha mãe. Durante a noite eu ouvira sons inusitados, mas nem por um segundo ligara tais sons ao que tinha diante dos meus olhos incrédulos. Venha, disse a tia, ela precisa dormir agora.

Minha inocência continuou total, eu certamente em algum canto de mim precisava conservá-la pelo tempo que fosse necessário e até que estivesse preparado para perdê-la, mas conheci uma dor dilacerante que até então não havia conhecido. E achei injusto que, havendo eu chegado primeiro, alguém pudesse se atrever a chegar depois de mim.

Tão cedo, e nunca seria cedo demais, precisava começar do zero a reconstruir-me inteiramente, e esta lei inicial transformou-se logo na lei de ouro, no segmento áureo de minha vida. Até minha irmã nascer, minha mãe me provera abundantemente de seus cuidados, de suas melhores ternuras. Então estes cuidados e ternuras escassearam, migraram para o novo rebento, os seus beijos pelos quais eu era ávido minguaram, suas atenções mudaram de rumo, chegando ao ponto de ter eu horários para ser levado à sua presença. O que me salvou foi que me providenciaram uma espécie de mãe complementar, na pessoa de Pia, que ficou encarregada de operar a meu primeiro posterior nascimento, dos muitos que ocorreram em minha vida, tão cheia de mortes e de novos nascimentos. Esta foi, das que posso marcar, a minha primeira morte e ressurreição.

Apeguei-me ardorosamente a Pia, ser caloroso, inteligente, amável, e por ser ela italiana, pela primeira vez meu imaginário foi transportado do Rio para a Itália e para a Europa e

**52** uma parte de mim, por mimetismo, começou a tornar-se cosmopolita e europeia. Encontrei-me mais rico, mais diversificado e pelos livros que eu começaria a ler esta aventura cada vez mais se ampliaria, e não cessaria nunca. Poderia mesmo sentir todas as temperaturas do mundo, mesmo no Rio de 40 graus.

Meu maior pavor era ser abandonado por Pia, coisa que jamais iria acontecer, porque ela, que já havia passado por algumas casas no Brasil, se fixou em nós e conosco ficou até o fim. Eu acordava no meio da noite e por força queria que ela viesse dormir no meu quarto, com medo de que voltasse para a Itália. Tolinho, ela me dizia, e após haver pedido consentimento ao meu pai, completava, esta noite eu fico, é como uma festa, um feriado, mas amanhã vou dormir na minha cama, que é bem mais confortável.

Meu pai, que tinha ideias muito próprias sobre a educação dos filhos, não se dava por satisfeito com o sistema escolar, mas nem por isso nos afastava dele. Preocupava-se em complementá-lo, dando-nos professores de línguas e outros que ele próprio inventava e que era, por exemplo, o professor de leitura, que conosco discutia tudo o que líamos, respondia às nossas perguntas, dissertava-nos sobre autores e obras. Havia também um de conversação em língua portuguesa mesmo, e este nós adorávamos. O principal, neste caso, era evidentemente a conversação e não a língua portuguesa. Neste ritmo, logo cheguei a conhecer muito mais do que qualquer professor meu em sala de aula, pelo que desenvolvi, naquele tempo, um ar misto de superioridade e de modéstia que poderia incomodar um pouco os mais sensíveis.

Neste particular de línguas, leitura, fala, redação, meu pai teve mais sorte comigo do que com Sandra, ligadíssima na

escola, nas colegas, nas professoras, nos aniversários, enfim, a todo o sistema social que a escola traz e pelo qual ela se sentia fascinada. Lembro-me dela discutindo com Hermínia que fivela iria usar no cabelo no dia seguinte e arrumando infinitamente a pasta. Quanto aos deveres é verdade que deles dava conta num tempo *record*.

Sempre estudamos perto de casa, do jardim de infância ao colégio, dirigindo-nos a pé à escola, no início acompanhados e já na adolescência sozinhos. Sempre estudamos na mesma classe e por este ano de diferença Sandra teve de se adiantar, correndo atrás de mim. A ideia era a de que eu tomasse conta de Sandra, imagine, alguém tomar conta de Sandra, e na verdade, a vida inteira, Sandra tomou conta de mim. Somente transpus os limites de Ipanema com finalidade de frequentar aulas quando fiz Vestibular e ingressei na Universidade.

Meu pai era engenheiro, tinha o seu escritório e dedicava-se à construção civil. Como era muito competente e uma das pessoas mais inteligentes que jamais conheci, nunca lhe faltou trabalho, saindo de casa todas as manhãs e retornando ao cair da tarde para as nossas reuniões, como as chamava. Eu achava normal, porque não conhecia outros modelos, que ele fosse o melhor esposo, pai e patrão do mundo, interessando-se por tudo que dissesse respeito à minha mãe, aos seus filhos e ao pessoal da casa. Até hoje sinto um pouco de culpa por não haver me interessado mais por sua felicidade pessoal, talvez porque vendo-o tão eficiente julgava-o apenas um apêndice natural de nós. Era também um homem muito bonito, com seus olhos verdes e cabelos negros, lembrando, fisionomicamente, uma mistura de Rodolfo Valentino, James Mason, Mona Lisa e, apelando para um vulto de hoje, Julio Iglesias, cujas fotos, depois de viúva, minha mãe passou sintomatica-

54 mente a apreciar. Dele, Sandra, considerada, como já disse, o mais belo animal da criação, terá herdado a sua estonteante beleza. Era também um homem da máxima estranheza. Quando se sentia incompreendido, punha-se rapidamente irritado, raivoso, saía de si, mas esta brusquidão fazia com que se ensimesmasse em seguida, trancando-se em si por vários dias, até que tudo novamente se punha a fluir. Então eu percebia que talvez por ser excessivamente responsável, esta família de que tanto se orgulhava, lhe pesava demais, e que uma parte dele permanecia inevitavelmente irrealizada e que eu não haveria de querer o mesmo para mim. Uma certa impassibilidade ou mesmo fleugma de que minha mãe era dotada, a capacidade de guardar tudo dentro dela, o seu desejo de não se manifestar, o seu desprezo mesmo pela fala, a sua vontade de manter-se calada, por ser o oposto dele, o irritava, mas pelo imenso amor que lhe tinha, jamais descomprovado, ele a aceitava numa escala bem maior do que ela aceitava os seus arroubos. Esta falha geológica que havia no casal terá colaborado para fixar alguns aspectos de minha personalidade.

Meu pai era também a pessoa mais liberal que se possa imaginar. Quando notava que uma pessoa sabia o que queria e se apegava à sua própria vontade como um molusco, fosse quem fosse esta pessoa, esposa, filho, serviçal, ele movia o mundo para satisfazê-la. Contrariamente, não reagia muito bem ao oposto, a quem não sabia o que queria. Sua imaginação não ia a tal ponto. Preferia esperar que a pessoa descobrisse por si mesma, conforme ele dizia, se desse ao trabalho de entrar em contato com o seu próprio cérebro, decidindo-se a não usar o alheio. E não se privava de citar alguma coisa de *O Príncipe*, de que há três variedades de cérebro. O 1º tipo entende por si mesmo, o 2º alcança o que os outros entendem,



o 3º não se entende nem aos demais. O 1º tipo é superlativo e excelente, o 2º é bom e o 3º é imprestável.

Todas estas coisas e outras tive de observar bem cedo, na verdade desde o início, pois sendo um pedagogo nato, sempre desejei saber exatamente como lidar com cada pessoa individualmente, até, conforme postulei mais tarde, dando-lhe o seu veneno predileto, já que aproveitando a precoce preleção do meu pai, o seu próprio cérebro havia decidido por tal veneno.

A Sandra, de fato, nunca me apliquei muito no início. Entre nós dois corria alguma coisa que corre entre um primogênito e um irmão caçula, no caso, uma irmã caçula, e talvez a vida seja muito curta para trabalhar a abundância do material, não romântico, mas romanesco, que se me punha diante dos olhos, desde a mais remota, remotíssima infância. Se a trago aqui desde já, e poderia cancelá-la por mais algum tempo, já que num romance se pode tudo, é que uma parte do material romanesco que ela me proporciona não é desprezível, também porque sua presença me ajuda a desenvolver a ação de minha trama, e também por um certo orgulho de possuir uma irmã que me faculta, por sua natureza, puxá-la com uma mão e empurrá-la com a outra, que é o que quase todos fazem com quase todos.

Nossas férias, desde a infância, eram passadas ou na Praia ou na Serra. No começo, na praia, meu pai alugava-nos casas de veraneio que me encantavam. Era sempre uma casa diversa que em sua precariedade e improvisação me fascinava. Nos primeiros dias a casa era verdadeiramente recriada, porque uma casa fechada durante todo o ano se destrói por si mesma. Era realizada a grande faxina pelos serviçais, a arrumadeira já chorava de saudade do namorado que deixara na cidade,

56 a cozinheira ainda se adaptava às novas panelas, Pia, no primeiro dia, já me levava ao mar com a ajuda do garoto que carregava as toalhas, a merenda, o guarda-sol, os brinquedos. A casa crescia como um bolo, os colchões eram postos ao sol, as camas se punham coloridas, toalhas cobriam as mesas, todas as ferragens eram azeitadas pessoalmente pelo meu pai com sua almotolia, minha mãe fazia o que sempre fazia, olhava satisfeita. Depois tudo entrava no ritmo normal de uma casa que funcionava, a sesta tinha de ser obrigatoriamente cumprida por minha mãe, por mim e por Sandra, meu pai ficava na cidade e vinha todas as sextas-feiras à tarde para o fim de semana. Tudo vinha à porta, com os praianos montados em seus burricos com jacás, o padeiro com sua enorme cesta, o leiteiro com o seu galão, os pescadores com suas varas de peixe. Era um mundo encantador, novo, sempre reencontrável, reencantável, cantável, encantado, com o qual eu sonhava o ano inteiro e no qual eu agora pisava com firmeza. Mais tarde meu pai construiu a casa que aqui está ao lado e que desde o início foi posta em meu nome. Na Serra, ficávamos em hotéis, Hotel Suspiro, Hotel Floresta, até que meu pai comprasse de um alemão uma casa magnífica, cercada de jardins e de pomares, esta já em nome de Sandra.

Desde cedo ficou mais ou menos tacitamente decidida esta coisa complicada que é um filho prosseguir na profissão do pai, mas na verdade eu não me importava muito, porque das profissões, como profissão, eu não me interessava por nenhuma, dando-me por satisfeito em ler todos os livros do mundo e iniciar minhas práticas de escrita, tanto na escola como por conta própria, e ao que eu soubesse isto não era profissão alguma, e se era assim, servia-me a de engenheiro como qualquer outra. E engenheiro, pois, eu haveria de ser, como fui.

Na adolescência, durante o ano, já que iríamos para a temporada de praia no verão, não íamos, eu e Sandra, quase nunca à praia, dedicávamo-nos inteiramente aos estudos, quando não estávamos no colégio, estávamos com os professores, preparávamo-nos o tempo todo, ano por ano, para o Vestibular na Universidade do Brasil, hoje, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Sandra, como eu, fazia também o Vestibular de Engenharia.

Mas rompida a tal bolsa d'água do Vestibular, Sandra e eu começamos a ficar mais amigos e descobrimos as Pedras do Arpoador. Depois disso ficou difícil arrancar-nos de lá. Adeus, casa de praia, adeus, casa da serra, preferíamos ficar torrando no verão do Rio a abandonar tal sítio adorado. Como cabras, subíamos ao topo daquelas pedras e eu declamava para os céus e para os ventos a minha antologia pessoal de trechos do *Hamlet* de Shakespeare, Sandra dando-me cobertura, como se aquele fosse o mais natural dos espetáculos. Pessoas vinham, pessoas iam embora, e eu lá desatando aquelas belas palavras, muito belas. Compreendi então a grandiosa utilidade de ter uma irmã, porque Sandra, havendo testemunhado minha história desde o início, era, neste particular, imbatível. Quem viesse depois teria de recuperar anos e anos do testemunho ocular de Sandra. E lá ia eu:

O, that this too too solid flesh would melt,  
Thaw, and resolve itself into a dew!  
(I, ii)

O my prophetic soul!  
(I, v)

The time is out of joint: – O cursed spite,  
That ever I was born to set it right! –  
(I, v)

O God, I could be bounded in a nutshell, and count  
myself a king of infinite space, were it not that  
I had bad dreams.  
(II, ii)

What's Hecuba to him or he to Hecuba  
That he should weep for her?  
(II, ii)

Thus conscience does make cowards of us all;  
(III, i)

I must be cruel only to be kind:  
(III, iv)

What is a man,  
If his chief good and market of his time  
Be but to sleep and feed? a beast, no more.  
(IV, iv)

there's  
a special providence in the fall of a sparrow.  
(V, ii)

Em minha estima me parecia que nenhuma obra poderia superar o *Hamlet*. Era a obra de um poeta que escrevera sua poesia sob forma de drama. Lia-o em meu quarto, declamava-o em todas as situações cotidianas, tudo estava lá, podia-se contar com ele para tudo, também porque eu o sabia de cor e era possível dele tudo retirar, poderia relê-lo interminavel-

mente, como, com acerto, recomendara Pia ao Duque, e como se o estivesse lendo pela primeira vez. **59**

Estas nove citações eram minhas pedras de toque. A primeira, a da carne que se desfaria em orvalho, usava-a como uma espécie de ária em todos os momentos de inexplicável melancolia. A segunda, a da alma profética, quando qualquer pressentimento meu se realizava. A terceira, a da missão de endireitar o tempo fora dos gonzos, quando se apresentava alguma matéria de escândalo. A quarta, a dos sonhos maus, para expressar as minhas sombrias intuições. A quinta, a do ator que chora por Hécuba, quando abandonava a ação pelos sonhos. A sexta, a da consciência que nos faz covardes, para dizer do excesso de reflexão. A sétima, quando devia ser cruel para ser bom, justificando algum ato meu que escapava à compreensão. A oitava, a dos que apenas comem e dormem, para exaltar outros propósitos da existência. A nona, a da providência que se manifesta ao menor sinal, como uma advertência para não se deixar de atender a quaisquer deles.

O meu professor me alertava que existiam outras obras dignas de minha atenção. Sim, mas esta é a que eu amo, a que eu vivo, respondia, e continuava, lembre-se que já foi dito que o *Hamlet* é a Mona Lisa da literatura. Conversamente posso também dizer que a Mona Lisa é o *Hamlet* da pintura. Como explicar-lhe o sorriso? Eu explico. Já pela conformação da boca. Então, a minha boca, o meu aparelho fonador, o meu cérebro, a minha alma, tudo em mim veio para acionar este mar de palavras maravilhosas diante do próprio mar e pôr-me em contato com quem as produziu. E para completar minhas ponderações, declamava o Soneto LV:

Not marble, nor the gilded monuments  
Of princes, shall outlive this powerful rhyme;

E durante as aulas contracenava com Sandra em qualquer cena de nossa escolha, representávamos tanto papéis masculinos quanto femininos, revezávamo-nos, ela podia tanto ser Ofélia quanto Hamlet, eu podia ser tanto Hamlet quanto Ofélia, ampliando os procedimentos cênicos de várias épocas da representação teatral.

Nossas relações, que na infância beiravam a frieza, se tornaram ardorosas, fizemo-nos indispensáveis um ao outro, cúmplices, companheiros, e a tal ponto que me parecia terrível a perspectiva de que ela viesse a desposar alguém. Eu inventava árias, motes, que cantava para ela. Ó adorável irmã, não te esposes nunca!, frase em torno da qual fazia mil e uma variações.

Mas íamos namorar cada um para o seu lado. Em nossa turma de Engenharia, havia uma garota de nome Jade, que ainda por cima morava no edifício ao lado do nosso, pela qual eu daria a minha vida, amicíssima de uma outra, da mesma turma, que morava na Glória, pela qual eu não daria muito, já que estava loucamente apaixonado pela outra, esta de nome Khrista. Eram ambas garotas da máxima estranheza, mas apenas porque reparava nelas, já que a maioria das garotas é da máxima estranheza. Eu estava apaixonado pela melancolia, isto é, por Jade, por suas pesadas tranças, que nem sei como as portava e as tratava, tendo de chegar pontualmente às aulas, pela maneira como levava todo o seu material numa imensa pasta, pelas suas olheiras, pelo sombrio dos seus olhos e da sua frente, pela ausência de um só sorriso em sua boca. Dir-se-ia que o mundo a molestava tanto quanto ao Hamlet. Mais as

suas infelicidades amorosas, sempre se envolvendo com a pessoa mais contraindicada, as quais ela confienciava a Sandra, que as passava a mim. Certa vez, ela se apaixonou por um rapaz que conheceu na Cultura Inglesa do Posto Seis, em Copacabana, e que por pura empolgação começou a namorar, levando-o a sério e ele provavelmente tomando-a na brincadeira. Depois de meses de namoro, estavam os dois sentados num banco na Vieira Souto, ela preocupada com a hora de chegar em casa, os pais à sua espera para jantar naquelas noites familiares de Ipanema e da Belacap, quando ele saiu-se com essa: eu não estou aqui para namorar, estou aqui com o meu troço e para encher o bandulho. Ela ficou tão perplexa que saiu correndo e quase caiu no Posto de Gasolina que há na esquina da praia com a nossa rua. Transtornada, em vez de ir para casa, foi até à nossa, à procura de Sandra, interrompendo o jantar e trancando-se com ela no quarto por mais de um quarto de hora. O meu pai preocupado, perguntava a todo instante, mas afinal o que terá esta pobre moça? Afinal saíram de lá e Sandra foi levá-la em casa, voltando logo em seguida. À mesa, ninguém perguntou nada, mas depois Sandra me contou tudo, comentando, não sei o que há com Jade, ela escolhe sempre a pessoa errada.

Minhas chances com ela eram nulas, porque ela não me escolhera, eu que, no meu entender, seria a pessoa certa para as suas noites e os seus dias, para todas as estações do ano, a sagrada melancolia dos seus olhos nos quais todas as interrogações dos humanos. De longe eu teria de acompanhar o seu destino, o que nunca deixaria de fazer, o seu casamento inegavelmente com a pessoa errada, sabe a última de Jade?, me perguntaria Sandra mais tarde, o marido sumiu, deixou-a grávida num hotel na serra, os pais tiveram de ir buscá-la, ela de susto perdeu a criança. Em seguida, ela ganharia uma bolsa

**62** nos Estados Unidos, voltando ao seu término para o Rio, onde faria uma carreira cheia de êxitos.

O Arpoador era o nosso sítio e labirinto. Eu o descobri e comigo arrastara Sandra. No primeiro dia de nossa *villeggiatura* mostrei-lhe a praia adjacente e disse-lhe: está vendo esta nesga de areia?, este silêncio aterrador?, este ar que é o gume de uma espada? É aqui que o mundo acaba. E do lado de lá, onde o Arpoador se faz em Ipanema, é que é onde o mundo começa. A aquela última praia, no início da década dos cinquenta, dei o nome de Praia do Diabo, eu, em pessoa, e como eu praticamente a habitei durante uns dez anos, fiz por valer esta denominação que acabou por pegar e hoje é oficial, depois de ter sido por uma década oficiosa, a minha capitania hereditária, que eu próprio me outorguei e na qual finquei minha bandeira. Minha irmã por testemunha.

Na Praia do Diabo certo dia, lá pelas duas horas da tarde, penetramos na Pedra, numa gruta que lá existe, e nos deparamos com uma festa antropofágica onde havia de tudo, bebida, sodomia, um fogo aceso onde alguma coisa se assava, uma tribo que lá se confraternizava. Ao ver estes dois intrusos, um dos jovens veio ao nosso encontro, com o seu troço, como dissera o namorado de Jade, em riste, procurando acercar-se de Sandra. Como os demais estavam totalmente ocupados, dei-lhe um pontapé no lugar mais indicado possível e saímos os dois correndo para o outro lado da praia.

Ficamos lá ainda um pouco, aliviando o calor com o Jajá de coco e o Chicabon de chocolate da Kibon, até que avistamos nossa mãe, que, preocupada com nossa demora, viera nos buscar, ladeada de Pia e de Hermínia. Era um espetáculo digno daquela década. Hermínia com o seu torço, suas sandálias e seu vestido estampado solto e longo, segurando uma sombri-



nha japonesa que meu pai trouxera para a decoração da sala, mas que ele permitia que ela usasse na rua, minha mãe de saia e blusa, com seus sapatos *easy-goers* e um chapéu de palha de aba com fita de gorgorão da Sloper, e Pia de uniforme azul com um sólido guarda-chuva italiano, na cor *brick*, de cabo de madeira e fortes varetas, que lhe fora presenteado pelo Duque e do qual ela não se separava.

Mas mãe, dizia Sandra, a senhora... Mas vocês, dizia minha mãe, pensei que houvessem se afogado. Então é por isso, disse eu, mas agora a senhora já sabe que não nos afogamos e pode voltar para casa. Não, vocês agora vão voltar comigo, você está levando Sandra para o caminho errado, vocês vão acabar perdendo o ano. Mas mãe, disse, Sandra, nós já sabemos tudo o que todos eles não sabem, o mais difícil seria perdermos o ano, a senhora nada conhece dos seus filhos. Voltamos. Mas quem levaria Sandra para o caminho errado? Sandra é que levaria qualquer um que ela quisesse para os seus caminhos.

Sandra. Eu cantava óperas inteiras com o seu nome. Sa-aan... draaa! Do Dó ao Si. Parecia-me o único nome possível para uma irmã. E, no entanto, antes não seria nada. O tempo lhe foi imprimindo significados mil, recamos, pátinas, entretoms, nuances, entremeios, matizes. O primeiro eu não deixaria passar, quis sem dúvida saber como por coincidência lhe fora dado o único nome que eu julgaria possível. Somente por coincidência, a que também podemos chamar de milagre, ou de providência, poderia ter sido. No caso do seu nome o étimo era absolutamente original e privado. Quando a ama a conduziu, já toda banhada, após a sua primeira *toilette*, para apresentá-la ao pai, foi a seguinte, ao seu modo, a sua apresentação: ela é sã como uma pedra. Sandra, disse o meu pai, e este ficou sendo o seu nome.

Já era uma tradição, ou quase, escolher o nome de acordo com alguma coisa que acontecia no nascimento. A origem do meu nome até agora era um segredo de família, que ora revelo. Disse meu pai vendo minha mãe dar-me o seio pela primeira vez: uma dádiva de deus. Disse minha mãe: a dádiva de deus é a vida. Meu pai concluiu: a vida de David. Assim tive nome.

A vida toda preocupei-me com o enigma das nomes. Nomes que não eram, todos, e se tornavam, de tanto pronunciado pelo próprio e pelos que o amavam. Era uma beleza posterior, aprendida, e não prévia. Que bom descobrir: como é belo! A beleza é sempre forjada. Porque um nome se rala, se carda, se amanha, é com som-amor, assim adquire textura, luz, cheiro, cor, torna-se num tecido precioso, rico, recheado de tempos e de espaços. Que triste é ter alguém ao seu lado que de tanto negá-lo tem dificuldade em pronunciar o seu nome, ou nem o pronuncia, de tanto o sonega, e quando inegavelmente o pronuncia, quase sempre porque necessita do seu auxílio, é como um engasgo, uma deglutição, um soluço, como se lhe extraíssem um dente. Por que você(s) não repara(m)? Então melhorariamos o trato uns com os outros, já que ao nosso lado está um indivíduo alerta, ele tudo nota, um romancista ao vivo, mesmo que não escreva livros, ele tudo percebe e também percebe como lhe pronunciam o nome, como se o beijassem, ou como se lhe dessem uma bofetada. O Sábio de Viena estudou muito bem isso nas suas Obras sobre o cotidiano e sobre os jogos com as palavras. Com ele, o que não era antes, porque invisível, ficou sendo, ele o visibilizou, trouxe à luz, trouxe à vida. Depois houve todas aquelas leituras em França, etc., mas foi ele o grande inventor, o grande e melhor *fabbro*. Vá lá na fonte e comprove por você mesmo, dispensando atravessadores e intermediários.

Sempre voltarei a este tema do nome, o grande segredo é este, a composição por temas, desdobramentos, variantes, variações de Bach, arte da fuga, recorrências de Wagner, o que evita a monotonia, o tédio, as conexões automáticas, mecânicas, tudo se torna variado como numa floresta que é pisada pela primeira vez, nunca antes, bafejada pelo sopro dos primeiros exploradores, você, eu, e por que mais seria preciso do que dois? E serão sempre dois, a cada vez, mesmo que sejam milhares.

Amarro-me na poesia dos nomes. Na verdade, amarro-me em poesia. Parece-me mesmo o único gênero possível. Ou, pelo menos, o seu oposto, a tragédia, que corrige a ausência de poesia... por poesia, já que tem a velocidade da poesia. E assim narro, entre a poesia e a tragédia, evitando pela poesia a tragédia. O drama, dispenso. Certa vez ouvi uma fala, de passagem, pois as coleciono, faz parte de minha maneira de viver, não romântica, mas romanesca, foi no Aeroporto, aeroporto é pródigo em tais falas, ... estou só... vou morrer só.

Ora, ora, morrer é só mesmo, não me consta que ninguém o houvesse feito por outrem, exceto em algumas lendas em que alguém toma o lugar de um outro. Missão cumprida por alguém, missão a ser cumprida por todos os sobreviventes, a caminho da mesma gare. Por isso amo também a ópera, a transformação de todas as dores em canto, e até para a morte ir cantando. Assim, versos... versos leves que evanescem, dissipam-se, transformam-se em ar da manhã, em ar do amanhã, e tudo o que se pode esperar de um futuro, do qual já se tem saudade, são versos.

Ó mãe, como poderíamos perder o ano, o regime era anual, ou até perder de ano como se dizia? Ó mãe! Estávamos a caminho da formatura. Estávamos defendidos pelo pai. Fazia parte

66 das tábuas da lei doméstica que o pai promulgara o direito ao imaginário. Ele tinha coragem, dizia que nada de mau iria acontecer, pelo contrário, isto traria tudo de bom. Não sejam tiranos, ele dizia. Ensinava a todos: com David você tem de acompanhar o pensamento dele, não apenas as palavras, para não ficar atrás.

Pia contava e recontava as representações que os cinco filhos do Duque encenavam em casa e como nós éramos dois, representávamos cenas do *Hamlet* para um ou dois atores, em inglês, em português, todos os solilóquios malaxados, triturados, sovados por mim ou por Sandra, ou episódios entre Hamlet e Ofélia, entre Polônio e Laertes, intercambiando os papéis, ora eu, ora ela. As roupas improvisávamos, de acordo com as gravuras que possuíamos, até com tecidos que prendíamos com alfinetes ou alinhavávamos com linha e agulha. Eu compunha Sandra e ela me compunha. Com o tempo inventamos variações bachianas, variantes wagnerianas. Na cena do cemitério, quando Hamlet faz finalmente sua declaração de amor a uma morta que não pode aproveitá-la... Eu amava Ofélia... *I lov'd Ophelia...*, ficávamos loucos de pena, então Ofélia se desencantava e saía do túmulo, toda envolta em branco, com uma tiara de flores nos cabelos e caíamos um nos braços do outro. Todo final de ano escolhíamos uma cena e a representávamos para os nossos pais, caracterizados a capricho e esta nossa variante foi de todas, segundo me lembro, a que causou maior sucesso. Hamlet é destino. Hamlet é tudo. Hamletizar às vezes nos deixa esgotados, como se houvessemos levado uma surra. Mas depois nascemos de novo.

Muito do meu tempo continuava sendo dedicado à leitura. Em minha convicção, o leitor é tão único quanto o autor, porque cada maneira de ler é estritamente individual. Somen-

te eu poderia desferir o favorecimento do meu olhar àquelas linhas que lia, do contrário do meu olhar é que elas ficariam privadas, e ah!, quanto sentiriam falta, elas me queriam, elas me desejavam, somente o meu olhar poderia, como na minha variante, a declaração de amor de Hamlet, traz Ofélia à vida, trazê-las à vida.

Inventei ainda uma maneira nova de ler obras antigas, segundo o meu próprio processo de composição, por motivos. Se a ação me enfarava, pelo seu mecanicismo, fazia de conta que a sua estridência não existia, e lia pedaços, tornando-os autônomos e independentes, como fazem os ouvintes com a música, escolhendo uma frase, que fazem sua, como compõem os músicos que, como eu, compõem e leem, detalhes, trechos, e à noite, em vez daqueles famosos chás para dormir, ficava a recordar a minha valiosa seleção, e toda seleção é autoral, e logo me vinha o melhor dos sons. Lembro-me de uma, e não vou dizer de que obra ou autor, porque assim você já terá caça para a vida inteira e ao encontrá-la poderá dizer com justiça *eureka*. E se não encontrar, dará no mesmo, porque a coloquei aqui especialmente para reparti-la com você. É uma cena em que uma criança chora e procura observar no espelho a evolução do seu próprio choro, inclusive conferindo-lhe certas paradas, para que possa melhor observar-se. Pronto, um tesouro para toda a vida. E quantos não terei acumulado... de modo que nunca me falte o sono e possa dormir tranquilo.

Fizemos Sandra e eu um pacto, que nos casaríamos no mesmo dia, para que nenhum ficasse ao desamparo. Neste particular, fico pensando naquele romancista, ainda assim um dos maiores, que dispensou o irmão na representação do seu conjunto de obra. Temos mais espírito do que isso, ou somos menos infantis, por certo, nesta altura do século. Enor-

**68** mes diferenças dele me separam. Num certo ponto da obra diz ele que poderia penalizar-se do pior dos crápulas porque em suas entranhas ele estaria sofrendo como qualquer homem. Imagine! O que aprecio em qualquer homem, se é de qualquer homem que se trata, é sua capacidade de sofrer pelo outro. Empatia, caro! Minha primeira oração em criança: protegei-nos a todos.

Outra diferença é que gosto de trabalhar os meus troços, realmente uma palavra multifacetada, vejo agora, até que, não que estejam, nada jamais estaria, os dê por terminados, e sem que nenhum olho humano os veja antes de publicados, coisa realmente impossível, sempre alguém os lera previamente, roubando-nos por prazer ou por necessidade, como de fato veio a acontecer, sendo a segunda hipótese mais aviltante do que a primeira, caso seja possível graduar tal tipo de aviltamento. O primeiro seria possivelmente mais para o lado do perverso, e o segundo mais para o lado do usurário. Oh minha alma profética! Porque sinto uma grande precisão de variedade, e como sou extremamente lábil como todo poeta, apenas que dedicado à narrativa, e não há narrativa moderna sem esta combinação, que de nenhuma forma é uma fórmula, tenho de encerrar totalmente um troço para me dedicar inteiramente a um outro. Uma coisa de cada vez, não é possível utilizar cérebro e coração para duas coisas de tal monta ao mesmo tempo. Tudo isso para respeitar o caráter sacral do papel em branco, no qual deslizará para preenchê-lo a minha mão.

Chego agora a uma nova curva do meu itinerário, que foi a substituição em minhas paragens interiores de Jade por Khrista. Na verdade, nunca havia reparado nela, até que um dia, cansado da indiferença da outra, olhei-a de súbito e ela me pareceu, pelo simples fato de olhá-la, ainda mais estranha

do que Jade. Pronto, ali estava, à minha disposição, todo um continente indesbravado ao meu desvendamento. Khrista, uma garota miúda, que batia no meu ombro, também da nossa turma da Faculdade e que frequentava o Arpoador, já que todo o mundo que era todo o mundo frequentava o Arpoador, com sol, e mesmo quando o tempo ficava gris, ventava forte, as ondas aumentavam de altura, ainda assim cada um estaria lá, fiel como o frequentador de um antigo salão, ou de alguma dama, em cujo endereço entregasse todos os dias o seu cartão.

Khrista, tudo era novo, pequena, esguia, seu cabelo de milho, curtíssimo, seus olhos verdes, ela chegando da Glória onde morava com a mãe no seu jipe. Mas por que um jipe?, eu perguntava. Foram as quatro rodas que consegui, dizia-me ela, e mesmo isso era novo. E a Glória! Que bairro, que mistério, lá em cima, no centro, e alto!

Depois de um destes dias cinzentos em que começamos a conversar no Arpoador, nunca mais a deixei. Ia atrás dela em qualquer lugar que marcasse, e não era fácil, dedicava-se à mãe, e o pai, que era alemão, voltara para a Alemanha, empenhava-se 100% nos estudos. E estranha, estranhíssima, não dava para entendê-la bem, não tinha os interesses comuns das garotas, extremamente simples, no comportamento, nas atitudes, no trajar-se. Sandra dizia, mas você não pensa que Khrista esteja em suas roupas?, pensa?, quanto a mim, vejo-a de piteira e de pingentes de brilhantes, nem sei como o aceitou, que eu saiba nunca namorou antes. E ria. Mas cabia a mim vir a entender Khrista, e eu queria muito. Justamente a sua opacidade me seduzia. Como seria chegar a ela?

Talvez ela nem fosse tão estranha, seria apenas uma alemãzinha, com sua objetividade, seu senso prático, sua maneira de escolher rapidamente o que iria pegar, fosse numa loja

70 ou onde fosse. Era um modo de vida, novo, inédito, original, que eu conhecia através dela, tudo muito claro, direto, deixando a parte obscura cada vez mais velada por pesadíssimos reposteiros.

Decidi rápido. Quando me casasse, seria com ela, eu via solidez no que poderia quem sabe provar-se o oposto. Mas isto teria de ser quando nos formássemos, começássemos a trabalhar e também Sandra encontrasse o seu par.

Falei-lhe sobre isso e se ela me aceitaria. Disse-me que eu teria de ser aprovado por sua mãe e assim começamos a falar sobre esta primeira visita, que finalmente nunca era marcada. Mas qual o impedimento?, eu perguntava. Nenhum, ela dizia, é que ainda não compreendo exatamente o que seja casar-se. Não seja por isso, dizia-lhe eu, haverá uma cerimônia, deixaremos a casa de nossos pais e iremos morar na nossa. Está bem, podemos então marcar a data da visita para que minha mãe verifique se posso ser sua esposa.

Havia alguns detalhes a acertar. O cuidado de Khrista com a mãe era o cuidado de uma mãe com uma filha. O pai, um engenheiro urbanista alemão viera para o Brasil e casara-se com esta brasileira descendente de franceses e quando Khrista contava quinze anos, decidiu retornar à Alemanha para ver o que restava do seu país. Mas dona Maria Joseph não quis acompanhar o senhor Johann Joseph de volta, por nada deixaria de morar no Rio de Janeiro, na Glória, de preferência, bairro onde nascera e fora criada. Assim ficaram as duas exatamente onde estavam e ele partiu para Berlim, de onde dava assistência à sua família.

A visita foi marcada por Dona Maria Joseph para um sábado, às cinco horas da tarde. Mas as recomendações eram tantas que me deixavam estonteado. Por favor, David, não fale



sobre isso, não diga aquilo, para não realçar a ausência do pai. Não leve flores, ela poderá achar que não combina com a sua decoração. Mas tenho de levar alguma coisa, o que vou levar? Não leve presentes caros, ela poderá achar que não é o caso. Mas afinal, o que levo? Leve uma cesta com frutas da estação, ela vai adorar.

Aí começou a grande aventura. Pia foi comigo para escolher uma cesta adequada, o tecido com que seria forrada, então ela começou a querer colocar algumas fitas, que acabou colocando, e entre as frutas, algumas flores feitas de seda pura, são as lembranças, dizia ela, alguma coisa para guardar. As frutas teriam de ser compradas no dia, Pia as comprou, haviam de ser maçãs acondicionadas naqueles papéis de maçã, peras, o mesmo, e outras frutas resistentes, melões de vários tipos, uva moscatel, bem protegida, e que mais?, que mais?, interrogava eu ansioso, acho pouco, pouco?, mais do que isso vai ser de mau gosto, ela dizia, um exagero. Sabe, Pia, viver às vezes é de um tremendo mau gosto, um exagero em si mesmo. Estou falando é de frutas, dizia ela, diligente. E não estou gostando nada disso, nem dormiu direito, madrugou, vai parecer um tresnoitado nesta visita. Que cesta linda!, exclamavam em casa todos os que passavam pelo *hall*, enquanto eu me aprontava.

Cheguei pontualmente, eu próprio deposei a cesta onde me pareceu o lugar mais adequado, para que as duas não precisassem pegá-la, e o ar ficou com aquele cheiro delicioso de frutas. Que linda!, diziam a uma só voz. E fui abraçado, beijado, como tanto desejava. Na mesa redonda, vi um serviço maravilhoso, todo arrumado, daquilo que eu sonharia como uma recepção para tal horário. De tão primoroso parecia-me impossível tocá-lo. Havia numa poncheira de cristal, com a respectiva concha, um ponche convidativo, e em torno as xí-

72 caras correspondentes. Em finas porcelanas, salgadinhos dos mais diversos tipos e formatos, entre os quais o meu predileto, fios de ovos com presunto. E em pequenas salvas de prata, docinhos dos mais diversos, sobressaindo-se o mais fino, o de nozes. E havia um bolo, que trazia de volta todas as infâncias, o tronco-de-árvore. Estavam as duas elegantíssimas, dona Maria Joseph num vestido amplo e florido e Khrista Joseph num vestido branco que lhe realçava a figura. Olhar a mãe era olhar a filha, e de tão parecidas que eram, olhar a mãe era olhar o futuro da filha numa figura esbelta e jovem.

A conversa fluía como se sempre estivéssemos estado os três juntos, ou caminhássemos inevitavelmente para este momento. Era uma convergência prevista. Estávamos os três juntos... para toda a vida? Quem poderia dizer? À Khrista eu faria mãe, à dona Maria Joseph, duas vezes mãe, o que diziam ser uma avó. Eu me sentia um filho, tanto quanto um namorado.

Falamos sobre a Formatura que se aproximava, quando estaríamos todos reunidos no Teatro Municipal. E sobre começar a trabalhar, iniciar uma carreira e, já com tudo encamiñado, fundar uma família. Mas dona Maria Joseph procurava conter o meu ímpeto, o que me punha ainda mais admirado: ainda há tanto a fazer antes, tanto! Mas sempre se tem de começar, dizia eu, e queremos o seu consentimento para namorar firme, a sua aprovação, a sua bênção, conforme diz Khrista. Pois já a têm, tiveram-na desde o início, quando Khrista me falou... e por que não vamos agora ao nosso ponche? E nos dirigimos para todas aquelas delícias como se eu nunca na vida houvesse delas provado.

Na volta, lá estava Pia, acordada à minha espera, para que eu tudo lhe contasse. Foi um sucesso, um sucesso maior do que uma estreia de ópera no Scala, dizia eu, abraçando-a

e quase a levantando do chão, amanhã conto o resto, mal vou conseguir chegar à cama.

Longe ia o tempo de Jade, longe ia o tempo de um amor todo feito de melancolia. Mas também havia e haveria sempre a saudade deste amor, o amor do impossível, um raio de luz que dele emanaria. Com Khrista o amor seria uma seara. E havia também o terrível ciúme que dela eu sentia, já que tudo para ela se apresentava, não como natural, mas como naturalíssimo. Suas amizades incomodavam um pouco, porque ela era amiga de todo o mundo, o mundo inteiro precisava de sua ajuda e de sua maternalização. Por que você tem de ir por aí maternalizando todo o mundo, aconselhando todo o mundo? Porque eles me pedem, explicava ela. Boa razão, eu dizia, boa razão. Rapazes, moças, indefinidos, todos entravam na dança. Todos precisavam ouvir a opinião de Khrista, verificava eu enciumado. Ela era um modo de vida que convencia, que exercia um fascínio, um poder de sedução. Perto dela a vida se tornava em algo viável e não haveria dilema que ela não pudesse encaminhar de uma maneira imprevisível.

Chegou enfim o dia da solenidade de formatura no Municipal. Eu, Khrista, Sandra, Jade, todos nós lá, de beca, o parainfo fechando o discurso sob estrondosos aplausos com Fernando Pessoa: Valeu a pena? Tudo vale a pena/Se a alma não é pequena. E foi a partir de então que estas fortes palavras, por ele vocalizadas, se fizeram na específica senha de nossa turma.

Todos começamos a trabalhar, terminado o verão. Eu e Sandra no escritório do nosso pai, Khrista ficou sendo a representante do seu pai no Brasil, para quem fazia pesquisa sobre urbanismo, coisas bem sofisticadas que beiravam a antropologia e a medicina, ocupação privada de espaços públicos, sua

74 relação com festejos populares por desobediência dos feriados oficiais, poluição sonora, indústria cultural, música ambiental, ensurdecimento gradativo das populações, mal-estar urbano, etc., pelo que ela devia frequentemente viajar para outros estados do Brasil, sobretudo para o Nordeste, onde este verdadeiro *boeuf à la mode* era ainda mais disseminado. Na verdade tudo se encaminhava para que ela escrevesse uma tese, aqui ou fora daqui, sobre a relação entre todos estes fatores. Sugeriu um título: “*Genius loci* e vida urbana no Brasil”, que ela prontamente aceitou e que na verdade bordejava os meus temas literários, sob sua forma científica.

Quanto a mim e a Sandra, a coisa era bem mais prática, uma ajuda necessária ao pai, longamente aguardada. A função de Sandra logo se tornou mais administrativa do que tudo, enquanto eu trabalhava no Departamento de Plantas, ficava em minha sala e ia da prancheta à mesa, onde prosseguia com a elaboração dos meus papeluchos, que já vinha da mais remota infância, quem sabe da Maternidade.

Com referência ao mais, não havia grandes modificações, a Faculdade fora substituída pelo Escritório, a fidelidade ao Arpoador continuava indesmentida, seu fermento era indispensável para o que eu pretendia criar. Começaria em pouco com colaborações em jornais que se acentuariam lá pela final da década, tornando meu nome bastante conhecido.

Tudo vinha, também um pouco atrás de mim, ao Arpoador. E vinham uns atrás dos outros. Um nome chamava um análogo nome, como costuma acontecer, e atrás de Walmor vinha Walmir, desde lá de cima, da Vieira Souto beirando com a Joana Angélica. E atrás de Lúcio, falando em várias línguas, vinham Ruth, Marly ou Clarice. Depois, atrás de Mário vinha Rui, atrás de Vera vinha Reynaldo, atrás de Hilton, Francisco,

atrás de José Américo, Constantino, a banda completa para tornar o *locus* cada vez mais interessante. 75

Eu queria me casar e até me mudar para outras paragens, um pouco mais para cima pelo menos, para o Leblon, acreditava que isto me traria uma necessária mudança de vida, começava a cansar-me daquela habitação na Pedra que se encaminhava para uma década. Mas além do *ainda não* de Khrista, esperava que Sandra firmasse o seu compromisso com o seu candidato, descendente de sírios, que em nossa casa era conhecido como O Turco. Turco, não, dizia Sandra, brasileiro, filho de sírios. Mas não adiantava, era o Turco, e turco permaneceu, trazendo de qualquer forma orientes para o nosso clã. Somente assim poderíamos concretizar o nosso pacto de nos casarmos no mesmo dia.

O que não tardou a acontecer, porque onde encontraria ele melhor companhia do que Sandra?, exceto se fosse um tolo, o que absolutamente não era, competente ao extremo no seu mister de exportação e importação. Sandra, naquilo que era uma verdadeira veia familiar, a empatia, logo seria uma odalisca, se necessário fosse. Mas por enquanto preocupava-se por conhecer toda a bibliografia culinária oriental, para que melhor pudesse dirigir sua cozinha, organizar as recepções que já se previam em sua casa para os clientes internacionais do futuro marido. O Turco estava levando tudo mais do que a sério, construía um edifício de cinco andares na Lagoa, onde iriam morar. E por que não uma casa?, perguntavam a ela. Na verdade é uma espécie de casa de cinco andares, moraremos no último andar, teremos um *deck*, piscina, e os demais ficarão desocupados, Allan não quer ter vizinhos. Que filosofia habitacional, comentava meu pai, que filosofia! E Sandra continuaria a trabalhar, isto foi a única coisa de que ela não

76 abriria mão, pelo que respirei aliviado, minha participação no escritório estaria sempre complementada pela dela.

Começaram os preparativos para o casamento, que seria um *réveillon-casamento*, no dia 31 de dezembro. E seria em nossa casa, meus pais não cederiam, por causa de Sandra. Fica muito mais fino, mais íntimo, aprovava Pia.

Todos inusitadamente de branco num casamento, convidados e noivos. Branca, a cor luminosa, a cor sagrada. Tudo luzia, era um só diamante, dos pingentes dos lustres de cristal às taças, às pessoas, um inconcebível dilúvio de luz, tecidos flutuantes, adereços. Um deslumbre, no qual seria bom viver diariamente imerso.

Já estávamos casados desde a véspera, no cartório da Xavier da Silveira. Em casa, foi a festa de que ninguém esqueceria, no dia seguinte, logo após o casamento religioso, dos quatro sins pronunciados. Sim, a mais bela das palavras. O sim de Khrista foi simples, mas o de Sandra foi composto... sim, aceito.

Dois bolos diferenciados em sua alvura de cisne para dois casais, tudo duplicado e mais forte. Pequenas gotículas de suor eram como pérolas na frente das noivas. Leves lágrimas eram contas nos olhos dos noivos.

O apogeu foi a dança, uma coreografia estimulada pelos nubentes. Dancei eu com Khrista e Allan com Sandra. Depois dancei eu com Sandra e Allan com Khrista. Depois, Sandra com Khrista e eu com Allan. E voltamos depois ao par inicial. Todo aquele albor refletido no albor geral era um enorme albor, como num sistema de mil espelhos. Logo todos começaram a dançar com seus respectivos pares, tules, gazes, opalas, luas. Em seguida, as trocas universais conforme havíamos induzido. Era lindo de se ver, um novo tipo de confraternização,

o nosso mundo novo que começava, um novo mundo que fa- 77  
zíamos começar.

À meia-noite, tudo se reencantou. O relógio antigo da sala soava a hora nova. Novo novo novo, somente agora eu assimilava o significado desta indispensável palavra. Tudo era novo e o que não era, era também, se renovava. Última das doze badaladas. O caos que era uma nova ordem: um oceano de saudações, beijos, abraços, cantos. “No céu, na terra, onde for, viverá o nosso amor”. Amoor, o que não é lixívia. O suor que jorrava com as lágrimas. Era como nascer no mar.

Era a hora para mim e para Sandra de deixarmos aquela casa e nos dedicarmos à feitura de outras. Os convidados em alas, saímos destinados a todas as glórias. O nosso apartamento no Leblon, na Rua Bartolomeu Mitre, bem junto à praia, nos esperava. E o deles, na Lagoa, na Epiácio Pessoa, da mesma forma. Nossas viagens seriam a vida toda, pensávamos, mas agora iríamos para casa. Nosso calendário, sempre diferente do calendário de todos.

O ano era novo, e tudo era novo, a localização das peças, dos banheiros, dos comutadores de luz. A mudança já havia sido feita antes, tudo nosso estava lá, roupas, livros, o abastecimento da casa havia sido cuidado nos mínimos detalhes por Pia. Junto ao aquecedor, estariam os fósforos. Nas pias, os respectivos tampões, os sabonetes. Nas latas, os mantimentos. Na geladeira, leite, sorvete e frutas. E assim ao infinito. Este código se acrescia a todos os demais códigos. Antes que Khrista desvestisse todos aqueles paramentos, olhei-a mais uma vez. Os cabelos partidos ao meio e cortados em fio reto brilhavam sob a guirlanda que segurava o véu curto. Se ela mexia de leve a cabeça, os pingentes de cristal nas orelhas dançavam. No seu vestido branco ela parecia emitir uma luz que vinha desde

78 dentro. Ela também me olhou todo em branco e mutuamente nos fotografamos com os olhos.

Depois ajudamo-nos a nos desvestir no quarto de vestir e nos banhamos juntos num dos banheiros em água quente e depois fria, para com o banho nos pormos completamente nus de verdade e nos enxugamos mutuamente. Então aquela mulher com quem tencionava viver o resto de minha vida e eu fomos passar umas oito horas na cama, entre beijos, arrulhos e falas, para pegar, em ritmos variados, do prestíssimo ao lento, um começo de prática do que levaríamos o tempo todo para aprender. No final de tantos desforços, voltamos em pensamento ao Arpoador, onde tudo começara. Em breve iremos até lá para uma visita, disse ela, mas agora vamos pendurar nossas roupas no armário e preparar a nossa primeira refeição.

Khrista era a competência em pessoa e eu gostei disso. Tudo era rápido, limpo, terminado e feito da maneira mais abreviada possível. Então quando nos sentamos para o nosso primeiro ágape, o tempo era interminável. Logo começamos a falar dos assuntos de sempre, a pesquisa dela, na qual ela me engajara, porque também a mim interessava. Precisamos descobrir o mistério desta rua, eu disse. Que mistério?, indagou ela. O mistério que existe em todas as ruas, em cada uma delas, esta parte já pertence ao meu trabalho e completa o seu. Para isso precisamos andar um pouco pelo quarteirão, em horas bem diversificadas, pois a cada hora existe um mistério diferente, ao nascer do sol, ao meio-dia, às três horas da tarde, ao anoitecer, à meia-noite, de madrugada. Então saímos para o nosso primeiro passeio e rodamos o quarteirão, ficando um pouco mais na praia, na Delfim Moreira, em frente ao mar. Veja, o cheiro é totalmente diverso do cheiro de Ipanema, sua cor é verde, o odor dos peixes no mar chega mais intenso até nós, é um chei-



ro diferente, um cheiro Leblon. Ao voltarmos, agora que ela era como uma criança, em sua bermuda e camiseta brancas, suas leves sandálias, pude com naturalidade dizer-lhe espere e carreguei-a nos meus braços para dentro de casa.

Ela estava grávida. E logo começaria uma gravidez bastante penosa, ela enjoava demais, até da água enjoava, e era uma gravidez que por ela não fora planejada e nem lhe passara pela cabeça. Apenas não a evitara.

Seu humor mudou e logo percebi que ela jamais dera muito pensamento a esta coisa de ser mãe. Ela própria dizia: eu ainda estou chegando a ser uma filha, esposa eu comecei ontem, como é que vou dar conta de tanta coisa? Sentia-me um pouco perplexo, porque a mim ser pai me parecia absolutamente natural, por que se precisaria pensar tanto nisso? Mas para ela já se apresentava como uma perda de espaço. Nem me atrevi a perguntar quantos filhos teríamos, entendi que para a felicidade dela este deveria ser o único. E feliz ela haveria de ser comigo, o que é de um homem se não consegue fazer feliz sua mulher?

As pausas é que valiam e vi que ela talvez tivesse razão no seu desejo de ter uma vida inteiramente comigo. Nossas conversações eram sem fim, como se nos houvéssemos casado basicamente para isso, para sermos interlocutores um do outro. Tínhamo-nos com sofreguidão, e o que vinha depois era emoção pura. Eu lhe contava minhas histórias, porque ela me pedia, emprestava-me seus ouvidos. E nossas mútuas perguntas eram o mote de minhas narrativas. Conte aquela, ela dizia. De novo? Sim, eu quero, nunca sai da mesma forma. Um dia perguntei-lhe qual fora o momento mais feliz de sua vida. Ah, foram tantos, acho que toda a minha vida foi feliz, teria de contar a minha vida inteira. Vou contar o mais infeliz, foi

**80** quando meu pai voltou para a Alemanha. Minha mãe concordou, mas então foi pior, tinha sempre aquela cara de choro, mas não chorava. Meu pai todo entusiasmado, preparando tudo, fazendo planos. Eu no meio dos dois. Era de cortar o coração, de dar dó. Mas ele vai voltar algum dia. Estou mandando para ele tudo o que me pede, é bom para mim também, para a minha tese. E você, qual foi o momento mais feliz de sua vida? Também foram muitos, mas vou escolher um. Foi durante a semana anterior ao nosso casamento, quando viajei para ficar sozinho e pensar tudo o que tinha a pensar. Então, recém-chegado ao lugar para onde fui, que não quero dizer onde é, na casa emprestada por um amigo, inteiramente só, sem qualquer ajuda, percebi que havia chegado ao momento fundamental de minha vida, o de aprender a ficar só e que dispunha de uma semana para isso. Não podia contar com muita coisa, a casa estava limpa e organizada, cabia a mim abastecê-la, pelo que agradei aos céus, já era uma maneira de estruturar o tempo. O mar estava ali em frente, o oceano era o mesmo, mas não era o meu mar, o cheiro era um misto de sêmen e de coco, não quis usá-lo, precisava iniciar uma vida nova, sem mar, comigo mesmo, queria aprender rapidamente aquela casa, aquela cidade, de onde logo sairia. Não havia todo o tempo do mundo, mas o ritmo desta aprendizagem não poderia ser apressado, teria de acontecer por si mesmo. Aquela cidade precisaria de mim pelo menos mais de quatrocentos anos, como precisara de seus habitantes. Mas eles tampouco a conheceriam, com a displicência dos que nasceram num lugar como se lá houvessem nascido por decisão própria. Então aquela cidade precisava de mim e tudo o que eu lhe poderia dar no momento seria uma semana. Por isso mesmo resolvi ir com calma, deixando que tudo brotasse por si mesmo como

uma fruta ou uma flor. Eu tinha certeza de que iria acontecer antes que eu partisse. Então, no último dia, a caminho do aeroporto, no táxi, olhei, de esguelha, o motorista, ao lado do qual me sentei, deixando o banco de trás para a mala. Era um rapaz alto e moreno, nem jovem nem velho demais, em sua calça cáqui e em sua camisa creme de manga curta, que com habilidade manobrava o volante, tendo os pés descalços, mantendo-se no mais completo silêncio. De repente, entendi com a maior clareza o que era liberdade, era permitir-se o que ele se permitia, sobretudo o silêncio diante de um estranho a quem ele apenas prestava um serviço antes que o prestasse a um outro. O rádio tocava em surdina uma canção em inglês, que de súbito me pareceu a mais bela do mundo. Olhei então o mar, com sua cor entre verde e azul e vi ao longe alguns barcos à vela que me pareceram cumprir uma regata. As ondas batiam nas pedras, deixando-as brilhosas e lavadas, e junto a um rochedo mais alto uma se ergueu e o ultrapassou, e eu a fiquei olhando enquanto era ainda onda, cortina de renda e espuma, antes que se desfizesse em água. Achei este momento, no bojo de todos os momentos, o mais deslumbrante. Na calçada, uma mulher caminhava, baixa, gorda, os cabelos acaju, ela se movimentava como por mágica e com a mais estranha leveza, permitindo-me compreender pelo contraste entre a sua massa e a sua quase levitação, não apenas a máquina, mas o poder de determinação da criatura humana que ali se exibia na progressão determinada de cada passo seu, que nada poderia deter. Minha visão se tornou poderosíssima e pude vê-la em todos os seus detalhes, sua sandália de couro, seus fortes tornozelos, suas ancas poderosas, seus seios salientes e até uma verruga pude enxergar em sua face, junto ao queixo. Em meu socorro, e não porque precisasse, mas para prestar-lhe

**82** homenagem e nos tribalizarmos, e em torno daquele mistério em movimento realizássemos um colóquio, se fez presente Michelangelo, acompanhado dos seus melhores leitores, nominalmente, Rodin e Brancusi. O carro continuava a rodar, o percurso diminuía, mas agora nada mais importava. Eu já vivera o momento em que me consagrara àquela cidade e ela a mim se consagrara. Na saída, para o meu espanto, disse-me o rapaz, grato possivelmente por minhas atitudes, o senhor foi o melhor passageiro que conduzi até hoje. E eu, e você foi o melhor motorista que até hoje me conduziu. Apertamo-nos fortemente as mãos e nem duas horas depois eu desembarcava no Rio, de volta para o nosso casamento, um homem inteiramente novo.

Ah, mas isso eu preciso contar ao meu pai, disse ela, ele preocupado em criar um sistema de medição de água individual para os apartamentos do Rio, para quando ele voltar, nem sei se isso será possível, mas ele está trabalhando nisso com as informações que lhe mando. Você não se preocupe em contar-lhe, disse-lhe, ele poderá ler tudo isso quando eu o houver escrito, caso se interesse, é evidente. Mas é claro que ele irá se interessar, nunca ouvi coisa mais bela e objetiva, parece um monumento de matéria proveniente de mil nações, de materiais provenientes de todas as artes, um mapa-múndi, afirmava ela, confiante, anjo conubial e filha. E qual o nome do rapaz?, queria ela saber. Nunca lhe conhecerei o nome, não lhe perguntei, não havia espaço para isso. Espaço?, estranhou ela. Claro, perguntar o nome de alguém é só quando alguém lhe dá consentimento para tanto, como tudo o mais.

Tudo isso ajudava a barriga a crescer, a seguir as ordens médicas. O parto foi demorado, mas normal. Já a mãe com a filha nos braços, fui introduzido no seu apartamento na ma-

ternidade da Casa de Saúde São José. Aqui está sua filha Karoline, disse-me ela. Karoline?, indaguei. Sim, Karoline, era este o nome o tempo todo... você não quer? Sim, quero, eu disse, muito quero, quero muito, e lágrimas me vieram aos olhos. Não quer pegá-la?, perguntou-me. E logo a tinha nos meus braços, que buscavam adaptar-se à sua forma, uma nova forma que surgia no mundo. E esta forma era uma pessoa e tudo estava por fazer. Para que Khrista descansasse, comecei a andar com Karoline pelo quarto, tendo-a nos meus braços como se fôssemos uma só pessoa. Vi ali que pai eu era e pai eu seria para sempre. Mas logo tive de entregá-la à mãe, pois esta é que possuía o que era preciso para amamentá-la. Este momento foi o mais difícil de todos, mas com coragem o enfrentei e vi que agora éramos um trio, como que um casamento ideal e possível que tantos perseguem de outras formas, de três pessoas, um casamento que eu sempre julgara possível e que agora possível se tornara.

Tudo agora era Karoline na minha vida, e de fato dentro de certos limites, eu era pai, era mãe, era tudo. Logo se voltaria ao ritmo anterior, Karoline tinha uma babá que a levava a passear na Praça Antero de Quental protegida pela capota do seu berço nas primeiras horas da manhã e nas últimas horas da tarde. Eu voltava antes do jantar, ansioso para rever minha filha antes que ela adormecesse. Minha sogra vinha ver a neta sempre carregada de presentes e de beijos.

À praia, agora somente íamos no Leblon mesmo, onde fincamos a nossa barraca como um estandarte, um divisor de águas em relação àquela vida antiga no Arpoador. Eu explorava o novo bairro, cada loja, cada padaria, cada confeitaria, cada restaurante, como se habitasse a própria eternidade. Saíamos juntos do Leblon apenas para levar Karoline ao pediatra, às

**84** vezes íamos somente eu e a babá, Khrista cada vez mais afundada nas suas pesquisas e assuntos do pai. Certa vez indagou o pediatra, e a mãe não vem? Procurei desculpar sua impossibilidade, mas vi muito bem que ele permanecia inconformado com aquela organização inusitada, o pai, a babá, a filha.

Assim fui assumindo tudo o que era possível sem descuidar-me do meu trabalho no escritório. Vacinas, roupas, idas à praia nos fins de semana, orientação à babá, ao ponto de precisar arranjar alguém para substituí-la em suas folgas. Certo dia compreendi de súbito que o que eu tomava como a coisa mais natural do mundo, não o era de fato. Mas resolvi não falar nada, porque queria Karoline bem cuidada, ao meu jeito cuidada.

No verão nunca se pode pensar no inverno, e no inverno nunca se pode pensar no verão. Tudo o que eu queria era dar um beijo na face do mundo, não uma bofetada. Mas súbito, o inverno. Estávamos na sala naquela noite após o jantar, e havíamos visto, em verde, em vermelho, um objeto que se aproximava da janela, a cujo encontro correremos, quando ele bem próximo mudou de direção e foi para o alto desaparecendo à distância. Um disco voador, eu disse. Um disco voador, ela disse. Ou pelo menos o que é tido como um disco voador, acrescentei. Ela não esperou sequer que eu me refizesse e foi logo anunciando: David, eu vou ter de ir à Alemanha, encontrar-me com o meu pai.

Eu não quis dizer nada. Não quis, é tudo. Esperei que ela por si mesma apresentasse todas as explicações. Houve profusão delas. Nenhuma me convenceu, porque nenhuma me convenceria. Eu não me casara para isso. Lembrei-me dela dizendo que não compreendia ainda o que fosse casar-se. Vi quão pouca atenção prestamos ao que diz o outro, e apenas ao

que nós dizemos. Vi que ela não compreendia mesmo. Então prosseguiu: se você quiser minha mãe poderá ficar aqui para cuidar de Karoline. Se for melhor para vocês, ela poderá ficar. Estava claro que ela deixava a mãe comigo.

Logo começaram os preparativos para a viagem, que eram muitos. O entusiasmo não podia ser contido. Era mais do que uma necessidade, era um projeto de vida. Assim eu me casara, eu me dizia. Assim. O quarto de dona Maria Joseph já estava pronto, porque era o quarto de hóspede, que sempre estivera lá.

Para treinar, eu fazia de conta que éramos somente eu e Karoline, o que de certa forma já era há muito tempo. Quando Khrista suspeitava de reações minhas que ela não podia alcançar, já que eu não falava, mas apenas concordava, ela fazia uma revisão completa dos seus motivos, que sempre terminava assim: eu preciso cuidar dos negócios do pai.

Eu não lhe daria qualquer oportunidade de ter o menor vislumbre de como eu iria agir depois de sua partida, muito menos de pôr em discussão qualquer ato meu. Eu não era mais o seu interlocutor e ela, protegendo-se, parecia não perceber isso. Os negócios do pai! Os negócios! O pai! Com ela eu me casara com esta estrutura. Alemanha! Berlim! Meu mundo antes era Ipanema e o Centro, agora era o Centro e o Leblon. A Praça Antero de Quental, quando me sentava num banco ao lado do carrinho de Karoline e da babá era o mundo inteiro. Quando Antero de Quental poderia prever que me visitaria nesta praça?, a mim e não a outrem, porque as pessoas que aqui passam, detêm-se para uma pausa, ou não sabem o nome da praça, porque uma praça é uma praça, e é assim que deve ser, é assim que me sinto menos sozinho, mais acompanhado pela multidão, abrindo uma passagem comum para mim e

**86** para ela. Que mistério haver no Rio de Janeiro uma praça com o nome de Antero de Quental! Todas as praças deveriam ter nomes de poetas para conservar a memória do mundo!

Descrevo os imensos périplos de Antero de Quental fazendo-os meus, Ponta Delgada, nos Açores, Coimbra, Paris, Nova Iorque, Lisboa. Tudo para voltar à ilha natal, para morrer, que importa?, para voltar, voltar e voltar ao ponto de partida, contornando a figura de sua vida, para que eu possa ir lá, representante de todos, chorar em sua tumba, recitando como mantras num escrínio os versos que pessoalmente escolhi de minha autoral antologia: “Não era o vulgar brilho da beleza, / Nem o ardor banal da mocidade... /Era outra luz, era outra suavidade, /Que até nem sei se as há na natureza”. Depois: “Como criança, em lóbrega jornada, /Que a mãe leva no colo agasalhada /E atravessa, sorrindo vagamente, /Selvas, mares, areias do deserto...”. E mais: “Junto do mar sentei-me tristemente /Olhando o céu pesado e nevoento,”. Em seguida: “Mas, na pompa de imenso funeral, /Muda, a noite sinistra e triunfal, /Passa volvendo as horas vagarosas...”. Ainda: “Entre os filhos dum século maldito /Tomei também lugar na ímpia mesa,”. E por fim: “Cavalga a fera estranha sem temor: /E o corcel negro diz: “Eu sou a Morte!” /Responde o cavaleiro: “Eu sou o Amor!”.

Eu sou o Amor! De tudo isso é capaz a portuguesa língua? De tudo isso é capaz a língua portuguesa com suas sensuais nasais: olhando o céu pesado e nevoento. Assim é muito mais nevoento. Eu sou o Amor! Vamos levar Khrista ao Aeroporto. Os negócios do Pai!, ela repete. E repito eu: “Os negócios do Pai! Somos uma estranha escultura de cinco, mas que nome se poderia aplicar a este grupo? David com Karoline ao colo, a Babá empurrando o carrinho vazio de Karoline, dona Maria



Joseph movimentando o carrinho de bagagem e Khrista, a caminha de Berlim, cada vez mais ansiosa por entrar no salão de embarque antes da hora. **87**

Quando tudo já foi falado, nada mais há a falar. Por ela, quero dizer. Porque eu ainda não falei nada. Depois que ela partir é que irei começar. Falar sozinho? De nenhuma forma. Disponho de uma filha inteira, de uma babá inteira, de uma sogra inteira, de um Leblon inteiro, de um mundo inteiro, de uma vida inteira. Uma vida inteira para falar? Também, mas não só. Para escrever. A sábia raposa, muitos não o viram, sempre teve razão. Melhor do que uma simples cena conjugal. Deixarei isso para os dramaturgos. Ficarei com os poetas, e com os poetas possíveis do século, os narradores.



3

A Injúria

**N**a mesma noite do dia em que Khrista partiu para Berlim, impus à casa uma completa mutação, puro jazz ao vivo, *moto perpetuo* de Bach, *Festspielhaus* de Wagner, refrões de Baudelaire, *ordre et beauté, luxe, calme et volupté*. No jantar, fiz colocar a cadeirinha de Karoline ao meu lado e eu mesmo, entre gritinhos deliciados dela, dava-lhe a sopinha. É certo que ela imediatamente compreendera ao seu jeito esta nova praia de liberdade que diante dela se estendia. Comuniquei à minha sogra que Babá seria agora chamada pelo seu próprio nome, o de Neusa, não mais usaria uniforme, sentar-se-ia à mesa com todos nós para as refeições, sendo servida como todos pela copeira. E que lhe providenciasse o mais breve possível um completo guarda-roupa passeio cidade.

Assim desmedidamente felizes eu, Karoline, dona Maria Joseph e Neusa transcorremos o jantar. Uma brisa leve movia as cortinas da sala e era delicioso o ar da noite no Leblon. Só nos faltaria uma nova aparição do disco voador.

O meu silêncio de Parsifal longamente mantido teria agora todas as suas respostas objetivas. Logo convenci dona Maria Joseph a vender o apartamento da Glória, o que seria sem demora consumado, para consolidar o papel de mãe pela avó e para evitar estruturas complicadas e inúteis como é cuidar de um apartamento, não desocupado, mas vazio. Contas a pagar! Pessoas mobilizadas para se porem nas filas dos bancos! Por nada! Karoline tinha agora um colo longamente ambicionado e jamais negado. O nome de sua mãe eu não pronunciaria mais nunca e quando o emitissem seriam sinalizados de alguma forma a não fazê-lo.

Não me comprometi a esperar por ninguém de volta, apesar das insistentes reafirmações da própria de que a ausência não seria prolongada. Mas qualquer ausência é prolongada e qualquer laço, mas que laço!, pode ser dissolvido por uma ausência de mais de quarenta e oito horas. Eu não mudaria, a vida é um tecido feito de continuidades, do contrário se esgarça. Não me casara para isso, este era um assunto de minha competência. Talvez não soubesse eu o que era casar-se, ou talvez soubesse bem demais, arrostando todas as consequências.

Estava casado, de qualquer forma. O casamento era aquele anel que eu portava no dedo, visível ou invisível, ao meu alvedrio. Estava casado com Karoline e com tudo o que viesse junto com ela. Estava casado comigo.

Extremamente bem casado. O casamento de Sandra ia muito bem. Eles não queriam filhos, até que mais tarde viessem três, um atrás do outro. Ele continuava os seus negócios e ela se dedicava cada vez mais ao nosso Escritório, ao qual eu continuava comparecendo diariamente. Às seis horas da tarde, parava tudo e voltava para casa para o nosso jantar conjunto.

Queria agora continuar sem interrupção o meu trabalho principal. Eu começara magnificamente no único *Suplemento* de fato com um compromisso com o novo, com o ainda não instalado. Isto em pouco, no máximo em meia década, chegaria ao fim, e os novos tempos viriam tanto para esmagar os velhos como para trazer coisas novas. Havia também publicado um livro de poesia, *Linhagem*, em que a turbulência poética torcicolava a linguagem, sem destruir a sintaxe. Muitos poetas que surgiriam vinte anos depois viriam a dizer a alguém em qualquer rua de New York: este livro mudou a minha vida.

Mas eu resolvi escrever prosa, sobretudo, embora sem abandonar a poesia, porque sendo a poesia o cerne da narrativa mais característica da prosa de ficção do nosso século, dos novos modos de narrar, que a diferencia da do século passado, e sendo eu poeta, no meu caso era natural que praticasse os dois gêneros. A poesia era o registro mais rápido de minha condição naturalmente deambulatória, pernas, cérebro, coração, para que depois lhe conferisse a largueza generosa e carnal da prosa, a paciência, a persistência de tudo aprofundar e esmiuçar.

Enfim, era de minha vida que eu dispunha para grafar a vida de todos. Em casa, éramos uma família singular. Eu, um meio-viúvo, dona Maria Joseph, uma meia-viúva, e Neusa, uma viúva de verdade, mãe de um empregado do escritório que a cedera para vir morar conosco desde o nascimento de Karoline.

Eu queria criar o melhor modelo possível de minha vida, que pudesse durar até a minha morte e que me possibilitasse criar sobre ele a minha obra. Um modelo definitivo. Aliás, para ser exato, ele já havia sido criado desde a minha infância. Lembro-me como se hoje fosse daquele momento em que pela

primeira vez sentado com aquele lápis agudamente apontado, diante daquele caderno, salvei definitivamente, como todos estes que estão inscritos no rol do tempo, a minha vida para sempre. Enquanto a tivesse! Enquanto a tivesse! Era a lei do pai: não brincar fora de hora e, quanto ao mais, ser livre... nada de mau iria acontecer.

Digamos que quisesse consolidar este modelo e agora Khrista, e até o senhor Johann Joseph, me haviam dado este presente numa salva. Que favorecimento! Que favor! Pouco teria de viajar para conhecer minuciosamente o mundo. Desde criança era íntimo de todos os continentes e das grandes capitais, meu interesse maior, através daqueles que melhor as expressaram, tudo sabendo sobre Londres, New York, Paris, Praga, Moscou, ou qualquer cidade que tivesse tido a sorte de ter os seus homens, isto é, os seus artistas literários, que houvessem conseguido capturar do seu lugar o seu *genius loci*. Era um outro parentesco... que nem sei se o há na natureza.

E minha cidade qual era? Então era isso. Nem o nome de outras gostaria de pronunciar, apenas porque estava ocupado com esta. Ademais, depois daquela despedida de solteiro em uma cidade em que conseguira, pela minha longa prática, desvendá-la tanto na sua diferença quanto naquilo em que todos os lugares são iguais, bastava-me um dia para engolirlas todas, a partir daqueles guias singulares enumerados, em cujas capas se leem os maiores nomes da história universal da literatura, os únicos credenciados para satisfazer a minha fome de cidades.

Tinha de viajar a negócios, para cumprir a minha parte no escritório, inclusive fechar assuntos programados por Sandra. Jamais me ocorreria livrar-me de qualquer tarefa, elas faziam parte, rigorosamente, de minha evolução. Se estivesse

94 à venda, não compraria o famoso canapé de Kafka. Meu método era chegar aos lugares antes do meio-dia, resolver tudo o que estivesse agendado à tarde, ter um dia livre na cidade para devorá-la e retornar no dia seguinte. Assim conheci o mundo inteiro, através da arte literária e da aviação, e pude manter a minha base, o meu lugar de nascimento.

Todos os meus livros são metáforas de minha vida, do meu *carpe diem*, um tapete estendido ao coletivo, no qual haverá sempre lugar para todos. Apiedar-se de suas vísceras? Mas isto é muito pouco, pouquíssimo, amigo, só convence a nós próprios, em primeiro lugar, e aos demais aquele instante, que digo, aquele segundo em que nos sentimos envolvidos no caldo, na calda geral, como nos braços de uma criatura que amamos e que nos ama. Adeus, qualquer malevolência, por que afinal ser infeliz no planeta? Dura tão breve... semibreve! É que ser feliz exige uma muito maior competência, é trabalho de várias ordens. Observem os bichos, como trabalham em prol de sua própria salvação. E por que seríamos nós menos do que eles?

Sediei-me sem perda de tempo onde desde sempre estive sediado. Basta então que narre minha vida que já estarei narrando minha obra, grandes fatias do século. Somente não peguei a Primeira Guerra. Mas pegando a Segunda, peguei-a, porque ela veio como *reprise*, pelos mesmos motivos da primeira. Os psicanalistas dão acreditam em cura, sequer em mudança. Eu, porém, acredito em tudo, porque vi-me sempre curado, vi-me sempre mudado, e vi isso sempre em todos, e de que outras provas precisaria?

Khrista continuou sempre, depois de sua grande fala, sem resposta. E estaria eu encarregado de responder-lhe? Ah, quanto, mas quanto, eu precisava ser cruel para ser bom!



Eu passava cinco dias em casa no Leblon e na Cidade, como chamamos ao Centro, e o fim de semana em hotéis, nos mais diversos bairros, onde procurava me concentrar ao máximo para o meu trabalho, já que o trabalho exige, mais que tudo, concentração. Mas esta concentração exige muita descontração, descompromisso, liberdade, uma confiança irrestrita de que nada de mau haverá de acontecer por tomá-la, uma sensação inabalável de que, como um soldado, estamos para sempre protegidos.

Foi assim, conforme descrevi, que me tornei num especialista exímio e esperto em cidades e em minha cidade, um colecionador de hotéis, além de paragens imaginárias, do modo como está expresso em minha obra. Digamos que esta aqui seja um espelho de bolso que o conduzirá em busca do painel geral. Onde? No catálogo da Biblioteca Nacional na Avenida Rio Branco, evidentemente os publicados. Quanto aos inéditos, no Museu da São Clemente. E obra dispersa? Isto já exigirá heroísmo, por convidado, não há publicação brasileira em que eu não esteja presente, quanto a isso continuarei assim até o fim, sempre haverá um inédito de David onde houver compromisso com o novo, e ainda por estes dias, quando escrevo estas linhas, na situação em que me encontro, deverá sair um conto meu, novo em folha, “Cercanias”.

Escrevo este livro em lugar de outro que escreveria, porque sobre mim, imprevisivelmente, se abateu a desgraça, esta coisa do inesperado, entretanto de alguma forma previsível, quando nós, tão fortes, nos revelamos impotentes. Mas escrever este livro já significa salvar-me. Escrivê-lo até o fim poderá ser mesmo a finalidade de minha vinda, de minha vida. Então, ao trabalho.

Escrevo-o para esclarecer o que fiz, o que me foi feito, para provar que tal não pode ser feito, uma ignomínia ao outro, a um outro homem. Escreverei.

Naquele tempo que aqui, nesta parte, coloquei como marco primeiro, antes de minha partida semanal, como deixa um *sailor* o porto em direção a um destino, um naufrago e esperançosamente suas ilhas, minha sogra com minha filha ao colo e babá iam sempre me levar à porta, lá vai ele, diziam as três praticamente em coro, tentando compreender-me, estimular-me, assegurar-me, confortar-me.

Eu era como um colegial que sempre serei até o fim, com minha valise mínima, e sempre vestido como sempre me vestira, mais o casaco que podia ser vestido ou desvestido conforme o tempo, eis tudo! E na volta sempre estariam elas, as três, dando-me tudo que delas necessitava.

A minha obra é organicamente a história de uma grande deambulação, interna e externa, espraia-se em tempos, lugares, períodos, geografias, experiências de toda ordem. Sempre tive muito mais material do que pude usar, meu ventre, haja baleias!, onde tudo cabe. O que fizeram Roger e Bertoldo inteiramente me escapa até agora. Como é possível a alguém pôr-se a caminho sem dispor de provisão? Que necessite tomar emprestado, tirar de um outro? De um outro que consumiu a sua vida para dispor deste material? Sinto vergonha por eles, acredito que seja isto que eu tenha querido, extirpar a vergonha. Isto é, a ilusão de que com as mãos se possa escrever. Fui encarregado de acabar com este iludimento. É o meu trabalho.

Então naquele novo início, não tão inicial assim, nos fins de semana, visto que eu jamais renunciaria ao escritório e à minha família, eu escrevia pela manhã, e à tarde saía sem-

pre com a finalidade oposta àquela com que Rimbaud partiu para a África, a de acabar com suas iluminações, esteja dito. Exemplos, extensos como a terra, me exortavam. Então tive, de uma outra forma, já que na obra, como carregadas por um caminhão de mudanças, elas estão transportas, uma por uma todas as experiências vivas das que se encontram em meus livros vivos, e muitas outras que são como restos de minha vida. Daria para escrever 200 anos, 500 anos, e por isso no aludido conto, “Cercanias”, aparece um personagem que tem 200 anos. Trata-se de uma história imortal.

À noite fazia o que sempre fazia desde menino, é um motivo permanente de minha obra, vocês encontrarão lá como aqui, respirava o ar privilegiado da noite, veludo e flores, lia sempre os meus vade-mécuns, visto haver reduzido minha biblioteca a quatro livros, uma obra-prima de organização, a valise portátil de David (como existe a de Duchamp), a saber, o *Édipo*, o *Hamlet*, o *Fausto* e a *Bíblia*. Agora vocês já conhecem os quatro livros de David, lista guardada até agora como um segredo de Estado. E é tão simples, em sua majestosa beleza, como um quadrado ou um ovo. Já antes que me viesse o sono, pois não gosto de, como um bicho, adormecer logo, reprisava passagens deleitosas de minha vida e projetava deleitosas passagens futuras, nunca precisando de nada melhor para adormecer como um anjo. Não deixem de tentar tal logística para fazer-me adorável companhia.

Embora bem nascido, além de ser tanto quanto um artista um soldado nato, sempre fugi da quantidade, do mega, do excesso, do infinito. Prefiro pequenas quantidades, pequenos volumes de informação que possa bem triturar no meu almofariz privado, no meu graal exclusivo, e aprofundar até as últimas consequências. Sou como um líquido espesso, uma sedi-

98 mentação geológica. Uma esquina me é suficiente para mover mundos. Não pesquise, mesmo o que ao alcance da mão, não faço consultas, apenas ando e me detenho e contento-me com o que em mim se deposita como folhas caídas de uma árvore. Se olharem bem, tenho estes colares, estas guirlandas que se fiam sobre minha cabeça.

Esta é a minha técnica, se é que a isto se pode chamar de técnica. É isso mesmo, como lá se vê, sou Robinson no Rio de Janeiro ou em qualquer parte. Isto toma tempo, dez anos, vinte anos, vinte e cinco anos, o tempo que tomar. Apenas para ouvir e reouvir: *anda tão sumido!*, substituído por *quanto sucesso!*, sem que entendam que uma coisa depende inevitavelmente da outra, é a outra. Foi assim que escrevi *A Pedra*, *A Noite*, *Trópicos*, *Delitos*, e também *Temas*, uma espécie de breviário, tudo isso secundado pelos poemas, éditos e inéditos, que irei escrevendo até o fim, parte deles seria publicada bem mais tarde em *Navegação*, foi assim que vieram os prêmios, as bolsas, os convites, as homenagens, as distinções, que vieram, que se foram, e eu fiquei, tal como fui desde o início, penteando o cabelo da mesma forma, envergando uma roupa do mesmo jeito, sentando-me, levantando-me, falando da mesma maneira, uma voz como uma impressão digital que tantos tentaram descrever. Prata!, dizem. Que grande cantor o mundo perdeu! Mas ganhou um escritor! Imagine! Quase com pena, pode ser!

Quando se trabalha passa tão rápido e tão lento o tempo, é como se vivesse alguém na eternidade. E na verdade, nômade e sedentário, eu escrevia uma história universal da errância. Às vezes, nos próprios fins de semana, em vez de permanecer em minha Cidade, ia para outros lugares, subia para a Serra ou descia para a Praia, visitava nossas casas, saía do meu Es-

tado, visitava outros, deixava o meu País, diversos visitava. E **99** voltava pontualmente para ouvir em coro: chegou, chegou.

Nunca perdi tempo, não precisaria portanto recuperá-lo. O que não conseguia abarcar com minhas pernas e abraçar com os meus braços, abarcava-o, abraçava-o com a arte, que para mim era a história do mundo, não por ser histórica, mas, pelo contrário, por ser ficcional, isto é, a maneira pela qual o mundo fora experimentado por um punhado de bravas criaturas para com seus artefatos potencializar a experiência de todos os homens. Esta a solidariedade, o companheirismo, únicos possíveis. Agora alguém no mundo lê um livro, olha um quadro.

Das artes que não a arte literária apeguei-me às artes plásticas. Da música, aprecio a vida dos grandes músicos, como a vida de qualquer artista. Isto porque de mim dizem ser um músico tendo como notas musicais consoantes e vogais, na urdidura de minhas estendidas composições, suas variantes, seus motivos, seus motes, no alastramento geral. Assim, mais do que a música... musicar! Com a pintura agucei o meu olhar, para sobre este olhar sobrepôr a minha visão, já que uma coisa é o olhar e outra a visão. Não nos basta olhar, é preciso ver, enxergar, chegar à visão. Os pintores e escultores me fazem companhia, com sua admirável persistência de recriar a realidade a cada dia, como se ela, sem eles, se fosse extinguir a cada anoitecer. Agrada-me pensar no Pintor pintando suas maçãs até que se desintegrassem, agrada-me pensar nele encontrado caído no campo e já no dia seguinte cedo no indestrutível Jardim para recomeçar. Agrada-me pensar no Escultor nos seus últimos tempos sendo visto trabalhando sete dias antes de morrer, aos 89 anos, fazendo modificações decisivas na *Pietà Rondanini*, que se encontra no Castelo Sforzesco de

**100** Milão, sendo lido mais de três séculos depois pelos escultores que melhor o compreenderam. *Davicte colla fromba/ e io chollarcho*. Agora: David com sua caneta! Abominação! Ser lido por Roger e por Bertoldo antes de nascer. Por que não poderiam esperar trezentos anos? *Dreke!* Nugas, nada.

Não preciso de mestres?, preciso, não preciso, mas preciso de amigos, no tempo, no espaço, que me façam companhia no que faço. Sem eles seria a criatura mais solitária do mundo. Mas não sou, sou a que tem a melhor companhia. Façolhes também companhia. Não a criatura mais solitária, mas a mais solidária, solidariedade que estendo a todos os seres vivos. David com sua caneta! São tributos que presto a quem amo e a quem me ama. São os amores mais bem resolvidos da história.

Mas quem nada tem precisa roubar. É estéril, não pode produzir o original, o novo. Não pode modificar o leitor, precisa ser ingerido. Certa vez ouvi uma frase sobre Roger: atola-se na violência como se fora a maior das realizações. E sobre Bertoldo: não cria, historia. O pior é quando esta veia esteticizante da violência e histórica neles se esgota e começam a cortejar o que não podem ter: criar mundos.

Ignomínia! Sempre um Salieri à vista, um assassino de Lorca! Talvez quando eu saia da prisão, consume o restante. Talvez, não talvez, a caçada será interminável. Um veneno foi instilado, um veneno não absorvível. Recorrendo ao meu poder de síntese, a genealogia da indignação demonstra que esta, com o tempo, apenas aumenta e consome gerações e gerações, até que seja aplacada. Virão depois os descendentes, e é imprevisível o que este começo possa trazer.

Num certo ponto, já não era mais um assunto individual, o plágio, mas alguma coisa muito mais importante, o mal

que eles faziam com suas porcarias, atoleimados, deformando, deturpando, atrasando um tempo melhor que já havia ocorrido com outros e um tempo melhor que com outros deveria ocorrer.

Pois tenha-se em mente. A bíblia é a bíblia do céu. E a arte é a bíblia do mundo. Extensos exemplos vos exortam! Ide! Sem perda de tempo! Porque para recuperar o tempo desperdiçado é preciso todo o tempo. E todos têm a sua parte nisso, tomando por arte o que nem na raiz possuiu a indispensável intenção e propósito de sê-lo, e se os possuiu, tanto pior, foi como um falso pretendente que o fez.

A infância de Karoline e aqueles anos marcados pelos que foram expelidos e pelos que ficaram aqui. É fácil ser um desaparecido em Paris. Difícil foi ser um desaparecido aqui, e estes eram todos, ostracizados, uma falta total de convivência, de comunicabilidade. E comunicar o quê? Certamente não o que estava aí, mas um mundo oposto do que faltava, a carência que cria. Foi o que fiz, enquanto afundavam juntos, refugiando-se no passado histórico, esteticizando a violência, que quando se acabasse: nada. Eram parceiros, sócios, cúmplices, alguns até de fato, animais hospedeiros sugando a matéria-prima que ao findar as deixaria emudecidos. Ou pior: retornando a temas com os quais não tinham a menor congenialidade, porque tantas décadas foram perdidas. Por quem as perdeu, sem dúvida. Durante todo o tempo treinei a mão para o que faço e sempre fiz. Restou roubar-me.

Foi assim que me tornei a estranha combinação do *anda sumido!* e do *quanto sucesso!*, a fórmula do pirilampo, que aparece e desaparece. A clandestinidade, pode ser, mas apenas a autoclandestinidade.

Nos anos escuros, certa vez, Sandra, em Paris, no *La Tour D'Argent*, jantando com Allan, vestida num traje oriental que comprara numa feira em Bagdá, falava em português com o marido e em francês com o *garçon*. Insistentemente olhados por dois cavalheiros em outra mesa, que depois se aproximaram e começaram a interpelá-los, nós, aqui, exilados, e vocês aí, e Allan, permita-me que os convide, etc. Eles aceitaram e ficaram todos amigos.

Sobrou, é sobrou, não há dúvida, uma nação que se reergue de escombros. Mas quanto tempo será necessário? Tem de ser muito mais rápido, mas por um determinado caminho, do contrário serão outras tantas décadas perdidas. E tudo o que pretendo é falar deste caminho, do que virá por este caminho. Sempre estive neste caminho. Basta-me continuar.

Benditos os livros que vieram no tempo certo, malditos os que vieram atrasados, cronificando modelos do século precedente. Atrasados, entortando o olhar e a visão dos leitores, que pouco mais, de tão desvalidos, debandariam para os livros de autocomiseração ou preceituais: viver é isso! *Dreke!*

Depois daquilo tudo, duas guerras, artistas americanos fazendo a Europa, artistas europeus fazendo a América, babelizando, mixando, na vida, na arte, para que este *modus vivendi* universalizante deles puxado no início do século se tornasse no próprio fato político do final do século, um mundo só. Entanto, eles, aqui, provinciano, espelhando o que em cima em baixo, alguns se associando ao que em cima, conhecidos sequazes policialescos.

Para trás! Os de Paris voltaram festeiros, para mais vinte anos. E mais vinte? Não teriam assimilado nada, exceto o jantar oferecido por Allan no *La Tour D'Argent*. Eram os novos colonizadores, com suas miçangas e suas *griffes*.



Tornaram-se tartamudos ou insistentes. Crônicos. Era preciso buscar outras matérias, mas onde? O tempo passara. Tudo aquilo fora embora, o que restava era a grande construção. Mas construir era com quem? Toda uma herança rebarbativa, em todas as suas colorações, do incendiário ao pícaro, permanecia e permanece. Mas até quando? E haveria ouvidos? Os novos ouvidos provavam outra coisa. O que importava, o que importa, é salvar-se. E aí então os códigos, inócuos, é verdade, de salvação. Mas de qualquer forma anunciam novos tempos. Tempos que virão.

Prosegui. Karoline já pertencia a uma geração que iria morar só. E foi, sem qualquer objeção. Havia mais uma casa, na Lagoa. Mais um bairro para explorar, vaguear, sorver em grandes haustos o ar!

Nunca senti em mim a idade. Não existe artista novo, existe livro novo. E um livro novo precisa da força da idade, isto é, da extrema juventude criadora conquistada, para ser gerado. Eu estava no ponto certo de escrever uma espécie de grande epítome de minha obra, e com o coração batendo forte é que me sentei naquele dia para iniciá-lo. Lembro-me bem, não do medo, mas da terrível servidão a que voluntariamente iria submeter-me para criá-lo, os enormes gastos físicos e mentais a serem acionados. Era preciso ter um corpo para fazê-lo. Vi-me, vejo-me, como em alguns sonhos em que vemos o nosso próprio corpo a andar pela casa tentando acionar o comutador de luz. Eu estava sentado num dos meus hotéis que tanto gostaria de descrever, mas não poderia alagar esta narrativa com tanta descrição. Basta dizer que era em Copacabana, não muito distante do Cinema Roxy, e que era um dos meus preferidos e que por seu estilo ascético lembrava um quadro de Pierre Bonnard. Eu estava tão feliz quanto alguém que segura

**104** stendhalianamente pela primeira vez a mão do ser amado e de tão feliz pensei: se eu morresse agora seria perfeito, com esta mesa virada para a parede, para evitar a interferência de qualquer paisagem exterior, a perfeita graduação da luz, a cama com a colcha branca de piquê com que fiz substituir o *couvre-lit*, que costuma ser um banco de ácaros. Com a meia irresponsabilidade de um infante que enfrenta o seu primeiro dia de escola, mas que, ainda assim, por certas mensagens que capta, mesmo sem condições de decodificá-las, no próprio início da estrada que já fazem dele um jovem universitário e um profissional recém-formado em busca de trabalho, um noivo que procura casar-se, com o bom propósito que irmana todos os noivos, se põe inapetente, ou conforme o seu grau de sensibilidade, nauseado, ou o que seja, eu me sentei à mesa para começar.

Que privilégio, pensei, ainda que me tome anos, o livro já está pronto, como os anteriores, mesclando todo o passado vivido com o presente sendo vivido e com o futuro por viver. Agora seria apenas trabalhar, dentro da escala que já era habitual em minha vida.

O *Claro*, tal é o seu título, e que até esta data permanece inédito, por razões que progressivamente serão reveladas, é uma grande errância por séculos, países, sexualidades, gêneros de arte, que tem sua convergência no protagonista cujo nome dá título ao livro e que culmina no retorno do mesmo ao Rio de Janeiro, onde ele prossegue em sua vagueação interminável. Quanto ao estilo, e fosse isto uma fórmula, e não o é, apenas para abreviar, é o estilo David, fundindo ação exterior com comensuradas repercussões interiores. Um dia se lerá o *Claro* e se verá, já que ele é a própria materialização disso, sem que precise falar mais da obra, se o que me move é falar do seu destino.

O esforço de escrevê-lo foi titânico. Para estimular-me, eu pensava, mas não é maior do que o de Michelangelo desferindo sua pua nos cabelos do seu David, ou o cinzel no seu corpo, como se trabalhasse com caneta sobre papel: *Davicte cholla fromba/ e io chollarcho/ Michelangelo*.

Quando acabei, e acabei, anos se haviam passado, e minha saúde já não era a mesma. Para recuperá-la iniciei imediatamente outro livro, o *Quotidianus*, também ainda não publicado, em que um homem luta para recuperar a saúde perdida e o tema se combina com todos os demais que provocam este abalo, o desforço de escrever um novo livro, de refazer sua crença perdida na felicidade conjugal e de ter mais um filho, a insatisfação com as trocas cotidianas simples quando a retaliação linguística que escorre entre as pessoas já é a própria loucura. Sem dúvida que ele só consegue o que procura pela metade na vida real e por inteiro no escrever o livro.

Embora eu não haja deixado de publicar durante todos estes anos e de comparecer aos encontros para os quais era convidado, a tônica em torno de minha pessoa era... *anda sumido!* É como se escreve, conhecendo-se todos os hotéis do Rio, embora não respondesse então.

Resolvi que estava na hora de procurar um editor e procurei o senhor Nigri. Toda a correspondência trocada está depositada no Museu de Botafogo. O senhor Nigri, para abreviar, é o editor de Roger, mas eu não dei um só pensamento a isso. Mande-i-lhe os dois originais, depois da troca de correspondência, e o senhor Nigri, respondeu-me num prazo razoável que estava à procura de obras que lhe trouxessem um retorno rápido. Entendi perfeitamente que estas obras, no seu entender, não apenas eram, como deviam ser, as de Roger, ou aquelas clonadas de Roger, que sua casa já publicava ou vies-

**106** se a publicar, Brunela, Xiko, Jojoba, Belantonio, Mirandolina, Tornado, Melosa, Garcez, Caneo, Carvalhal, ou o que fosse. E que se as minhas produzissem, por sua própria intervenção, este retorno rápido, isto sim é que seria um desastre para a sua linha de produção. Era preciso manter os leitores colonizados.

Não costumo apressar-me, preferi dar um tempo, pensar mais um pouco no próximo passo, visitar algumas capitais, começar mesmo o próximo trabalho. Mas eis que: é quando o destino se torna escandaloso, transformando-nos, nem que seja por um segundo, em coleópteros, quando um transatlântico, construído para durar séculos, naufraga após sua inauguração, próximo do porto de partida.

Roger publicou logo depois um livro em que desde o título ele invertia o meu: *Noir*. As motivações eram muitas, todas na verdade, mas a principal era haver eu me aproximado do senhor Nigri e as cartas que eu lhe escrevera, delineando minha posição. O primeiro texto do *Noir*, um mirrado texto de poucas páginas, era o penúltimo capítulo do meu livro, quando o *Claro* retorna ao Rio de Janeiro, no final de sua vagueação por tempos e espaços ilimitados, reescrito evidentemente *à la* Roger, o que é exatamente para ele o indicado, e até o possível, e para mim exatamente o contraindicado. Evidentemente foram colocadas citações outras como fonte do texto, como é de seu hábito, parte de sua máscara de probidade intelectual, e de todas as outras máscaras, a principal delas a do silêncio de quem não pode falar, para esconder os seus segredos, sobretudo policialescos, como é de conhecimento público. O restante são esfacelamentos tanto do *Claro* quanto do *Quotidianus*, deste, sobretudo o motivo da recuperação da saúde. Quanto ao mais lá estão todas as obsessões de Roger, o furto

de originais nos quais tudo o que falta, como em sua fabricação de clones, é apor o seu aval ou a sua *griffe*. Dispensou-me de ir adiante, o meu material está onde está, e o dele aí, para uma oportuna análise.

O que indicia não é o tema, mas o tratamento deste, a combinação dos elementos que, matematicamente, em tão pequeno espaço, a editora, eu, ele, não poderiam vir a recombinar-se da mesma forma, carreando informação genética, o próprio DNA do meu texto para o dele. *Dreke! Maldição!*, ter eu vindo ao mundo para consertá-lo!

Não me privei de telefonar ao senhor Nigri, quando ele então me telefonou de volta, este telefonema consta da conta do seu telefone à época, viva a Telesp!, no dia 1º de junho de 1992, pouco tempo depois da publicação do *Noir*. Descrever este telefonema tomaria um século, mas como não disponho dele, farei o tempo correr. *Let us make it run!* Sua súmula é a seguinte: tentei explicar ao senhor Nigri, ele sabe disso, que não havia sido facultado a Flaubert remexer na gaveta de Balzac e de Stendhal e que ele tivera de esperar aquele tempo todo para ser Flaubert, o mesmo se aplicando a Proust, que fora obrigado a esperar por Balzac, Stendhal e Flaubert. E que ademais recorrer a inéditos, nem plágio, intertextualização ou o que fosse era, era roubo configurado. O senhor Nigri me disse textualmente: estas últimas partes eu não entendi. Então vamos fazer o seguinte, senhor Nigri, a USP é aí perto e qualquer estudante de Letras poderá explicar melhor ao senhor, e quanto ao Ministério Público, nem se fala!

Assunto encerrado com o senhor Nigri, ele não iria incriminar o *seu* locomotivo. Procurei imediatamente um advogado, o Doutor Alberico, no Edifício Cândido Mendes, na Rua da Assembleia. Recebeu-me cordialmente e quando pronunciei

**108** o nome de Roger, ele me interrompeu e disse: impossível, ele é meu afilhado. Se o senhor fosse médico, me teria negado o atendimento, respondi-lhe. E saí imediatamente de lá, ele tentando ainda desculpar-se enquanto me conduzia ao elevador.

Chovia torrencialmente, e eu com o meu dossiê embaixo do braço, devidamente resguardado, para protegê-lo de tanta água. Vou resolver este assunto hoje, dizia-me, ele está ocupando muito do meu espaço mental, que não é para isso. Hoje, hoje, hoje, não amanhã, hoje. No Museu de Botafogo havia uma retrospectiva de Graciliano Ramos, por cuja fábula eu andava me interessando com vistas ao meu próximo trabalho, *Nascimento*, interesse que no próprio trabalho se tornará evidente, não sendo necessário descrevê-lo aqui. Lá me encontrei com várias pessoas, entre as quais o Doutor Salvador, que dirigia um dos setores do Museu. Pedi que me recebesse no seu gabinete e expus-lhe a minha decisão, de nada lhe fazendo segredo: desejava depositar os dois originais e o correspondente dossiê no Museu, devidamente lacrados, para abertura à consulta em alguma data distante. Como tentasse demover-me, acenando-me com outras alternativas que eu poderia seguir, fiz-lhe ver que a minha decisão estava tomada, a justiça seria muito morosa para a minha sede dela, eu queria justiça já, mas justamente entregando os autos de minha causa ao tribunal do tempo.

Serei grato para sempre ao Doutor Salvador. Ele me abriu as portas do templo da história, estendendo para a minha obra um magnífico tapete ao longo da Rua São Clemente, único a funcionar sem falha. Porque o *Aleph* vai sempre para errôneas mãos, e é preciso agarrá-lo por métodos próprios, de volta. E quanto método!, nos ensina, para nossa alegria, o Mestre. Passado o feriado cívico de 15 de novembro, que utilizei estru-

turando o meu enorme pacote, este foi depositado e lá está, 109 enquanto me ocupo de outras tarefas igualmente nobres.

Que alívio!, livrar-me, na medida do possível, de Roger, embora ele viesse a me perseguir, como se verá, para sempre. Agi com acerto ao telefonar para o senhor Nigri, porque ele transferiu imediatamente o meu inferno a quem de direito. Começou então o autor a providenciar, acionando os seus mecanismos de poder, como de seu vazo, dezenas de trabalhos muito mais alentados do que o seu minguido texto em questão, fazendo-o quase desaparecer na enxurrada das monumentais análises sobre o mesmo, dando expressão ao valor inestimável que conferia ao seu roubado e evidentemente ainda mais ao que ele roubara. Era uma grande descoberta para ele, um estilo que ele começaria a perseguir, fracassando sempre, porque o punha de cabeça para baixo e nada tinha a ver com suas verdades.

E quais seriam as suas verdades? São as mesmas, na vida e na arte, já que nunca ninguém atingiu diverso. Mencionarei apenas algumas, pertinentes ao caso. Mesmo assim é muito mais atenção do que ele recebeu e receberá em sua vida inteira, e que aqui se encerra. O seu silêncio, em primeiro lugar, decorre de que lhe seriam feitas perguntas sobre sua vida que ele jamais poderia responder sem falseá-las, todos perceberiam, e então lhe cairia da face a máscara de honestidade que persistentemente cultivava.

Questão que se estenderia aos seus biógrafos, caso os tivesse, pelo que então das duas uma, ou ele ficará sem biografia, perdendo sua vida, ou a biografia o porá a nu à sua revelia. Enquanto eu bio-grafo a minha própria. Os seus temas fixos, o roubo, a apropriação de originais, temas constantes de suas obras, e mesmo do *Noir*, bem como de seus clones, clonas,

**110** cloninhos, clonados, nada disso é inventado, como algum desavisado possa pensar, tudo isso é a mais pura verdade, eu próprio fui o seu alvo principal. Mesmo aos seus clones, com seu nome de preferência sendo creditado nos elementos iniciais do livro, ele, ajeita aqui, ajeita ali, neste ajeitar ele leva alguma coisa que julgue valiosa para utilizar em seu próprio trabalho. Se alguém se der ao cuidado de verificar, justapondo livros e datas, irá encontrar isto concretizado lá.

Certa vez, após o roubo, que não ocultei de ninguém, desejoso até que ele me acusasse para comodamente poder responder-lhe, coisa que ele nunca fez, mantendo aquele inveterado silêncio de que se falou, ocorreu um fato inesperado. Estando eu em Niterói, num destes encontros em que a literatura era o centro, encontrei-me com Susie, de São Paulo, que, na conversa, contou-me um episódio que havia vivido na Europa com Roger. No intervalo do encontro lá em curso, passaram por uma destas feiras de tudo, ao ar livre, quando, em meio a moedas, leques, colares, Roger avistou um cartão postal endereçado a um desconhecido. Propôs imediatamente ao Encarregado a compra do mesmo, que de nenhuma forma queria vender-lhe, pois estava destinado a ser posto no correio. Mas tanto ele insistiu, elevando sucessivamente suas ofertas, que o homem lhe cedeu o mesmo. Ele então, enfiando-o no bolso, pediu licença a Susie para se retirar, pois precisava lê-lo, deixando-a lá sozinha, já tão acostumada aos seus sestros que se sentiu abandonada, tanto mais que ele partiria no dia seguinte. Mal pude conter o riso, fruindo o presente que me chegara sem que, ao contrário dele, carecesse de fazer o menor esforço.

Isto é que é preciso ficar entendido, que toda a câmara de horrores em Roger nada mais é do que a mais pura verdade.



Coisa que também ocorre com Bertoldo. Tantos pensam que aquelas coisas que ele põe em seus textos semanais são invenções, mas, para sua desgraça, são a mais pura verdade, e de há muito ele começou a pagar um severo preço pelo que é a sua vida, tentar livrar-se do louco que o ronda.

Se explico estas coisas é para resolver comigo o meu caso, livrar-me da morosidade da Justiça sem precisar desistir dela. E sei que bem as explico. Ainda rapaz, Pia costumava dizer que eu devia ser Professor, que nunca encontrara alguém que ensinasse tão bem qualquer coisa, que tão claramente as explicasse, que eu devia era dar aula magna, ser um dia *Professor Emeritus*. Freud, dizia Hermínia, que vira o livro na estante. Está falando com o próprio, eu respondia, porque também ele não foi *Professor Emeritus*. Que tal Shakespeare?, perguntava Sandra. E o Escritório, Sandra, e o Es-cri-tó-rio? E ríamos os quatro.

Que me sigam os passos quanto aos éditos, isto é outra coisa, é formar escola. E até gostei de encontrar *A Noite em O Copázio*, o seu estilema básico, tomei como uma homenagem, mas o que era alheio não frutificou, Said é um escritor parco, logo a capacidade de escrever o desertou, embora ele não se furte de desfrutar aqueles sucessos breves, posando para depoimentos e dando-os até no exterior. E além daquele, o que há? *Arcádia*, mais alguns contículos, e tudo se esgotou, como um terreno sáfaro. É preciso mais do que isso.

Muito mais tarde, quando publiquei *Amigo*, para novamente resvalar do *anda sumido!* ao *quanto sucesso!*, como aquela matéria dos Anos Sombrios não produzisse mais som, logo o tema do amor, que é o de *Amigo*, até há pouco tido como inadequado, começou a ocupar o centro com um dilúvio de livros que o retomavam. Pouco adiantou. Porque *Amigo* o

**112** toma em sua integridade, é uma explosão de tesão, de ardor, é como um banho de seiva, cuja leitura não pode ser interrompida, segundo os depoimentos vindos dos leitores que pude ouvir em encontros cuja história já daria um livro inteiro. E os demais, que eram?, os velhos livros da impossibilidade, como os do próprio Roger, o avesso do amor, o amor de cabeça para baixo, quando não eram livros pasteurizados sobre o amor, mas não livros-amor.

Mas eu não estava, mesmo após o depósito, livre, quero dizer, internamente, da necessidade de um processo às claras, de falar e de ser ouvido. A passagem para fora disso seria muito lenta e talvez nunca ocorresse inteiramente. Outros advogados foram consultados, geralmente de uma lista eu escolhia os mais cautelosos, justamente para ouvir suas opiniões. Um deles foi o Doutor Gandolfo, também especialista, que ficou logo pálido ao ouvir o nome do senhor Nigri, isto trazia muita coisa atrás, poderes, não menos o de Roger. Vamos precisar de pareceristas doutores em Letras, para fundamentar tudo. Doutor Gandolfo, estou falando de roubo, foi roubado o tratamento de um tema de um inédito, sua escolha, sua concepção, e esta concepção foi utilizada como núcleo de composição, como célula geradora de um outro trabalho, não existe nada de mais meridiano, cabe ao senhor aplicar os procedimentos jurídicos. Passar bem!

Finalmente um Doutor em Letras da PUC exarou um parecer, que tenho até hoje, indo muito além de minhas expectativas na transparência, mostrando como além do capítulo em foco haviam sido utilizados muitos elementos disseminados no livro inteiro, e concluindo que havia sido intertextualizado um inédito e que a intertextualização de um inédito é roubo. Este parecer, e a sua posse, teve o extraordinário efeito de que

eu, em boa parte pelo menos, me desse por julgado. E muitas vezes, quando ainda persistia na ideia do processo, o tomava, o lia e dava o assunto por encerrado.

Mas não seria tão simples. Faltavam ainda muitas coisas e a providência as traria como continua trazendo, fazendo-me ver que, uma vez detonada, esta luta nunca cessará e sua sentença será mantida em suspenso até que um dia ocorra o final juízo.

Posso dizer que o pior de suportar, no geral, são os que tentam demovê-lo, mas pelas razões mais improcedentes. Tudo isso demora muito, dizem, desgasta, expõe, respinga lama, não vale a pena. O que não demora, o que não desgasta, o que não expõe, o que não respinga lama? O que vale a pena? Tudo, segundo Fernando Pessoa, na colação de grau. Mas não é isso que está em jogo. Existem leis. E existem os que estão encarregados de fazê-las valer, a qualquer custo. Eu, por certo.

Eu o faria, não sabia exatamente como. Um trecho do percurso já fora percorrido com o depósito, a justiça diferida, para que crescesse em intensidade. Depois, o fato era conhecido, eu dele não fizera qualquer segredo. Apenas não o liberara para a mídia, porque me reservava para falar durante um eventual processo ou num livro, como de fato o fiz em *Nascimento*, a ser publicado em breve. Apenas que este falar no plágio geraria um outro plágio, porque Bertoldo, aliás vizinho de rua de Roger, foi o leitor do original para o senhor Ladeira que iria publicá-lo, mas não irá mais, visto que obviamente o retirei de sua editora para publicar em outra.

Nesta altura ocorreu um fato providencial e libertador! Trouxe-me um dia Sandra um recorte de uma coluna social, provavelmente a do Zózimo, em que constava que Roger rasgara um livro que estava escrevendo e que, segundo ela, deve-

**114** ria representar a continuidade de suas apropriações do meu original. E quando, como, Sandra, teve você esta intuição, este pressentimento, fez esta profecia? Foi simples, na mesma hora em que li pensei nisso, vi também que ele deve estar no fim do fim, e por outras notícias que recebi, ele continua tendo acesso tanto aos originais do senhor Nigri, quanto aos do senhor Ladeira, visto que o frequenta, agora junto com Bertoldo, e que além disso está se interessando por um original, de autoria de um certo Silvestre. Pelo que você pelo menos está livre de ser espoliado. Pobre Silvestre! Sandra estava mais do que certa. O livro do Silvestre tinha como tema um artista brasileiro, e o de Roger logo, antes de sua publicação, tomou como tema um outro artista brasileiro.

Um fato que me satisfazia era o de haver o senhor Nigri aberto o assunto com Roger, causando esta mudança de rumo.

Tudo considerando, atingi o ápice, ponto em que deveria optar pelo processo ou dedicar-me a um outro livro, que, de alguma forma, no seu bojo, trouxesse este assunto. Este livro foi *Nascimento*, justamente o que iria contaminar Bertoldo com a ideia, para ele uma solução para a sua esterilidade, a do plágio.

Foi assim que, no mesmo ano do primeiro plágio, desisti do processo e comecei a me apaixonar por um novo trabalho, de maneira orgânica e visceral, como sempre me acontece. E o que foi escrever *Nascimento*, e ser novamente plagiado, desta vez por Bertoldo, relatarei mais tarde.

Foi bom sair do dilema e começar a respirar mais uma vez, já que nestas circunstâncias a respiração fica inteiramente presa e a vida inteiramente parada. A passagem se vai fazendo aos poucos e é como se antes, mas não por nossa vontade, houvéssemos renunciado à vida.

Eu queria restabelecer o antes daquilo, como se eu sempre houvesse permanecido invisto por Roger e nunca houvesse sido tocado por ele. Porque não era por ele que eu desejava ser visto, nem por ele que eu desejava ser tocado. Acredito que o desprezo gere sempre isso, que sempre acabamos sendo visados e atingidos pelo que desprezamos. É como uma cobiça do que se despreza, materializar-se diante de nós. Nunca me interessei por ler Roger e sobre minhas leituras já falei um pouco, embora nunca o suficiente. Pesam-me os livros que deixarei de ler, e até o fim estarei lendo os que ainda não li e pretendo ler.

Mas não Roger. Uma parte difícil, quase incomunicável, por pouco intransferível, do que senti ao ver-me transplantado à minha revelia para o *Noir*, é o que há de mais penoso neste trabalho. Mesmo porque trazer tudo isso de volta é experimentar de novo o martírio, revisitando todos os seus passos, reexperimentando na calma toda a sua turbulência, quando todos se encontravam adormecidos, como é natural, pois somente eu era o caminhante solitário e o animal para o sacrifício. E sobre a pira não havia nenhum outro. Isto é ou não é intransferível? Disse Kafka que todas as vítimas são formosas. Talvez. Mas ele não disse ainda tudo. Em que consiste esta beleza perversa e delas roubada? É a fulgurante beleza da inocência que agora sabe, sabe e sabe. Por isso para concordar com Kafka teríamos de fazer dever ao algoz esta fulgurante formosura das vítimas. Mas eu não posso acreditar nisso. Nada devo a Roger de minha possível beleza, que é só minha. Somente eu posso me responsabilizar pelo que me foi atribuído e levá-lo a todos, dedicando a isso toda a minha vida. Não precisaria do seu adjutório.

Aconteceu assim. Eu estava num dos meus hotéis, num dos meus fins de semana, e na tarde de sábado lia um jornal, pois, contrariando a semântica, o meu diário é semanal, e somente o leio aos sábados. De repente, lá estava a notícia do livro, o *Noir*. Ora, o meu original estava na editora de Roger, ele, lá, toma conhecimento do que lhe interessa, o título do meu livro é *Claro* e o dele *Noir*. Alguma coisa imediatamente bateu. Liguei para uma de minhas livrarias, sou cliente de muitas. Diga-me alguma coisa sobre este livro, etc., o gerente teve toda a boa vontade, e logo pelo título do primeiro texto ele se articulou com o final da vagueação do *Claro*. Agradei e recolhi-me ao meu fim de semana, que não queria alterar.

Logo na segunda-feira entrei numa livraria e peguei no livro, verificando o estranho fato, que para mim era ainda estranho. Fiquei lá um longo tempo e li todo o primeiro texto e um outro, o último, que transforma o roubo do alheio numa grande piada. De fato é literal o retrato do torturador, que esbofeteia, ri e goza. Por mil motivos não quis comprar o livro. E deu-me a náusea.

Saí dali e fui visitar Karoline. A primeira coisa que vi foi o livro sobre a mesa. Você lendo isso?, perguntei. Não estou lendo, nem sei se vou ler, deram-me de presente de aniversário, a pessoa não sabia qual comprar, o vendedor então empurrou este para ela. Você me empresta?, perguntei-lhe. Pode levar e até ficar com ele. Levei-o e somente iria devolvê-lo muito depois, quando de um dos meus habituais expurgos na biblioteca, eliminando muitos e devolvendo este à sua dona. Poderá ser-lhe útil algum dia, no vasto futuro.

Com o livro nas mãos pude examiná-lo de uma vez por todas e para nunca mais. Verifiquei o que havia a verificar, a presença dos meus dois originais e a obsessão de Roger, o seu

mal, mania, moléstia e doença, com que ele contaminava os seus clonados, a busca de originais alheios. Era tudo verdade. Não eram ficções. Aquilo era a sua própria vida, suas vivências outras, o seu gabinete de experimentos e de torturas, sua causa secreta, valia recorrer a quem sabia das coisas e de quem eu receberia parte substancial de minha herança, quantas décadas depois?

O livro ficou lá, mas a vida é que traria o restante da verdade, a máscara cada vez mais aferrolhada, o desfile de clones, o beco sem saída em que se envolveu para sempre o senhor Nigri, supondo certamente que de tudo não se perceberia alguma coisa, mas somente até que alguém avistasse a carta roubada, sempre, até por exibicionismo, à vista.

Contei alguma coisa mas jamais poderia contar tudo, nem seria preciso, verifiquei, em síntese, que um volumoso original havia sido reduzido àquele minguado, mirrado, mofino, murcho troço, que nem o espírito do que eu escrevera havia conseguido captar, embora arduamente se houvesse tentado, que se havia conseguido escrever errado o que eu havia escrito certo, embora com a intenção contrária, com a ignorância contumaz dos que apenas copidescam e formatam.

Difícil foi apreender que depois daquilo eu teria de aprender a ser um pouco infeliz. Mas eu não tinha vocação, nem para ser infeliz, nem para ser vítima. Não quisera ser nada disso, nem com a partida de Khrista. Então resolvi que tudo seria como antes. Mas ignorar a existência de tal substância no mundo seria negar a existência do mundo. E para não negar o mundo, eu teria de instaurar o Processo, que era a única maneira de não negar a existência do mundo.

Vejo agora o exato momento em que comecei a viver com esta falha, foi o momento em que, tudo combinado, fui ao cor-

**118** reio e enviei os meus originais ao senhor Nigri, numa caixa Sedex AR, depois de milhares de sístoles e diástoles para criá-los.

Vejo também agora a inevitabilidade do meu delito, que me pôs nesta prisão. Porque, como diziam todos, a justiça é muito morosa. E a partir do que todos diziam tomei precisamente a decisão que não deveria ter tomado, a de não instaurar o Processo e de adotar a velocidade.

Este livro corrige todos os meus erros, e nem que eu tenha de entrar numa gráfica, como dizia Marcel, haverei de publicá-lo. Mas talvez isso não seja necessário, porque não se trata de nenhuma forma de um assunto meu. Trata-se de como se forma um círculo de leitores engodados, de um assunto que interessa a todos. E até os livros de autocomiseração têm um papel importante em derrubar este círculo, que é a verdadeira e a mais tenebrosa herança dos Anos Sombrios. O gozo dos torturadores.

Quero também publicar o *Claro* e o *Quotidianus*, para deixar completo o meu legado. Não posso dizer bem o que são estes livros e talvez nem seja necessário. Bastará lê-los. Desde que hajam lido os reais predecessores, nos quais eles se engatam, brasileiros e estrangeiros, indispensavelmente. Quero dizer, os narradores que trabalharam neste século, intuindo desde o seu início um outro mundo que pudesse vir, com outros valores, mas à custa do contínuo trabalho que se fizesse neste. Os narradores da utopia que sabem que é este o papel da arte. Não será preciso que lhes mencione os nomes. Eles viveram-escreveram isso.

Mas é que estou preso. E para escrever este livro deixei de escrever um outro, que nem sei se virei a escrever um dia. Ele é um pouco inspirado em Khrista, a esposa que deixa o marido um belo dia para ir tratar dos negócios do pai. E que



ele deixa ir sem dizer uma só palavra. Mas pouco depois, desafogado por sua partida, tudo transforma numa ária com trinta variações, *As variações de David*, que canta em altas vozes: Os Negócios do Pai! Os Negócios do Pai!

Muito tempo já transcorreu depois disso. Como com o meu personagem em *Quotidianus*, tentei ter forças de conservar minha saúde, tomar uma nova esposa, ter mais um filho. Mas é que minha vida, como a de todos, nunca deu tempo, uma coisa foi acontecendo depois da outra, e esta vicissitude de Roger, seguida da de Bertoldo, como uma confirmação do meu destino, acabou, como uma fatalidade, colocando-me na cadeia.

Sinto-me até aliviado. Está consumado. A fábula foi desempenhada. Mas terá sido mesmo? Talvez, há milhares de anos, muito antes de que eu nascesse, já houvesse sido decidido o meu destino. Mas por Quem? Eis uma questão em aberto. Eis também que chego ao núcleo de alguma coisa que nunca, como um infante talvez, quis fazer o centro de minhas atenções. Na verdade não quis nunca voluntariamente me preocupar com ela. E digo exatamente por que: que eu morra completamente, para gozar de um sono mais profundo do que a própria morte, como disse Kafka, pouco me importa. Quis sempre viver na terra, construir para todos um paraíso na terra, e nada mais do que isso me roçou a pele e jamais me tocou o coração. Exceto por alguns momentos e estes momentos estão registrados no *Claro*, os momentos em que a sede me derrubou e eu quis beber da jorrante água. Mas depois, até de propósito, me esqueci, não quis me lembrar mais. É que a vida não dá mesmo tempo.

Para não falar desta vocação com que vim, eu com minha funda e com a minha pua, ambas. E foi por isso que naquele

**120** dia golpeei Bertoldo, já farto de tanta procrastinação, de tanta demora. Para acelerar o tempo, que diante de tamanho infortúnio, já se fazia longo.

Nenhuma doutrina me satisfaz e por que eu teria de me culpabilizar por isso? Se eu tiver de chegar a deus será por outros caminhos. Whitman disse certa vez em sua prosa que se deus aparecesse diante dele, ele prosseguiria sem interrupção no que estivesse fazendo. Eu o estava lendo na *Harper Library*, em Chicago, num daqueles vãos entre as estantes, à luz daqueles pequenos candelabros. Pela primeira vez eu lia alguma coisa que correspondia exatamente aos meus sentimentos. Eu prosseguiria. Eu prosseguiria. Que me importava haver sido expulso de algum possível Éden? Eu construiria um outro, nós, todos juntos, construiríamos um outro.

Mas não era apenas isso. Havia alguma coisa que ainda me escapava. O quê? Exatamente o quê? Era o incompreensível do mundo. O que era o mundo? O quê? Mas que houvesse alguém que me explicasse, era o que mais me indignava. Eu queria saber por mim mesmo. E quem era eu? Aquele? Não podia ser, sentia minha natureza angelical.

Não havia consolação para mim enquanto não pudesse encaminhar estas perguntas. A *Harper Library* praticamente não fechava nunca. Eu poderia ficar ali para sempre. Se Whitman ajudara por um lado, ele desconjuntara todo um outro. Eu gostaria de ter alguém por quem interrompesse tudo. Este alguém já existia. Era o Amor. E era também a Morte. Mas pela Morte se era interrompido ou interrompia-se alguém por ela? Comecei a conceber a morte como um ato voluntário, pelo menos pelos privilegiados que tinham tido a oportunidade de preparar-se, de estar prontos para morrer. Eu conhecia alguns. Quais eram? Marcel, quando escreveu *Fin*. Shakespeare, quan-

do mesmo sem escrevê-lo, o escreveu, pondo-se de volta para Stratford-on-Avon. Eram os dois mais belos exemplos que eu conhecia, e eu não podia decidir qual o mais belo, qual o mais invejável. Mas como eu tinha de decidir, decidi-me obviamente pelo de Shakespeare. Ah, como eu gostaria de ter a oportunidade de fazer análoga viagem, depois de tanto Londrar, voltar tranquilamente para casa e ainda ter tempo de estar em casa para morrer. Era mais ou menos o que afirmava Pia, lamentando-se por ter um dia de morrer longe da Itália. E era também o final do *Claro*, voltando para a sua cidade. Então deus podia ser qualquer coisa, aquilo em que pusesse o seu dedo, Shakespeare voltando para Stratford-on-Avon. Ou Emily escrevendo os seus alucinantes versos: *Because I could not stop for Death,/ He kindly stopped for me.*

Mas eu queria ainda mais, ainda estava faltando alguma coisa. Eu queria que deus pusesse o seu dedo em todos. Eu queria que deus fosse universal. Mas esta já era bem mais fácil. Esta já era o final do nosso século.

Coisas da terra. Um bicho da terra. Que me importa, após gravar tais reflexões, que me importa Roger? E que me importa Bertoldo? Que me importa se tiveram a oportunidade de me retirar tais pedregulhos, diante da incomensurável riqueza? É verdade que tudo isso veio depois. Depois que, de alguma forma, se fez justiça e eu golpeei Bertoldo.

Quanto a doutrinas... Não são para mim. Todos, nos quais deus pôs o seu dedo, filhos diletos de deus. Castigos eternos?, não é do meu deus. Um único filho? Será? Em mim deus pôs o seu dedo. Em minha mão pôs uma caneta. Não há lanterna, mas há caneta para os caminhos obscuros de deus. Com um viva à esferográfica.

Da *Divina Comédia*, amo o estilo de todas as partes, mas amo apenas o amor presente no *Paraíso*. O estilo é espetacular no todo. Grandes exemplos nos contemplam. Aqui estarei usando a tradução de Donato. “As dores que então sofri ainda as sinto quando avivo a memória daquele ínvio caminhar (Inferno, XXVI)”. Certamente porque da dor recuperada se faz toda exultação e alegria. “Ah, serva Itália, morada das angústias, nau sem piloto em mar tempestuoso, imperial outrora, lupanar agora! (Purgatório, VI)”. Adiante: *Denmark's a prison*. Tempos sombrios! Itália! Brasil! Dinamarca! O tempo afunilando-se para trás e para diante. “... Naqueles páramos de delícias! (Paraíso, XXV)”. Adeus Infernos! Adeus Purgatórios! Páramos de delícias! Páramos de delícias!

*Davicte cholla fromba e collarcho!* Os dois! Sobrevivemos aos Anos Sombrios, os que esperamos e ficamos aqui. Mas não para suportar sua herança. São tempos novos. A caminho! Páramos de delícias! Não é apenas por mim que estou preso, mas para que não nos impinjam uma herança da qual, se não nos livramos inteiramente, queremos nos livrar.

Também eu visitarei, zeloso, a iniquidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que me aborreceram. Este livro é o meu torneio justo, a minha liça correta, único *Forum*, sem qualquer florete envenenado. Porque toda injúria não revidada é morte. Um murro bastou, aquele murro. Mas daqui por diante, outras coisas.

Se fosse para instaurar o Processo, teria de ter sido logo, já, sem aguardar uma segunda vez que seria uma primeira com todas e suas mesmas dificuldades. Estas dificuldades estão cabalmente expressas no *Hamlet*, no sentido essencial, mas talvez não hajam sido jamais compreendidas, a não ser, quem sabe, pelo Rapazinho Devorado por Praga. É quase como um

excesso de orgulho, um sentimento de que com o crime do outro também nós apodrecemos um pouco, que ele nos apodrece, seus miasmas nos empestam, tornamo-nos, contrariando os nossos propósitos de celeridade, lerdos, suados, de fôlego curto. Digamos que evitar o Processo é quase uma questão de assepsia que nos recomendasse a própria Higeia.

Mas como evitar o contágio encerrando-nos numa bolha atópica, sem sol, sem luz, sem ar? Por isso o Hamlet precisa ou agir ou morrer. E não agindo, morre.

Mas então vem Joseph K., o que por agir, morre. É verdade que não é ele quem instaura o Processo, dando continuidade, de qualquer forma, à estrutura hamletiana, fazem-lhe este favor, já que ele esteve sempre ultrajado e o processo não pode deixar de ser instaurado, não importa de que lado, instauram-no. Jogado na ação, começa a mover-se na máquina emperrada, sem a menor possibilidade de que a faça funcionar, morre, o pior de tudo, temendo que a vergonha o sobreviva.

Mas que vergonha? Recuso-me a isso. A arte é um ótimo *forum*, no qual, e isto já está do lado de Shakespeare e de Kafka, embora aqui, ao contrário de lá, nada esteja dividido, porque sou personagem e autor, este livro é escrito por mim, *Davic-te cholla fromba e chollarcho*, os dois, neste *forum* podemos fazer funcionar o tribunal do nosso jeito, de onde poderá sair um julgamento e uma sentença, até que seja instalado o tribunal real e que funcione tão bem quanto este outro. Pelo menos é assim em Dinamarca, em Praga, em Brasil. Um bom tribunal como em Norte-América, admirável como uma ópera, como se vê em seus filmes. *And so help me God!* Que orgulho desta nossa filmografia! Que orgulho deste nosso país! Mas não é. Nosso país é outro, até que façamos dele um patrimônio da humanidade. Nenhum, nenhum homem poderá ter acesso às

**124** gavetas de outro homem! Terá de esperar anos, séculos, como Flaubert esperou por Balzac e Stendhal, e Proust por todos eles. Mas esta parte o senhor Nigri não entendeu, exceto se a esta altura, conforme lhe foi recomendado, houver procurado um estudante de Letras da USP. *Walking distance!*

E por que valeria o original de uma obra de arte literária menos do que um quadro de um pintor de gênio? Então havia todo um custoso trabalho a fazer em relação ao que fez Roger, não apenas o roubo ou o plágio, mas tudo o que vem junto, a própria natureza do seu trabalho em seu todo, e como este trabalho é uma metáfora de sua vida, o que ele gera, um círculo de leitores ludibriados. O silêncio de Roger. Já imaginaram se ele começasse a falar? Pois é tudo verdade, aqueles valores que lá estão não são de brincadeira, não se cria nada, e alguma coisa se criaria com estes valores, com este viciar-se em violência? Alguma coisa se fundaria em tal Gabinete?

Não se fartaram ainda? Mas, por certo, já até deram as costas, refugiando-se nos livros de autocomiseração. Mas não basta. É preciso muito mais. Assim, pelas razões enumeradas, recolhi-me ao corajoso trabalho que foi escrever *Nascimento*, que geraria por sua vez o plágio de Bertoldo. De fato, este segundo plágio seria indispensável para que eu escrevesse este livro, o que estou escrevendo preso, após haver atingido Bertoldo, já que em *Nascimento* fica justamente faltando esta confrontação. Lá, o personagem narra o plágio, mas não pune, razão pela qual o livro gera um segundo plágio, o de Bertoldo. A punição ocorre aqui para que se tente, com maior eficácia, mudar o caminho.

De qualquer forma, um certo sentimento de frustração permanece, por não me haver dado a uma tarefa que de qualquer forma modificaria alguma coisa pelo simples fato de ser

realizada. Ao contrário do que recomendavam os amigos, não haver instaurado o processo é tão mais desgastante do que instaurá-lo. Mas eu teria de escolher entre escrever *Nascimento* e instaurar o processo e qualquer escolha, a não ser que pudesse realizar as duas coisas, me colocaria na mesma situação, a da carência. Se não escrevesse *Nascimento*, em pouco tempo estaria morto. E o labirinto de um processo, também em pouco tempo, quando me sentisse por qualquer motivo injustiçado, faria de mim um homem que não mais poderia responder por si mesmo.

Se eu não fosse eu, instauraria o processo, que seria a coisa a ser feita desde o primeiro minuto. Mas como eu sou eu, resignei-me a fazer uma só coisa, visto que não pode um homem impor-se mais do que ele possa suportar. E esta uma só coisa que escolhi foi escrever *Nascimento*. E mesmo se soubesse que por causa deste livro me surgiria Bertoldo pela frente, haveria escolhido escrevê-lo a instaurar o processo.

Quero que tudo fique em ordem. Não consideraria correto deixar nenhum encargo a Karoline por minha livre espontânea vontade, já houve tempo para as trilogias, a herança dos Labdácidas nunca mais. Para tanto escrevo este livro e por algum tempo ainda o escreverei. Karoline, Karoline. O mistério do amor, o enigma de deus, o mecanismo dos plágios, a mecânica celeste, tudo é uma só coisa. E uma prosa tanto quanto possível luminosa. Hoje ouvi uma frase no Posto Telefônico sobre o meu “Cercanias”. O seu conto é um oásis. Escutou? Um oásis. Melhor definição não poderia haver dos meus propósitos: oásis, tamareiras para a fome, olhos-d’água para a sede.

Se eu não tivesse Karoline, nem sequer poderia saber o que é o amor. E se não soubesse o que é o amor, não poderia ter a menor ideia do enigma de deus. Minha vida é tão es-

**126** premida, cheia de encargos, itinerários, itinerâncias, vagueações, viagens, que havendo partido Khrista, nem tive tempo de casar-me de novo. Um novo casamento, novamente o juiz, desfazimentos, refazimentos, tão moroso seria quanto o outro processo. Assim continuarei ainda casado com Khrista. Mas o amor mesmo é Karoline.

Karoline é quase como eu mesmo. Quando lhe recomendo uma pausa, ela, já formada em engenharia e trabalhando conosco, quase em lágrimas, e desejosa mesmo desta pausa, pergunta-me, e o Escritório, Pai?, e o Es-cri-tó-rio? Não sabendo o que responder-lhe, começamos a rir os dois.

Só podemos entrar em contato com deus se ele se encarna no amor correspondido por uma pessoa, e depois, por todas as pessoas. Assim, como Antero descansa na mão de deus, descanso na mão de Karoline. Ah!, que lindo passado temos nós dois, se desde o primeiro dia ela foi tudo para mim, filha, irmã, namorada. Quem sabe não foi por isso que Khrista partiu, para deixar-nos os dois a sós? Se eu pudesse escrever um livro sobre isso! Mas de certa forma o escrevi, e este livro, quero dizer, o que mais se aproxima disso, é *Nascimento*. Escrevi. *Write, wrote, written. Schreiben, schbried, geschrieben.*

Karoline, já casada, isto nada modificou entre nós. É uma coisa tão gentil, tão terna, tão delicada, uma coisa só de nós dois, só nós dois podemos fazê-la funcionar. Ela me trata às vezes, como os de sua geração, por você. Mas, de repente, me diz, Pai, o que tem o Senhor? Oh, não se dirija a mim como se eu fosse Deus, Filha. Mas o Senhor é meu Deus, Pai... e que Sombras são estas em sua Face? São as Sombras de quem a criou e se preocupa. Mas nada há com que se preocupar, Pai. Mas eu quero me preocupar, Filha, é o que, sem nunca falhar, lhe respondo.



4

O Justiceiro

Quando percorri aquele Corredor do 3º andar do Museu em direção ao seu Cofre, acompanhado do Doutor Salvador para encontrar-me com o Doutor Donaldo no seu Gabinete, anos e anos de minha vida, ou melhor, aquilo a que eu dedicara estes anos ali se encerrava.

O Doutor Salvador, gentil, quis ainda por mim levar o volumoso fardo, mas fiz-lhe ver que a mim mesmo cabia dar todos aqueles passos, conduzindo as minhas próprias exéquias.

Consumado. Era mais ou menos como a partida de Khris-ta. O que estava feito, estava feito. E com todo este ar que eu respirava, o que haveria a fazer? Ainda faltava tanto!

Antes ainda da decisão, eu me candidatara a uma das mais prestigiosas bolsas do país, com vistas a escrever um romance. É evidente que o escreveria de qualquer forma, mas, no meu caso, a bolsa significaria ser escolhido em perto de três centenas de candidatos, estar referido a prazos e resultados, o que no momento era mais do que estimulante.

Fui escolhido, recebendo a notícia no dia de São Sebastião, feriado municipal na cidade da qual nunca pude partir. Nem cheguei a ir a São Paulo para a cerimônia pública de anúncio da bolsa, tudo foi feito através do Correio e do Banco. Já estava trabalhando em *Nascimento*.

Para dizer o que foi escrever este livro teria de escrevê-lo de novo, o que, certamente, além de ser desnecessário, seria impossível. Posso apenas tangenciar o que foi fazê-lo, o suficiente para movimentar a ação do presente livro. O fato é que o fiz em um ano, durante o prazo concedido, fato bastante incomum, já que deixados inteiramente à vontade, os agraciados realizam apenas uma fatia, se tanto, da obra.

Esta coisa, porém, de um ano é apenas aparente, porque toda a minha vida sempre esteve voltada para um dia vir eu a ser o autor de *Nascimento*. Mas uma coisa é isso, e outra é mergulhar no estado de escrever, chegando à ação de escrever. Tudo de que dispunha eram algumas páginas iniciais, na verdade o pequeno capítulo um, que serve de introito, exigido pela bolsa para a candidatura, em que a protagonista é mostrada numa espécie de tira da sua infância, que já lhe desenha a sensibilidade, a maneira de sentir o mundo, que vai fazer ocorrer toda a ação do romance.

É assim de uma mulher que se trata, visto que, como artista, posso ser tudo, uma pedra, uma nuvem, homem, mulher, velho, criança, como aliás se prova que tenho sido. Mas por que uma mulher? Porque ela me apareceu e não um outro, e também esta mulher e não outra.

Estava eu num dos meus hotéis, próximo da Lagoa, mas não propriamente na Lagoa, num apartamento voltado para o Morro que a ladeia, quando, saindo à sacada, vi a enorme casa sobre o mesmo e mais abaixo uma outra casa de bom tama-

**130** nho. E então me apareceu a admirável criatura, tendo pelas mãos duas crianças, e atrás dela um homem que por ela e pelas crianças parecia imantado. E por trás dela vi toda a Cidade, o País, desde o momento em que eu havia nascido, e antes, e até agora, e me vi a mim mesmo em exultação e dor.

E vi toda a história desta mulher, seu nascimento no Brasil, sua partida do Brasil, ainda menina, levada pela mão do pai, a vida do seu avô, também aqui, seu retorno no dia 21 de abril de 1985, para tentar entender o país onde nascera e que eu próprio tentava entender mesmo sem havê-lo deixado. Assim o meu olhar nativo no dela se convertera num olhar estrangeiro, que me facultaria começar tudo de novo e tudo olhar como da primeira vez.

Olhar e ver. Com ela, eram núpcias. A obra estava pronta e o restante viria com escrevê-la, aquilo que só pode vir com o escrever. Tudo isso foi crescendo, e todas estas passagens, as dela, da América do Norte para a América do Sul, trazem continentes, línguas, nações, Europas à custa de Américas, totalizando Europas, Américas e mundos, e minhas próprias passagens sempre por meio dela, para fora dos Anos Sombrios e do encontro com Roger, formam uma só coisa, um mundo só.

Por causa disso, nascer de novo, mudar minha vida, somente poderia ser continuá-la como um frequentador de hotéis.

Talvez o mundo seja isso mesmo, um imenso hotel, um imenso escritório, e no momento atual, em que já escrevo este livro, uma prisão. E todo o mundo querendo me mandar para um Balneário. Mas não vai?, perguntavam, não quer ir mesmo? Como no tempo em que sentei praça no Arpoador, na companhia de Sandra, para decepção de nossos pais. É melhor deixar, não adianta, diziam, eles preferem ficar torrando aqui.

Ficar torrando, não há dúvida, antes de Brasília, depois de Brasília, antes dos Anos Escuros, neles, e depois deles. Antes fosse só isso, ficar torrando aqui. Mas é que há um trabalho a fazer que depende de ficar torrando aqui, que qualquer deslocamento, qualquer descontinuidade atrapalha, exceto ausências rápidas, como quem sai para tomar um banho de sol ou uma bâtega de chuva.

O que ficou fazendo toda a população brasileira, durante todos aqueles anos escuros, e antes? Pois é isto que quero expressar, em obra, em pessoa. Os que saíram, ou foram feitos sair, esta história já conhecemos. De como voltaram, ergueram um templo e se fizeram entronizar, estando aí até hoje, festejando. E a história dos que aderiram, esta somente irá aparecendo aos poucos, à revelia dos próprios, silentes. Eu represento a história dos que aqui ficaram ostracizados, e assim continuam, com os demais ocupando todo o espaço.

Em *Nascimento* narro a história como começa antes, com o avô de Camila, este o seu nome, torturado por Filinto e tendo de voltar para a sua pátria. No retorno para cá, tudo escapa a Camila, a língua herdada da mãe brasileira, morta antes da partida para a América do Norte, mas que continuou a falar com o pai até a sua morte, a cidade, o país, os hábitos, os costumes, e aquilo que ela mais deseja conhecer para conhecer sua pátria, a sua literatura, uma ideia herdada do sistema educacional do seu pai. Mas muita coisa lhe escapa, ela tudo vê com as lentes de uma herança europeia e saxônica, com os valores trazidos para a América pelos *Pilgrim Fathers*.

Como é possível?, ela se pergunta, diante do que vê. E estarei vendo certo? Embaralha nomes, nomes de pessoas, nomes de lugares. Encontra um logradouro com o nome de Filinto. Mas será o mesmo? Mas não encontra nenhum com o

**132** nome de Graciliano, que teria estado na prisão com o avô. O que houve afinal? Que mudanças? Que alterações? Talvez nenhuma, diz-se a si mesma. Havia perdido anos decisivos, por não estar aqui. Poderia recuperá-los? Tentaria, pelo menos. E talvez fosse esta, relativamente, a situação dos que aqui ficaram, ignorantes, ignorados.

Mas para ter um país, pensa ela, é preciso fincar raízes, ter filhos, um companheiro, fazer de uma casa, que não lhe faltaria, o pai aqui deixou várias, um lar. Assim ela começa a sua construção. Mas não basta. Começa então a conviver com a literatura nacional, aquela que atravessou o escuro túnel, sombreada, premida, mas não esmagada por ele, que antes o atravessou do que se deixou atravessar, estando no terreno que o precede e que o sucede. E são caminhadas pela sua cidade, e são conhecimentos, e são viagens, e são experiências, até que consiga montar o quebra-cabeça que culmina com: bodas.

Um momento crucial da narrativa é o do capítulo 21, que precede o último, este o do casamento com Murilo, aquele o do encontro com um Nauta, que, no leito onde se amam, lhe conta das estranhas e inlocalizáveis paragens onde foi dar, reunindo elementos há pouco dispersos, a cama, o mar, o amor, o imaginário.

Melhor será ler, na primeira ocasião, o próprio livro, não sendo inútil acompanhar o seu processo de criação. Depois daquela primeira notícia, no dia de São Sebastião, nunca mais deixei de trabalhar, do primeiro ao último dia.

Vivi todos estes tempos de escrever *Nascimento* como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo, para que eu pudesse me lembrar depois de que nunca me faltara a coragem. A primeira coisa que me ocorria é que deveria escrevê-lo com

a rapidez possível, porque o futuro é sempre uma vasta interrogação. É o que ocorre quando se inicia qualquer trabalho, a possibilidade de que o tempo possa interrompê-lo e deixá-lo incompleto. Também porque o escrevia para com ele arrancar a página, ou apagá-la, do que me sucedera com os dois originais anteriores na casa do senhor Nigri. Sua função em minha obra era por demais intrincada. Com seu próprio corpo, ele remanejava, deslocava, removia, a inevitabilidade do encontro com Roger, isto é, a da minha literatura que, como a de tantos, como um comboio, vinha de antes do túnel, atravessava-o e surgia de dentro dele para a claridade, com a dele, mímica, mômica, macaqueante, do esgar que vinha de cima.

O tema do plágio está processado dentro do livro. Lá, como aqui, a protagonista das aventuras escreve também o livro, de modo que ao ouvir de outras pessoas sobre este tipo de ocorrência, é tomada de intenso receio de que o mesmo lhe possa ocorrer. O tema do Nauta, com seus páramos inencontráveis, se combina com o insulamento a que ela, alternando o nômade com o sedentário, se recolhe para criar. Na verdade, são espaços de isolamento que se combinam com os seus espaços interiores. Nele, ela vive a paixão necessária para que haja estas coisas que Roger pinçou e que Bertoldo pinçaria, provocando uma ira comensurada.

Tudo resumindo, a paixão de empréstimo, talvez um motivo que os ultrapasse e se amplie no da graça. Que se a transfira a todos, por livre arbítrio de todos os artistas que pisaram neste planeta, é uma coisa, mas que se coloquem como intermediários é outra diversa.

Eu encontrara o meu próprio oásis, escrevendo *Nascimento*, com o rigor de um cirurgião, seguindo todos os passos necessários, conseguira cancelar Roger e começar uma vida

**134** nova. Mas a premência de tempo, a urgência de criar esta vida, pelo nojo da anterior, a vastidão do material era tamanha que tive de dimensionar outras questões de uma maneira inteiramente nova. É um livro ultranovo, portanto. Não se trata de fazer o velho, novo, mas de fazer o novo. A questão da linguagem, por exemplo. Isto de a cada vez fazer soar a língua portuguesa como nova é inabdicável, mas o como pode variar sempre. Se houvesse tempo, quem sabe eu requebraria a linguagem como tantos, já até o fiz, sei-o, mas agora não daria tempo, a paixão me desnudava, urgia. E com a paixão podemos dar vida às estátuas, que do contrário seriam simples blocos inermes, desbastar as sobras do mármore que já contêm a estátua lá dentro.

Paixões, somente as próprias, as alheias precisamos dispensar. Por que Roger tanto se apegou ao primeiro texto do *Noir*, como o seu melhor? Ele sabe por que: a paixão de empréstimo, ele julga possível. Ele passeando com Susie pela feira europeia. Ele produzindo réplicas. São poses, gestos, vezes.

Certa vez me disse alguém, pensando possivelmente que me cumprimentava... gosto de vê-lo apaixonado. Recuei com horror, transformando em mim sentimentos em precisas palavras: para que em sua calma indiferença fique pastoreando minha paixão. Nunca mais me verá! Cansa, o espetáculo de sua paixão, de seu corpo morto ao outro.

Escândalo! É preciso tomar o céu de assalto! Ontem, descansando um pouco frente à TV, de que dispomos aqui, a habitual cantora da Tribo dos Cantantes, que julga, por direitos adquiridos, o Brasil o seu quintal, declarando que um certo poeta, a quem chamava de Fernando, era o que melhor a expressava. Mas a ele, seria ela quem melhor o expressaria, quem melhor o leria, o seu leitor ideal tão buscado? E será que



toda aquela titânica aventura fora para isso? Esta é de Proust: ...As peças de Shakespeare, lidas no quarto de trabalho, são mais belas do que representadas no palco. Dado o grau de banalização a que certas coisas estão sendo conduzidas, é de grande proveito o dito. Citou ainda a mesma o seu livro preferido, lido na adolescência, de uma autora inglesa... nem sei o seu nome, dizia, evidentemente a norte-americana Carson McCullers. O Entrevistador lembrava, a cada instante, que havia no momento outro Fernando, o Henrique. Ao que ela... mas aqui, na intimidade... Isto é, na TV.

Foi um ano intenso o de escrever *Nascimento*, estruturas ruíam fragorosamente, outras se formavam. Acompanhar Camila em cada um dos seus movimentos era acompanhar mundos. Mas eu não deixava de frequentar os meus. Aperfeiçoava a minha existência hoteleira. Como não se pode fazer outra coisa senão escrever sem quebra do fio de composição, cuidava para que nada me molestasse, nenhum pesado *couvre-lit*, amplo estoque providenciado antes de copos de água mineral para que não precisasse abrir garrafas, nenhuma arrumadeira seria admitida sem minha permissão, não aceitava hotéis que tivessem música ambiental na recepção, em geral como propaganda dos mais reles produtos, molestando os hóspedes que desejavam conversar num tom de voz aceitável. Aliás, erradiquei este costume de todos os hotéis que frequentei. E mesmo assim sempre fui o mais estimado dos hóspedes, por entender que gentileza pode se aliar a persuasão.

Mas precisava eu, o hóspede contumaz, de dias *grey*, de muito Londres, de muito Tâmisia, em pleno Rio de Janeiro, para Londrar, para Tamisar *ad libitum*, de muito Shakespeare, de muito Joyce, de muita Woolf, de muita Mansfield, ao lado de Machado e de Jorge de Lima. Com um viva aos fâmulos,

**136** *à la* Proust, que tornam o nosso mister possível. Mas sem a malevolência dele, por certo, fazendo algum sentar-se à mesa conosco.

A vida, esta sopa de pedra em que cada um põe os seus raminhos e os seus temperos. Com Camila eu era feliz. *Danke, Camila. Danke. Ganz glücklich.* Porque o mundo dela já não era um mundo em cacos, estilhaçado, ironizado, crônico, que o século iria legar, mas um mundo inteiro, novo, renovado, jovem, que aquela velharia atrás não poderia vislumbrar, que o século tentaria passar adiante, uma antecipação do novo século e do novo milênio, a utopia de alguém que havendo daquilo sido levada em criança, voltava uma jovem para recuperar este mundo. Com Camila, respirei. Ares! Ela é um dos meus momentos mais delicados, com ela tive de ser ela também, para não decepcioná-la, esquecer o passado, sonhar a vida mais do que vivê-la, justamente para vivê-la com mais intensidade.

Eu a criei, mas foi ela quem me criou, para todos os meus passos futuros, determinando-os, direta ou indiretamente. Ninguém permanece o mesmo depois que Camila lhe apareça. Esta mudança, esta transformação permanente, em mim, pelo que faço, determina as mudanças, as transformações do que vem ao encontro do que faço, o seu leitor ideal, quer eu vá à sua procura, quer ele se apresente.

Mesmo que escrevesse mil livros, desta perspectiva, somente escreveria um livro, vale a disposição geral, vale o conjunto. As histórias que não narrar aqui, ficarão para outros livros, mesmo que os nomes dos personagens se alterem. Onde anda Khrista? Onde andou Roger nos Anos Sombrios? Qual o destino de Bertoldo? O que foi feito de todos... dos demais?

Toda a população do país esteve exilada nos Anos Sombrios. E eu estive exilado nos hotéis do Rio, no Leblon, no

Centro da Cidade, mas ninguém foi me buscar lá. Estive sozinho como todos os que ficaram trabalhando. Tive sorte de não me esquecerem entre o *anda sumido!* e o *quanto sucesso!*, e os que fingiam haverem me esquecido colaboravam para que minha lenda, como toda lenda, indecifrável, se alargasse. Era inevitável que eu irritasse Roger e Bertoldo, ameaçando-os com uma realidade diametralmente oposta à deles. *Dreke!* Maldição, que eu haja vindo ao mundo para consertá-lo!

Hotéis com nomes ingleses, norte-americanos, franceses, nativos, isto é que é ser internacional! Minha hóstia transformada na bóstia deles. Às vezes até Lacan ajuda. E eu não tinha apenas os móveis dos hotéis, a colcha branca de *piqué* no lugar do *couvre-lit*, banco de ácaros, mas tinha os meus móveis, que eram muitos. Um dos motivos dos livros por vir será o autocompadecimento de Roger e de Bertoldo. Impressionante! Não vale a empatia com suas próprias vísceras para a reparação dos crimes, é preciso mais para dar o sinal de partida no *métier*, o *trading* com o outro.

Este livro existe porque aconteceu deparar-me com Roger e com Bertoldo. Mas é que este encontro se daria de qualquer forma. Então deu-se. E somente agora estou fazendo a coisa certa. Porque em *Nascimento*, a indireção, mesmo leve, prejudicou o confronto. Bertoldo é vizinho de Roger. Roger havia rasgado um livro depois de haver pescado do *Claro* para o *Noir*, na conhecida qualidade de leitor da casa do senhor Nigri. Bertoldo havia rasgado um livro por outras razões, não conseguia escrevê-lo e foi o leitor de *Nascimento* para a casa do senhor Ladeira, onde encontrou a saída no próprio caso Roger descrito no original, seguiu o caminho posterior, pescou de *Nascimento* para o seu livro, *A encantação*.

Se houvesse instaurado o Processo contra a casa do senhor Nigri, teria sido exemplar. Instaurei-o dentro de *Nascimento*. Não foi o suficiente, e o livro ainda está por ser publicado. Mas agora é definitivo. Golpeei Bertoldo, estou preso e escrevo este livro. Porque o tema do plágio se estendeu amplamente para o coletivo, abarca os Anos Sombrios, como viveu e vive quem aqui permaneceu, o agora, tudo vai entrando, a cantora da Tribo dos Cantantes pode eventualmente estar aqui. Se bem observarem, este livro, o que escrevo na prisão, pouco tem de pessoal. É mais a biografia de um tempo, de um país. Roger entra porque se abalroou comigo. E Bertoldo nem se fala.

Era eu assim, o hóspede. Meus hotéis eram mais minha casa do que minha casa. Tantos sonhos. Morar numa *casa-home* em algum trecho da Mata Atlântica. Mas minha Mata Atlântica sempre foi aqui mesmo onde eu estava, em meu ofício, que eu levaria comigo para qualquer parte. E o Escritório? E Karoline? E o Leblon? Todas as suas noites em que eu daria voltas e voltas no quarteirão, como dera no primeiro passeio com Khrista, como dando a volta ao mundo.

Do tempo em que escrevi *Nascimento*, vêm-me muitos tempos fracionados, um deles, o do Carnaval que lhe corresponde, no mês imediato ao da concessão da bolsa, porque agora, também aqui na prisão, é Carnaval, mas é como qualquer outro tempo, trabalho, vivo o meu dia-a-dia com os detentos.

O Carnaval, lá como aqui, é um tempo de máximo risco. Lá, eu chegava à janela do hotel, fora da área carnavalesca, e via um cortejo de mendigos tocando o interfone dos prédios, como sempre com as mais dramáticas histórias, em busca de auxílio. O mundo parara de funcionar e as pessoas continuavam com todas as suas necessidades em funcionamento. Para ter um Carnaval diferente, e para que tê-lo igual ao do ano

inteiro?, é preciso viajar a Veneza. A caminho! Senão é melhor 139  
deixar a janela, voltar à mesa.

Não existe memória, existem momentos análogos, ou que trazem ocultas analogias, que vêm de súbito, por fundados motivos, à tona. Do contrário seria viver do que passou. Vale o agora, o gerúndio, o sendo, o tornando-se. E hoje, em pleno Carnaval, como odeio Bertoldo e tudo o que ele representa. Odeio também ter tido de vê-lo, de compreendê-lo, de saber o que fui obrigado a saber dele. Ele já vinha dos Anos Sombrios, como Roger, e nunca se visibilizara para mim. Talvez haja sido isso, que não me julgava obrigado a conferir-lhe existência. Nunca me disse nada, suas piadices, suas gargalhadas alvares, seu tomar o carro andando do mais velho escritor, sua história do país romanceada, enfim tudo o que se sabe dele, e é verdade. Mas de súbito, à minha revelia, tocou meu corpo, roubando-me o capítulo 21 de *Nascimento* e outros elementos espalhados pelo original, em sua tentativa de ser um ficcionista e cumprir os prazos do senhor Ladeira. O parecer que se daria está dado: as circunstâncias, o campo delimitado, a editora, eu, ele, a combinação impossível dos mesmos elementos do meu texto no dele, a cama, o mar, o erótico, o imaginário. Um estudante de matemática do primeiro grau raciocinaria melhor e ofenderia menos. Mas é que se quis ofender, por certo. Ou então desafogar-se da coleira do senhor Ladeira em que *motu proprio* se apressilhou. O que não é novidade. O Édipo caseiro se transforma no Édipo público. De todos é filho: do escritor mais velho, da casa do senhor Ladeira, do leitor, desfilando o ano todo a sua Procissão do Senhor Morto.

Porém meu? Para trás! Muito teria a dizer, porém só direi o *quantum satis*, o que já é muito. Do contrário teria de me

**140** tornar no biógrafo de Roger e de Bertoldo, tarefa árdua e vã, pelo que os biógrafos teriam de escamotear.

Cá estou e é Carnaval. O telefone aqui toca, como lá. Apenas que aqui chamam-me ao Posto de Serviço e lá o telefone tocava no hotel. Não existe objeto de uso mais difícil do que o telefone. Trata-se de escalar alguém e para isso é preciso estar autorizado, ter obtido o seu consentimento. Existe em minha obra, de sua parte medial para cima, toda uma metafísica do telefone, no seu uso habitual. Estou falando do telefone direto, aquele que você liga e ouve a voz do próprio. Nas outras modalidades, não sou especialista, porque não as usando, dispenso até mesmo mencioná-las. Creio que apenas uma vez fiz isso, num poema denominado “Artifício”. Começemos pelo mais fácil. Por que fornecer o seu número?, já que no meu entender, mesmo que ele esteja no catálogo, deve ser fornecido pelo seu dono, e para mim, no que se refere a números residenciais, o catálogo inteiro é sigiloso. E mesmo por que ter um número telefônico residencial? Em minha luta por privacidade já passei anos e anos sem telefone em casa, o do escritório não entra no cômputo. Depois, por necessidades familiares, fui obrigado a instalar um. Fornecido o número, por alguma razão, torna-se inevitável atender o telefone, porque o esforço de não atendê-lo é sempre muito maior do que o de atendê-lo. Seriam infinitas as conjecturas, é melhor verificar de imediato.

É assim que as linhas vão ficando cada vez mais congestionadas. E nunca se poderia deixar de atender o S.O.S. de um amigo, esta a questão fundamental. Seria quase como deixar de girar o mundo. Mas nem tudo é S.O.S., questão de vida ou de morte. O telefone também pode ser utilizado para outras coisas, declarações de amor, marcação de encontros importantes, convites, etc., mas deve ser tudo muito rápido. Porque

conversas longas só em frente a um sorvete que derrete o tempo. Que melhor cronômetro? Louco por sorveterias! Creme, chocolate, pistache!

Então, no Carnaval, o telefone tocava. Tal como as filas de mendigos nos interfones, os telefones retiniam, num tempo enguiçado, nos ouvidos. Gostei daquele dia de São Sebastião em que me comunicavam que estariam comigo para que eu escrevesse *Nascimento*. Mas tenho certas mágoas telefônicas e certamente certas faltas a purgar. Muitas vezes telefonamos erroneamente, não se pode fazer isso, para comunicar uma alegria e encontramos alguém no esquite. Ninguém deveria correr tamanho risco. Mas continuando aquela *enquête* que iniciamos Khrista e eu, em nosso tálamo, qual o mais...?, etc., qual a minha maior mágoa telefônica? A maior de todas? Nem preciso pensar muito. A referente a um amigo que por mais de três anos me telefonava me convocando para ouvir todos os seus assuntos e quando eu iniciava os meus, dizia taxativamente, agora preciso ir, e desligava. Era um amigo até bastante querido. Mas nunca teve tempo de interromper nada para falar comigo pessoalmente nem por cinco minutos. Enfim, ele brigou comigo por conta própria, porque vendo que nenhuma troca se estabelecera e eu não lhe telefonava nunca, deu o assunto por encerrado e afastou-se de todo. Tudo resumindo, telefone é bom para namorados, não quero dizer namorados propriamente ditos, mas pessoas que sabem namorar umas às outras, pessoas que namoram o mundo. Quanto à telefonia celular, além de obscena, é inútil, porque nunca haveria tanta coisa a comunicar no planeta.

Minha preferência teria sido não terminar nunca *Nascimento*. Oh minha alma profética! Bertoldo! Gostaria de haver feito deste livro um livro infinito, interminável, que é de qual-

**142** quer forma o que escrevo, o que escrevemos, aqueles que se põem num determinado caminho. Mas havia a bolsa. E não apenas isso. Cada livro precisa tomar, por assim dizer, o tempo de uma ampulheta, porque a areia se esgota, a areia que é tudo.

Acaba por demais rápido a primavera do amor. Mas estarei sempre apaixonado por Camila e não quereria nunca deixar de sê-lo. Como não deixarei. Mas era diferente, estar ao seu lado, vê-la em todos os seus movimentos e flutuações, as duas crianças que, sem laços de sangue, ela fizera suas, filhas do seu espírito, do espírito de Camila, o homem que ela soube fazer seu, como somente ela saberia fazer. Camila é uma só América, um só mundo, a América que vejo em minha pátria um pouco adiante, com um pouco mais de civilização que lhe permita entrar de fato na modernidade por vir.

“No princípio foi o ato”. Camila é ação e contemplação, é Lia e Raquel, como as apresenta Dante na *Divina Comédia*, traduzida por Donato: “Saibam os que por meu nome perguntarem que sou Lia, e com minhas mãos atentas, grinalda vou tecendo. Quero, com ela, ver-me no espelho mais formosa. Minha irmã é Raquel, a que jamais repousa o espelho seu, sentada diante dele o dia inteiro. De mirar seus olhos não se cansam, como eu de enfeitar-me não me fatigo; enquanto eu me agrado em movimentos, ela em contemplação vai-se comprazendo! (Purgatório, XXVII)”. Em Camila convergem Lia e Raquel, vida e recolhimento. Como viver todamérica? Vivendo as duas com o seu corpo. Como fazer das crianças seus filhos legítimos? Dando-lhes um pai. Como fazer de Murilo o pai que ele se propõe a ser? Aceitando o seu pedido de casamento. Trata-se de um casamento com separação de sexualidades, uma disposição de que este é que é o verdadeiro casamento, libertando e não aprisionando o outro.



Para conhecer o Brasil, Camila começa suas viagens, ingere territórios, pessoas, grandes fatias de literatura brasileira. Envia também Murilo. E para fora do livro, anuncia-se que sempre estarão viajando, armando pontes com suas próprias pessoas. E é numa de suas viagens aqui, mantendo sua liberdade, que Camila encontra o seu Nauta, que, no enorme leito onde se acham, lhe narra da estranha ilha onde foi parar e que o embruxou, e que passa a fazer parte do imaginário e da união do casal de amantes.

O casamento, enfim, que é o verdadeiro começo, é que faz aparecer o livro que Camila estivera escrevendo, dentro do qual soam as vozes de obras que foram por outrem plagiadas. Boa ideia, haverá pensado Bertoldo, boa ideia, para que se cumpra a minha parte no acordo com o senhor Ladeira.

Acordos, pactos, pautas, que sei eu? Nunca assinei nenhum. Reservei-me para outras coisas. Talvez haja sido esta a causa. A causa! Não vira necessidade de assinar nenhum papel. Assinar, assassinar, ou o que seja.

Felicidade, se senti na vida, foi quando escrevia *Nascimento*. Não sabia ainda, nem de longe, qual seria o preço. Preservei-me ao máximo, andando até entre as gotas da chuva. Eu era completo. Como de costume, não deixei que ninguém visse o livro. Escrevi o original à mão, o manuscrito está no Museu, e o reescrevi em três versões datilografadas, estando a primeira e a segunda destas também no Museu, e a última versão comigo.

Chegou enfim o grande dia de enviar a versão final para São Paulo, para a Fundação, onde se encontra desde então, tal como foi feita e terminada. Procurei então o senhor Ladeira. Na primeira entrevista não levei nada, não iria aparecer lá com um pacote, conversamos bastante, falei-lhe tudo sobre minha

**144** experiência anterior, nada lhe ocultando, e pedi-lhe garantias. Disse-me que eu poderia ficar tranquilo e perguntou-me se ele poderia tomar como leitor Bertoldo. Disse-lhe que não me opunha, embora preferisse que ninguém lesse. E para quê?

Fiquei de dar-lhe uma resposta na semana seguinte e então lhe entreguei pessoalmente o original que lá ficou. O tempo passava. Mas não queria empregar meu tempo em visitas. O máximo que fiz foi acenar com um convênio com uma instituição na qual minha obra era objeto de estudo. Foi pior. O senhor Ladeira pediu à instituição o que a mesma reputou como uma importância dez vezes maior do que seria necessária para editar um livro, o senhor Ladeira me dizia: não me apresse! Imagine! Ele é que deveria ter pressa de conseguir alguma coisa diferenciada para o seu catálogo. Resolvi fechar então com a aludida instituição, que mais cedo ou mais tarde publicará o livro, para cuidar de outras coisas, não me dando sequer ao trabalho de retirar a cópia que ficara em mãos do senhor Ladeira.

Fui me ocupar de respirar e de viver um pouco. Aprendi com Camila a tragar o ar dos dias e das noites. Para mim o destino de *Nascimento* era aquele mesmo, ser editado por uma instituição na qual minha obra era uma realidade. Isto me atraía, este berço. Estudantes, jorros de primavera! Demorasse o tempo que demorasse. Interessante, muito interessante, dava-me um frescor de livrarias, que, às vezes, são mais que tudo cemitérios de livros, com prazos de validade, saldos, três anos, que digo, três meses! Não mais do que isso. Ascender nas vendas! Queima de estoques! Minha hipótese me seduzia, sorrindo, iria urgente a Paris olhar de novo a conformação da boca da Mona Lisa.

Que divina serenidade, vejo agora. Tão serena que deixava espaço para as mais vertiginosas alterações. Que começaram a ocorrer no final do ano posterior ao da Bolsa, quando comecei a escrever *Amigo*. Aliás, antes. Distinções eram anunciadas, recebidas. *Quanto sucesso!* Mas o que me satisfaria mesmo seria começar um novo livro. Logo houve uma nova premiação à pessoa do autor que consistiria na publicação de um livro inédito de poesia, que imediatamente decidi seria *Navegação*, porque era um livro mais ou menos pronto, que me bastaria finalizar. Bastaria! Que se consulte o prefácio do autor, constante de *Navegação*.

Mas o que nasceu, brandindo de novo, foi o romance *Amigo*. Foi uma fase de minha vida em que decidi ser absurdamente feliz, com a inconsequência dos que decidem ser absurdamente felizes. Tudo teria de ser absolutamente novo, tudo poderia ser ousado, todas as liberdades, para ser fundamentalmente livre. Era sem dúvida uma herança de Camila, se a criara assim, como um deus distante, ao qual, ela, como criatura, jamais teria acesso, e só assim começo a entender deus, querendo ele a mim o imenso bem que eu quis a Camila, soubesse ela ou não, não poderia, como seu criador, ficar abaixo dela. Imitava-lhe tudo que pudesse ser imitado.

Foi assim que, por um certo período, abandonei um pouco os hotéis, trocando-os pelos lugares públicos onde Camila escrevia parte do seu próprio livro, quando não estava no território de sua casa. Podia ser qualquer lugar, um banco de jardim, o anteparo de algum muro, o mármore da mesa de uma sorveteria, o balcão de um supermercado, a sala de espera de um cinema, o que mais pudesse ser enumerado. Mas o local preferido era um certo banco da Praça Antero de Quental, em

146 que mantinha horários de trabalho e como que à maneira de um sinal de bom aviso encontrava sempre desocupado.

Praticamente havia me esquecido de Roger e embora o visse passando para cima e para baixo na Praça, enquanto eu escrevia no meu habitual caderno, era como se ele não existisse para mim. A partir do momento em que conduzira minhas exéquias no Corredor do Museu, lá também o enterrara. Nosso encontro ficara adiado para muito mais tarde, quando o tempo, em sua sobranceira soberania, o marcasse. O melhor do meu jogo era que ele e o senhor Nigri não sabiam dele, estavam à mercê do que ignoravam, e uma vez que eles haviam iniciado a partida, isso me parecia o mais delicioso. Quando queria adormecer mais facilmente, fazia soar nos meus ouvidos a voz do senhor Nigri, a dizer, esta parte eu não entendi. Viva! E quase prorrompia numa colossal gargalhada, não me atrapalhasse o sono.

Cada um com seus recursos. O senhor Nigri com sua fabriqueta de clones, e David com seu maquinismo herdado diretamente da “Colônia Penal” de Kafka, com sua capacidade de metamorfosear-se, mas isto precisava ser aperfeiçoado, sua capacidade de desmetamorfosear-se, porque, de que lhe adiantaria permanecer transformado no inseto em que o transformaram o senhor Nigri e o senhor Ladeira se não houvesse desenvolvido a novel capacidade de se retransformar em homem, criaturo, a escrever suas laudas, bandas, tirinhas na Praça Antero de Quental, totalmente carregado pelo seu assunto como numa balsa, numa prancha de *surf*, numa asa-delta? Por nada, Kafka, ser devorado por Praga e pelos arreganhos do Outro, ou pelos sestros daqueles dois senhores citados.

Às vezes, enquanto escrevia *Amigo*, via também andando pela Praça, Bertoldo, mas como ele felizmente ainda não exis-

tia para mim, e pelo menos esperou o seu tempo de existir, era como se lá não andasse. A Praça era do Povo, era minha, era do Condor. Quanto ao céu, naquela época, era verão, estava sempre azul.

O que fez de *Amigo* esta intensidade de que diriam os seus leitores, que não lhes permitira interromper a leitura, eu o vivia de uma maneira comensurada. Trata-se de um livro-amor, não um livro sobre amor, como os que surgiram depois de sua publicação, se é que surgiram, colocando, o tema *upside-down*, ou o tomando de forma pasteurizada, com resultados outros, como as leituras de Freud em qualquer parte, dissolvendo da mesma forma os seus inventos.

O que é um livro-amor? Basta ler *Amigo*. Ou melhor, basta escrever *Amigo*, o amor, já disseram, é a única coisa que existe, mas para isso é preciso primeiro que exista. Estava tão apaixonado quanto Camila por Murilo, apaixonara-me pelo jeito de uma pessoa, suas maneiras, qualquer coisa, com separação de quase tudo, e a prova de que era de verdade e para valer é que a paixão perdura. É uma paixão imortal. A serenidade, enfim! Uma paixão devastadora e serena. Pode existir tal paixão? Sim. Não chega a ser uma fórmula, mas pode ser até tomada como tal. Está em *Amigo*.

Eu não iria modificar a vida de tal pessoa, melhor seria dizer estragar, porque sua vida já estava estruturada. O mesmo ela poderia dizer de mim. E assim nos amamos, como Camila ama Murilo. Mas como o Ser Amado não tivera a *Paideia* de Camila e Murilo, precisei ensinar-lhe tudo, como continuo a fazê-lo, porque para ter a minha experiência, ele precisaria ser eu, coisa que ninguém pode exigir de ninguém.

Digamos que seja um amor pedagógico, de recíprocos ensinamentos de parte a parte, inesgotável, que trazia uma nova

**148** delicadeza para a vida, não a dois, mas de dois. O tipo do amor que é como um tesouro infindável, que você leva com você em todas as viagens, com valise, sem valise, de terno, de sunga, nu, sentado numa cadeira ou andando sob a lua na praia. Plenificante, *fausse maigre*, real e imaginário.

Desta forma. Mas quanto mais eu falar, menos se terá, o que se deve fazer é ler *Amigo*, o inacreditável de sua existência, tanto quanto a de *Nascimento*, linguagem que todos vão entender, aqui, fora daqui, universal desde a raiz, desde seus ancestrais, olá!, um *film* que todos entenderão, também aqui e fora daqui, quando for feito o correspondente *film*. *Danke!*

Voltando ao meu escritório literário na Praça Antero de Quental, lá estava eu, mas não como aqueles que foram escravos voltando para cobrar os seus créditos, ou os exilados do templo. Era uma vida. Nova. Em Camila eu já me metamorfoseara, cabia-me agora desmetamorfosar-me dela para ser outra coisa. Outras coisas.

Mas muito dependia do acaso, do encontro que resultara em *Amigo*. Isto era a única coisa que não poderia ser premeditada. Ocorreu, é tudo. O destino favorecia-me. E muito do que aconteceu depois, do que acontece, continua acontecendo, devo a este encontro.

Criar *Amigo* já foi um privilégio, a maior ventura, a maior aventura, concentração fixada como uma estrela no céu do meu pensamento.

Mas o que foi acompanhar a trajetória de *Amigo* mudou completamente meus hábitos e minha vida. O efeito foi imediato. Duradouro, no entanto. Os convites para falar sobre *Amigo* não cessavam nunca e eu resolvi aceitá-los todos. As perguntas eram das mais ilustrativas, fossem elas argutas ou banais, de qualquer ordem. Era o ensinamento em ação. Al-

gumas observações são inesquecíveis. Uma delas: qualquer livro que eu pego, adormeço imediatamente, mas não sei o que aconteceu com este, eu não dormi. Vamos ver que era isso mesmo. Eu me acordara demais. O livro fazia acordar. Quase a mesma coisa haviam dito de *A Noite*.

*Amigo?* Apenas uma espécie de: o amor funcionando. Ou um aconchegar-se na criação artística do século XX no mundo ocidental. Busca de companhia. Minha mãe contava que a primeira frase que eu dissera fora, quando me deixava... sozinho não. Pois então eu a confirmava, na vida, na arte. Sozinho não, sozinho não, sozinho não. Como gotas de chuva. Seriam todos e eu. Ou nada.

Assim coloquei em *Amigo* todos que pude colocar, deixando que minha alma à vontade escolhesse a sua sociedade e o seu círculo. Mais o Ser Amado. Parece simples, mas não é. Não pode ser simples viver uma explosão do Ser. E escrevê-la. Exige coragem querer-se acompanhado. Mas é o indicado, são séculos e séculos do que se faz, do que farão. Brilha sol, para que mais brilhe a minha beleza.

Se o livro era novo, não havia modelo para a sua leitura. Os leitores fariam este modelo. Viajei muito. O livro me levava. Encontrei-me com plateias de toda ordem. Isto sempre foi natural para mim. Trata-se de uma loquacidade nata, decorrente de vários fatores, do fato de pensar com grande velocidade, já em discurso organizado, e dizer com toda a clareza o que se pensa, em fala igualmente rápida. Desde Pia... você deveria ser professor. A partir do Pai... nada de mau irá acontecer. Não me afino com pessoas que falam sem saber o que dirão depois, em voz pastosa e lenta, como se estivessem mastigando. Nem sequer as entendo. Sua calma irrita-me.

As viagens eram rápidas, mas visitei várias capitais. Eram ouvintes receptivos, que respondiam. Às vezes eram organizadas reuniões de grupo, convidavam-me, eu novamente aceitava. Era como prolongar o processo de criação do livro, que se dera na mesma velocidade que nele está impressa, coisa que às vezes é preciso explicar. Então foi escrito em tão curto tempo? Mas foi? Exatamente, para aproveitar o estado, o ânimo, a disposição, a paixão que o gerou. A paixão vem e vai, mas os seus resultados são permanentes. O que ela produziu, o livro. Depois, é outra coisa. A paixão é o que planta o amor, se é paixão de verdade. São as responsabilidades da paixão, havê-la vivido, os seus efeitos, o livro de um lado, o amor do outro, para por eles responder.

Assim tenho um amor, que me deu a vida, e que vai originar dias e livros, conversas, encontros, viagens, trocas, projetos mútuos ou em separado, não importa, o caráter prolífico do amor em ação.

Um dos pontos mais interessantes nestes encontros era a curiosidade sobre o autor e o desejo que tinham as pessoas de escrever. Algumas, é verdade, nem todas. Mas o que todas tinham era o desejo de se expressar, de conviver, de alguma forma, falando, conversando, livremente. E um dos modos de satisfazer estas pessoas era recebendo suas perguntas da maneira como eram feitas, não lhes trazendo coisas prontas, que precisariam ser ditas.

Na verdade não era a primeira experiência do tipo que eu tivera, mas com tal intensidade, sim. Para encará-la se teria de ter um real interesse por estas pessoas, por estas pessoas como leitores. Apenas de *Amigo*? Certamente não. De tudo o que o livro trazia, o que todos haviam feito, o ponto a que se havia chegado. Ninguém é escritor sozinho, embora alguém



me haja dito que por sua vontade escreveria o Livro, aquele que encerraria a história da literatura. Ideia que afinal não é tão incomum assim.

O momento em que surgiu *Amigo se* faz num momento muito especial do século, o seu último quinquênio. Os leitores existentes neste momento são também leitores muito especiais, que a todo momento precisam justificar para si mesmos o ato de ler, mas que acabam na mesma situação de sempre... li porque o livro me arrastou, gostei da linguagem e sobretudo do jeito do livro. Por mais inacreditável que pareça, são leitores que passam muito tempo numa livraria antes que se decidam a levar um livro para casa, para ser realmente lido. Este o leitor que interessa, um leitor para sempre.

Esta experiência de exposição é bom que se a tenha pelo menos uma vez na vida. Mas como alguma coisa breve, uma alegria breve, que não é definitiva. Uma espécie de festa, de festival de si mesmo. Este festival e outros festivais. Houve grupos de estudantes, mesmo porque *Amigo* passou a ser estudado em instituições de ensino. Houve grupos de senhoras gentis, afetuosas, e tão sagazes em suas interpelações quanto os estudantes. Houve até *tête-à-tête*, quando a pessoa que teria tanto a perguntar acabava não tendo muito a fazê-lo.

O que era mais sólido de tudo isso eram as antologias de citações, porque inevitavelmente cada pessoa tinha seus trechos prediletos, de acordo com seus próprios motes internos, e isso era o que havia de mais belo, ouvir trechos de sua própria obra, como trechos preferidos de uma ópera. E o som era sempre diverso, de acordo com a ressonância que tivera na pessoa.

Alguns liam com voz chorosa, outros com voz ridente, e entre estes dois extremos, havia uma gama de todos os metais.

152 Era como um generoso recital. A contribuição que dava cada um na construção do texto. Operacionalizando-o. Fazendo-o viver. Como eu próprio fizera, fazia-o com o *Hamlet*, perto ou longe das Pedras do Arpoador.

Mas um dia isto teria de terminar, tinha o seu próprio limite, embora eu não soubesse quando ou como. Certamente não seria com isso que eu faria um novo livro, cujo mistério, sem que eu soubesse, já vigorava dentro de mim.

Além disso, no meio de tudo, eu teria de finalizar *Navegação*, pelo compromisso já assumido. E era um outro gênero, poesia. E *Navegação* acabou, sob a influência de *Amigo*, saindo um livro maior e diverso daquele inicialmente pensado. Além da parte já concluída, “O Infante”, foi acrescido de uma parte tão substancial quanto esta, “O Anjo”, que é uma espécie de continuação poética de *Amigo*, o *carpe diem* de uma paixão amorosa, quando a lógica da relação tem de mudar a cada passo se se reveste do propósito de sobreviver.

Por outro lado, surgindo no meio deste festival de *Amigo*, *Navegação*, que inclusive graficamente saiu um livro muito bonito, teve de caminhar por si mesmo, uma vez que, como autor, não lhe pude dar muita atenção. Exceto o lançamento, frequentado sobretudo por jovens, deixei-o ir com suas próprias pernas. E ele foi, um livro, segundo os seus leitores, moderno e inovador, que conseguiu agradar a todos os gostos, foi lido em reuniões em voz alta, provocou estranhos fenômenos, ressonâncias. Formou um belo contraste com minha atitude em relação a *Amigo*, por um maior número de razões do que poderei aqui colocar.

Algumas delas, no entanto, são irrenunciáveis. Não é que eu fosse menos apegado a *Navegação* do que a *Amigo*. Sou-o da mesma forma e um outro livro como *Navegação* não escre-

verei, porque não é possível experimentar duas vezes as mesmas paixões. Escreverei outros, mas não *Navegação*. Mas é que a explosão de *Amigo* vinha de outras compressões. *Amigo* foi escrito numa praça, a Praça Antero de Quental. Que um homem deixe seus interiores e se dirija a uma praça, sente praça numa praça, sente-se numa praça para escrever um livro, não pode se constituir num acaso, sobretudo quando isso se torna num dos temas centrais do livro e está nele representado. *Amigo* é o resultado de muitas coisas, sendo ao mesmo tempo uma narrativa épica e lírica, um banho de multidão, uma indigestão dos espaços do privado. Fora assim que havíamos ficado aqui naqueles tempos plúmbeos e sombrios, isolados uns dos outros, reduzidos aos domínios da privacidade obrigatória, tentando desmentir o mal que tudo aquilo nos trazia, comprimidos pelo regime, cada um no seu labor a travar a áspera batalha, o meu o de continuar escrevendo, todos na qualidade de exilados internos, alguns até de expatriados internos.

E ali estava eu, muito depois, escrevendo na Praça reconquistada, para aplacar antigas faltas, sedes, fomes, eu, um membro da grande família humana que por ali transitava. Era espantoso, de tão mágico, ser possível, por um mínimo gesto, partilhar, por profundos sentimentos, do todo, vendo, cada haste de grama, cada criatura, em seu grave esplendor, um partícipe da ordem dos humanos. Cheguei mesmo a criar uma Ordem com cujo mérito agraciava a algumas pessoas muito especiais, a de Criatura da Ordem dos Humanos. Não havia nenhum código escrito. O próprio membro deveria descobrir quais seriam as obrigações de tal Criatura, pertencente a uma tal Ordem.

Depois *Amigo* viera e tudo o que veio junto para desviar-me do que acontecera a *Claro* e a *Quotidianus*. Já disse al-

154 guém, com razão, que a mágoa mata mais. Eu porém não estava disposto a dar prosseguimento a isso. Preferiria morrer de alegria. Então inventei a festa que foi e é *Amigo. Amigo é a Invenção de David*. A própria exposição a que me submetia era uma nova espécie de paixão vivida pelo artista, sem qualquer *script*. Quem esteve lá não se esqueceu e sabe que ocorria o inacontecível. Há testemunhos, muitos, deste pródigo derrame das mais preciosas energias.

E descobri tantas coisas. Uma delas era uma redescoberta, a minha incomensurável admiração pelos que sabem falar sobre a sua obra com a mais extrema competência e naturalidade, porque a obra já é de outrem, entenda-se. A outra, a de que eu daria sempre preferência a apresentar obras novas, que pudessem gerar sempre o escritor novo que eu sempre seria, porque escritor novo é aquele que produz um livro intrinsecamente novo, que tenha tudo a ver com o momento em que seja publicado, pelo menos na hora do seu aparecimento. Dificilmente eu teria tempo de voltar sobre os meus passos, reconstituí-los, isto ficaria para os que viessem depois de mim, que deles se apropriassem na Biblioteca Nacional, no Museu de Botafogo, ainda mais que minhas obras dispersas dariam outros tantos tomos, e os inéditos no Museu, ou *in private*, nem se fala.

Não iria jamais perder a oportunidade de estar vivo, de ser até o fim, conforme concebo, um escritor novo, na ordem do dia, aproveitando ao máximo a experiência acumulada. Que me leiam, releiam, tudo bem, mas eu próprio, impossível. Não possuo esta capacidade, nem quero possuí-la, e sei de muitos, a maioria, que não a têm, dispensam aquelas casinhas de tijolos que tantas vezes afugentam leitores. Oh!, ler deitado, sem que seja preciso fatiar um grosso volume como um

bárbaro, um livro leve e dobrável, como vogando num barco ao sabor das águas, inverno, sob um agasalho, nu, no verão, uma leve bata no outono, uma tépida camisa na primavera. Vogar, perambular, viajar sozinho e acompanhado.

Que sejam outras as leis das Cercanias, pouco me importa. Eu quero é isso, escrever em hotéis, em praças, e prestar os meus tributos a todos os homens e mulheres que pisaram neste planeta. Quero conhecê-los um por um convergindo-os nos meus personagens, apertar-lhes as mãos, olhá-los nos olhos, confortá-los, beijá-los respeitosamente, nem que seja à distância. Leves ósculos que como o adejar de anjos pousarão em suas faces. Eu nasci assim e quero conservar-me assim até o fim. O que não seja isso, dispenso. Minha obra será sempre como folhas ao vento, incompleta, e nem *Fim* eu escreverei, nem sequer viajarei de volta a Stratford-on-Avon. No meu caso nunca haverá tempo suficiente, porque usarei o tempo que houver até o fim.

Mas este é aquele?, perguntarão, anda tão sumido, ele que aparecia tanto, mas tem certeza?, é ele?, tão calado, apenas olha, será que ainda nos vê?, já lhe acenamos tanto, ele nem responde, o que será que houve?, eu vou até lá, David, sou eu, Cíntia, da Fundação, não se lembra?, não precisa levantar-se, esta é Valéria, estava lá no Centro Cultural quando você falou, *ciao*, prazer, está na hora da sessão, vamos ao cinema, está na hora, *ciao*, prazer, *ciao*.

Eu sei que será assim, já o sinto que será o meu próximo passo, que pena que Khrista não tenha persistido para defender-me, falar por mim, como tantas mulheres de escritores, permitindo que gole por gole eu não interrompa o meu suco de lima-da-pérsia. Se não tomar logo, amarga!

E quando é que eu vou ter tempo afinal?, de refazer minha vida, viver uma existência movimentada e viajeira, combater na Grécia, navegar em lagos, nadar como um peixe, morar num palácio em Veneza, ah!, que saudade daqueles tempos que não foram meus, mas tanto mais os gozo e gosto, tempo que somente a obra que deixaram pode trazer de volta, e eles, inteiros, aqui, meus companheiros, os companheiros em que eles se converteram, eu a sorver um suco de lima-da-pérsia num *shopping* onde há cinemas, um coração, o único?, que por eles bate.

Se pensar, se pensarem bem, David, ele ou eu, foi apenas isso, um coração que bate, por si mesmo, pelos outros. Todos sabem que jamais neguei meus ouvidos a palavras a eles dirigidas, minha língua ao vivo, rubra, minhas palavras de reasseguramento. Sempre me disseram, eu prezo: quando David está, eu me sinto seguro. E quem me assegura? Vocês, que irão recolher minhas obras, como Íris a Osíris, uma por uma, na Biblioteca Nacional, no Museu de Botafogo, pois, no meu caso, nem me será facultado morrer, quanto a voltar para Stratford-on-Avon, nem se fala, nem será preciso, nunca abandonei o Rio de Janeiro, depois de morto, se tanto, deixei, continuarão a aparecer coisas minhas, novas e vivas, nem precisarei ter saudades de mim e de vocês, aqui estarei com vocês, em tomos, um por um, no início, até que tudo se organize e chegue o tempo, como uma estação, de tudo rejeuntar.

Para mim é sempre cedo, e sempre haverá o tempo, carimbo no passaporte. Porque eu sou David e não posso ser outra coisa, e deixo com vocês este retrato de artista, não por orgulho, ou vaidade, como lembrança, por ter estado entre vocês, às vezes loquaz, parroteando, vitrolando, às vezes em silêncio, às vezes loquazmente silencioso, às vezes silencio-

samente loquaz. E a quem possa interessar deixarei minhas obras completas, ainda assim sempre incompletas, onde já se sabe que se encontram. Terra à vista! Mãos à obra!

Minha felicidade como homem-artista depende desta produção contínua e nova, como o desenrolar do carretel da vida, não posso desenrolá-lo para trás, apenas para frente, alimento-me disso, respiro isso, dependendo desta disposição ao vivo para escrever, e sem este escrever não haverá nem vida nem escrever, como para qualquer homem sem isso não haveria viver, trabalhar, divertir-se, ele seria um mero bruto ou escravo, não o artista que todo homem é. Do contrário, eu estaria sozinho, e como fui logo declarando à minha primeira plateia privilegiada, porque teve o cuidado de ter cuidado, registrou: sozinho não, sozinho não, sozinho não.

Sozinho, cada um por si, foi o pior estigma daqueles Anos Sombrios. Teria muitos episódios comigo ocorridos, com amigos, com conhecidos, a narrar. Mas declino, não vou lhes ficar cobrando isso até o juízo final, deixo isso para os que curtiram Paris etc. Passou. Vida nova. Nuncamais. Lembro-me de mim na árdua e doce tarefa, escrevendo, procurando encorajar-me, animar-me, com meus *pocket feedbacks*, digamos, retraçando os passos, os passeios, que eu dera com Khrista grávida, Karoline na sua barriga, na Praça Antero de Quental, revendo os rostos das pessoas que confiantemente, eu, simples mortal, me dirigiam a palavra, como a um deus presente, em qualquer lugar, moço, onde fica a Visconde de Pirajá?, veja, vá direto pela Ataulfo e quando chegar ao Bar Vinte, começa a Visconde, moço, o senhor acha que este abacaxi está maduro?, veja bem, se estiver dando para o dourado, está bom, mas se estiver mole, já está passado, moço, moço, moço, mas quando finalmente serei um velho?, abandonando esta disposição

158 atenta e borbulhante, que cansaria a um gigante ou a um adolescente, e que determina o tipo de obra a fazer, e não outra, a que tantos estimam: mas se você está lendo, quem precisaria lhe dizer? Mas se nem consigo reler minhas coisas depois de publicadas, já foram vividas, de que valeria? Mas nunca abandonei ler. Todos os dias vou às minhas livrarias vigiar os livros, deliciar-me com as relações que as pessoas têm com eles. Faço isso como o restante da humanidade possa ouvir música, ou ver um *film*.

Este é o meu *film*. *David Film*. *David, o Film*. Iniciado na Maternidade, o fim não se sabe. Com pequenas variações. Nunca me canso de minha posição, que defino como uma posição entre: entre o céu e a terra, entre o silêncio e a fala, entre a tristeza e a alegria, entre o choro e o riso, entre a solidão e a festa, entre, entre, entre. E você também pode entrar, pedindo licença, sem pedir licença, *ad libitum*, como melhor lhe convier. Entre! Batendo ou sem bater!

Mas como eu ia dizendo, estava naquela festa toda de *Amigo*, com *Navegação* de permeio, quando alguma coisa cansou-se em mim, ou era eu mesmo, com aquela sensação de inutilidade, mas não que o seja, que ocorre no auge de qualquer festa. Acabara-se o inacabável, desvanecera-se o sortilégio. Ensimesmado e mudo, encontrei-me mais uma vez sentado num dos bancos da Praça Antero de Quental, onde eu baldeava antes de entrar em casa.

É que eu estava pronto para escrever um novo livro, o que precede a este, a que intitulei *Os Fastos*, hoje em mãos da Editora de *Amigo* e a ser publicado. Até aqui me referi a meus onze livros, *Linhagem*, *A Pedra*, *A Noite*, *Trópicos*, *Temas*, *Delitos*, *Claro*, *Quotidianus*, *Amigo*, *Navegação*, *Nascimento*, *Os Fastos* é o de número doze, não havendo me referido a



*Dueto*, inédito, escrito antes de *Trópicos*, cujo original está no Museu. Mas a ele me refiro agora, por ter uma importância genética em relação a este que ora escrevo, e ser, de alguma maneira, a sua célula mater. Isto dito, por ora baste.

*Os Fastos* me veio como me vieram bilhões de livros, como sementes espalhadas ao vento, apenas lhe dei a oportunidade de ser escrito, porque estava cansado de tanta festa, queria outra coisa, como alguém que se casa com uma mulher para livrar-se de todas as outras.

Mas dizer exatamente de onde veio, não saberia. Veio-me do nada, de estar na festa, no nada. Veio-me como uma bola que nos vem à mão do alto e que agarramos, porque... o que se faria com uma bola que nos vem à mão do alto? E se foi um truque? Mesmo assim teremos de agarrá-la para ver se é! Mas não era um truque, era *Os Fastos*, que me chegou como um bebê que alguém lhe põe nos braços, quase o escorregando, e que você deve segurar para que ele não caia. Seria Karoline este bebê? Ou seria o bebê que alguém põe nos braços de Camila, e depois disso somente existirá antes do bebê e depois do bebê.

No mesmo dia em que comecei a escrever *Os Fastos*, não queria saber de mais nada. Não estava para ninguém. Retomei meus hotéis. Abandonei a Praça onde escrevera *Amigo*, porque *Amigo* é um livro de exteriores. Mas *Os Fastos* é um livro de interiores. Não me alongarei demais sobre *Os Fastos*, porque ele ainda é inédito. E depois é muito difícil falar sobre *Os Fastos*, ele mesmo se fala, é uma coisa toda linguagem, uma linguagem que de tão simples arma laços, ciladas, os próprios laços e ciladas de uma linguagem que luta por ser transparente, sabendo que a linguagem não é transparente.

**160** Depois eu queria tocar em alguns pontos, embora indiretamente, a herança urbana dos *Anos Sombrios*, uma cidade superlotada que não cabia mais seus habitantes, as emigrações para espaços mais viáveis, mas para falar a verdade até aqui eu estou embromando um pouco, para não quebrar o mistério de *Os Fastos*, um livro das dimensões de *Amigo*, indo diretamente ao alvo, a motivação, as surpresas, das relações entre as pessoas.

Trabalhei seguidamente durante quase um ano e quando estava a ponto de terminá-lo para começar outro, de modo a não rolar para o abismo criado pela intensidade de criar *Os Fastos*, e que não era o presente livro, como é evidente, mas um outro, recebi o convite para o lançamento de um livro. Até aí, nada. Ocorre que este livro era o livro de Bertoldo, *A encantação*. *A encantação*? Que tinha isso a ver com a obra anterior de Bertoldo? Pouca coisa, ou nada. Por ser o senhor Ladeira o editor de Bertoldo, e Bertoldo o leitor de *Nascimento*, lembrei-me de que havia deixado lá, esquecido, o original do mesmo. Comecei a me sentir preocupado. Por que não o retirara de lá? Porque, aprovado o mesmo pelo Conselho Editorial do senhor Ladeira, imagine!, e diante do seu permanente vou publicá-lo, não me apresse, o havia conservado lá, embora já comprometido com a instituição que o publicará em breve.

Dois dias depois, entrei numa livraria e peguei no livro de Bertoldo. Pois bem, o capítulo 21 de *Nascimento* era o núcleo de concepção, a célula geradora do livro de Bertoldo, os elementos deste capítulo exatamente combinados no livro dele como no meu, além da presença de outros elementos polinizados em *Nascimento*, já a partir, no dele, do título, da quarta capa, do primeiro capítulo, da parte final, naturalmente no seu estilo esborniado, o oposto do meu, aquela coisa de tempos passados,

agora a coisa é outra. Larguei lá o troço, sentei-me num banco, era num *shopping*, e a realidade começou a perder a realidade para mim. A tematização do plágio em *Nascimento* trouxera um novo plágio. Fora aquele momento em que um indivíduo, numa determinada situação, diante da notícia de um roubo – de inédito, é roubo! – mal se contém e exclama: boa ideia!

A situação de Bertoldo é conhecida de todos, fala-se sobre isso, ele próprio fala, divulga, em revistas, jornais, este é o que ele reputa o seu meio de vida, lavagem de roupa em público, exhibe-se em entrevistas pagas, seguindo o raciocínio de que é melhor ser um vendido do que um não-comprado. Sabe-se de tudo, que de há muito o escrever o desertou, faz um tipo diverso do de Said, que deprecia o que não pode mais, insiste, e o senhor Ladeira cobra, cobra, cobra, o que investiu, não apenas ele, seu clã, desta sua herança dos Labdácidas. Como Roger, em desespero, sem poder terminá-lo, Bertoldo rasgou o livro cobrado, e lá ficou, até que pegou carona no meu. Mas um inédito é intocável e de inédito é roubo.

Lá naquele banco resolvi que haveria um Processo. A coisa vinha em má hora, estávamos em novembro, eu precisava ainda de algum tempo para terminar *Os Fastos*. A primeira coisa que fiz foi escrever sob Registro AR ao senhor Ladeira que me devolvesse também sob Registro AR o meu original, com a intenção de provar pela remessa que o original estivera lá, dizendo-lhe que lesse o capítulo 21, coisa que julgava do seu máximo interesse e que se pronunciasse. Passou-se um mês e nada. Liguei para a secretária do senhor Ladeira, a senhorita Andressa, dizendo-lhe que, com ou sem pronunciamento, me devolvesse o original, para o que usei de mil argumentos que julgo desnecessário mencionar aqui. Deu resultado e em poucos dias recebi o que solicitara.

A coisa devia andar por partes. Voltei a escrever ao senhor Ladeira, dizendo-lhe que havendo ele verificado o verificável, o justo seria o seu pronto pronunciamento. É óbvio que ele não se iria incriminar, mas a minha intenção fora fazê-lo sabedor de que eu sabia.

Agora tinha em mãos tudo de que precisava, o meu original devolvido com data de postagem de 23.12.97, cópias de minhas duas cartas que escrevera ao senhor Ladeira com os dois Avisos de Recebimento em meu poder, o convite para o lançamento apenas para nele anotar a minha causa e o que faltava era comparecer ao escritório de algum advogado.

Mas eu não queria abandonar *Os Fastos* e deixei tudo para quando estivesse concluído e remetido à Editora de *Amigo*. Oh minha alma profética! Terminei o trabalho de um ano no dia 1º de janeiro e pouco depois já estava o mesmo em mãos da Editora.

Embora escravo deste novo encargo que me caíra sobre a cabeça, eu era agora um homem livre para dar a minha resposta. Precisava apenas de gozar uma pausa e desistir de falar com qualquer pessoa sobre o assunto. Mesmo assim falei com algumas, com as previsíveis respostas. Eram conselhos do Rei e da Rainha ao Hamlet.

O que quero dizer é que é um luto por dentro, que nada pode desenlutar. Aviltante. Mas o processo, o tribunal, poderiam funcionar como uma cena de alívio numa tragédia, que nem assim poderia ser evitada. O que não podia acontecer, acontecia, e pela segunda vez, ao único a quem não poderia acontecer, a mim, um indivíduo que não aceita negócios, com quem um negócio fora feito, à sua revelia e sem a sua participação.

O meu oposto servia-se de mim pela segunda vez, era como uma sina, uma predestinação, eu tinha de, indiretamen-

te, servir a causas que não eram minhas, a alianças que jamais faria, as alianças de Roger, a projetos de vida que eu repelira sempre, que eram os projetos de vida de Bertoldo.

O que Bertoldo queria de mim? De mim, nada. Permitira-se o que jamais me permitiria, nem desejaria para mim, seu tipo de vida. Queria apenas cumprir suas obrigações e prazos com senhor Ladeira, e como se encontrava no lastimável estado em que se encontrava e que transformava no seu melhor *marketing*, dele não tendo o menor pudor, como os que estão irremediavelmente perdidos, me inscrevera como um inseto em suas enrascadas. E eu que nada tinha com ele antes, exceto o meu olhar próprio, fui escalado para odiá-lo.

E o ódio, por justas razões, como uma planta gigante, uma labareda, somente cresce e jamais minguar. Exceto se há reparação. E seria em busca desta reparação que eu iria.

*Dreke!* Maldição, que eu haja vindo ao mundo para consertá-lo! Era como um veneno que corroía. Tive de pensar em tudo. No funcionamento das Cercanias, como tivera de fazer durante toda a vida, a Segunda Guerra, os Anos Sombrios, e depois, até o momento atual, a presença dos acumpliciados secretos, embora não tão secretos, e nada ingênuos ou eventuais, como Roger e Naida, o primeiro com o seu silêncio, a segunda com o seu tradicional estoque de casacas viradas, mas sempre apanhada em flagrante. Apes, Epes, Ipes, Opes, Upes! Simples sílabas sobre o papel, mas como doem! Doo, dóis, dói! Coos, coas, coa! Digo, dizes, digo! Deixá-los ao céu? Ó Legiões! Ó Terra! *Is Brazil doomed to swallow such fellows?* Para não falar no retorno dos expelidos, a cobrar seus presumíveis créditos eternamente, a preencher com sua arte incipiente todos os espaços vazios dos que permaneceram, esperaram e se aplicaram à árdua tarefa.

**164**      *Dreke!* E agora? Todo o meu espaço mental ocupado, nenhum espaço para nada. Era o pior dos malefícios, como expusera ao Doutor Salvador, você, transformado em inseto, não é sofisma ou metáfora, você, espoliado do seu mais próprio, mais íntimo, você, coleóptero, você, não-homem, animalizado, chamado a destruir, convocado, recrutado a desmentir o que o desmente, como um número sorteado numa lamentável loteria.

Sim, eu dizia, ao que não se pode dizer não. Ao destino. E cada vez me sentia mais furtado com o que viera interromper o andamento de minha vida. Tive de falar com Karoline sobre o que viria. Mas isto trará muita dor, Pai. Mais do que já trouxe, Filha? O luto na alma?

Preparei todos os parafernais, como Sandra, assistida por Hermínia, preparava os seus apetrechos escolares, num sábado, para levá-los a um advogado na Rua México, recomendado, naquele tempo de Roger pelo Doutor Alberico, um tanto constrangido por me ter recusado o seu atendimento profissional. No domingo, fui cedo para a Praça Antero de Quental, sentando-me no meu banco costureiro, para fazer o balanço interno de minha situação. Minha vida estava em ordem, tinha minha obra completa e incompleta no catálogo da Biblioteca Nacional, no Museu de Botafogo, alguma coisa inevitavelmente em casa. Quem é você?, sempre me perguntaram. Um engenheiro, um artista literário, um escritor, um cidadão brasileiro, que, como artista, ao contrário de Roger e de Naida, com seu pseudo-poderio maquinal, um sujeito irresolvido a ser resolvido pelo tempo, que dele se ocupará, porque se fosse resolvido, assassinando sua sensibilidade, ou o que mais, teria de fazer as alianças que fizeram Roger e Naida, danando-se. Você é feliz?, continuavam eles, com as clássicas

perguntas, para desbaratá-lo. Ao meu modo, misturadamente, o mais feliz de todos, e também o mais infeliz, para gozar das duas capacidades.

Então sorria, antegozando o futuro irrestrito e sem limitações, declinando de responsabilidade direta com o nosso tempo e assumindo-a com um tempo futuro a ser fundado pelo presente, o coração, uma lavra, as mãos a tecer o trabalho. Olhava as pessoas que iam e vinham matutidamente, um pão sob o braço, o leite, o jornal, no dever cívico de viver.

Nunca sabemos para que acordamos. A mocinha que perdeu o namorado estará se perguntando: acordar para quê? E o pai, afagando-lhe os cachos, lhe estará dizendo, como dizem os pais: para ouvir os pássaros que estão cantando lá fora. Mas tudo o que se tem se pode perder. Tudo? Nem tudo. O que resta, ao fim? A noção de haver acordado cada dia, nem que seja para ouvir os pássaros, fiando se possível.

De repente, uma tempestade. Num dos cantos da Praça avisto Roger e Bertoldo, conversando. Na verdade, Bertoldo discursa, como em qualquer tribuna que lhe ofereçam, sem fazer distinção alguma onde esteja esta tribuna, e Roger, mais que tudo, ouve, emitindo algumas de suas habituais imprecações.

Onde estariam indo? Marcaram encontro ou, sendo vizinhos, eventualmente se encontraram, pondo-se a conversar? Roger está de calça, camisa e paletó, e faz eventualmente uns movimentos com o último, como se sentisse calor. Bertoldo está de bermuda, camiseta e sandálias, tendo um chaveiro na mão, fazendo o odioso movimento de girá-lo, como que para aumentar o espaço em torno de si mesmo, totalmente despreocupado de que com isso possa provocar um acidente.

Bertoldo fala, Roger ouve, pragueja. De súbito, o chaveiro em rotação por pouco atinge o rosto de Roger, e este, esqui-

**166** vando-se, deixa cair um estojo que traz nas mãos. O estojo se abre e dele cai um revólver, que ele de imediato apanha, para realojá-lo no estojo. Mas agora Bertoldo quer ver tudo, o estojo, o revólver, tudo o que haja para ser visto. E Roger não se nega, começa a explicar tanto o estojo quanto o revólver.

Daqui posso ver e mesmo ouvir o que se passa. Mas não ouço mais as palavras de Roger. Procuo apenas olhar, ver. O estojo me parece um estojo de joalheria, e o revólver, o mesmo, alguma coisa entre um brinquedo, uma joia e uma arma de verdade, um objeto arqueológico, quase arcaico, proveniente de um mundo também arcaico, que é um mundo ainda armado, sendo Roger o último representante deste mundo, o último elo que atrapalha. Que tal, num derradeiro gesto, arrebatando-lhe o revólver, também destruí-lo? A tentação é quase irresistível, por pouco um impulso incontrolável. De repente, ocorre-me que já escrevi esta cena em *Dueto*, um livro feito ainda nos Anos Sombrios, sobre um mundo desarmado, no qual resta um único revólver, que ainda assim produz um crime. Eu já vivera o que estava vendo.

Depois de haver, na medida do possível, satisfeito a curiosidade de Bertoldo, Roger, limpando o revólver, nas duas faces, ao longo de sua calça, aloja-o no estojo, e como um homem que, arrependido, houvesse ultrapassado os seus próprios limites, quase sem se despedir, e olhando para todos os lados, retira-se, caminhando em direção à sua casa, na quadra da praia.

Bertoldo, deixado sozinho, sem plateia para suas falas, é uma figura patética e, sem função, continua a rodar o chaveiro, como quem ainda não se decidiu o que irá fazer, deixando a mim decidi-lo.



Como um furacão, vôo sobre ele, enchendo-o de murros, um, dois, três. Mas agora que ele está caldo no chão, naquele segundo em que tudo se resolve, não sei mais o que fazer com ele. Estará morto? A cabeça está um pouco inclinada para o lado, o braço direito parece um tanto desconjuntado. E se ele estiver morto? Queria apenas dar-lhe uma lição, digo-me, como diante de um antigo professor e já agora de um juiz.

Finalmente, enquanto me punha ao largo o mais velozmente possível, constatava que por fim me havia posto diante do juiz mais cedo do que planejara, no domingo, não na segunda-feira. Breve, como num *film* de Jim Jarmusch, estava na casa da Praia. O senhor aqui sem avisar, me diziam os fâmulos atônitos, pois, por melhores que estes sejam, devemos-lhes a consideração de anunciar a nossa presença. É que eu não sabia, disse-lhes, mas podem fazer de conta que não estou aqui.

O que de nada adiantou, de fato. Logo se apressavam para cima e para baixo, preparando oferendas e sacrifícios, sem que eu pudesse negar-lhes o mínimo, minha condição de amo, sem colocar o mundo de cabeça para baixo.

Para mim, a mudança não fora grande. Em vez de ocupar um banco na Praça Antero de Quental, onde remoera durante os últimos cinco anos o que significara a materialização de Roger em minha vida, e já nos últimos meses, a de Bertoldo, agora eu ocupava uma *chaise-longue* na varanda, ocupado, eu, tão-somente em observar os enormes saltos que davam os botos que restavam no mar, enquanto o indefectível casal prosseguia em suas deliberações.

Sentia um enorme alívio. Eu era finalmente quem era, quem eu sou na verdade, não apenas o príncipe Hamlet, mas o príncipe justiceiro. Fora beneficiado pelo exato do que me

**168** estava faltando, o príncipe em mim me ajudara, metade virtude, metade fortuna. E ainda haveria muito a avaliar sobre esta imensa sorte que eu tivera. Sorte, sorte, sorte. Sorte na vida.

Não tardou muito a que viessem buscar-me, o que também fazia parte desta sorte. E como havia uma cadeia ao lado, para evitar qualquer tentativa de fuga, puseram-me nesta cadeia, também para não estragar o estilo do pós-futuro, referido e admirável cineasta. Eu fugir? Mas nem em sonhos. Fugir para onde? *Denmark's a prison*. Com ótimos tabiques, celas e calabouços.

Adorei a prisão, como já relatei, adorei os meus companheiros, encontrei descanso do casal que cada vez mais se agitava. Fui preso no dia 21 de janeiro, vinte e um dias depois de haver terminado *Os Fastos* e havê-lo enviado à Editora, e no quarto dia após haver esmurrado Bertoldo. Era uma quarta-feira. Na sexta-feira já fazia os primeiros apontamentos para este livro que a vida se encarregará de completar. No domingo já o escrevia. São os autos do meu processo, por mim escritos e parecerizados, o tempo me julgará, o tempo todo inteiro. Processo no qual sou juiz, impetrante e réu. Sorte!

Melhor assim. Que chances me dariam as Cercanias? Lembro-me ainda da cara daquele Delegado que me levou junto com um vizinho, para averiguações, por causa da correspondência recebida, durante os Anos Sombrios, e enquanto eu protestava, ele me dizia: mas nos tempos que correm, o que o senhor pode esperar? Tudo, eu lhe dizia. Tudo, ele confirmava. Apenas que o meu tudo era completamente diverso do dele.

# 5

## O Grande Feriado

**E**stou deixando a prisão. Nada de grave aconteceu a Bertoldo. E ele, dizendo ignorar os motivos daquele murro e afirmando até que deveria ter sido confundido com outra pessoa, retirou qualquer queixa contra mim. Confundi-o com você mesmo, não há dúvida. Seria a única confusão possível. Foi uma saída vantajosa para ele. Com o murro, certamente viria a aflorar o que a florasse, a depender do meu momento, e assim, mais uma vez, tudo ficou adiado.

É um caso único. Os detentos não querem me deixar sair. Mas o senhor não poderia ficar?... Nem um pouco mais?... Um dia, para a despedida?... Não, amigo, fiquei o quanto necessário. Agora preciso ir. E não poderia abusar da hospitalidade do carcereiro.

Aperto a mão de cada um. Sob o braço, alguma coisa que não trazia quando entrei. Um embrulho, feito pelo mais jeito-so deles, com os quatro cadernos que escrevi aqui e mais um em branco, a ser preenchido, o acondicionamento duplo em

papel *kraft*, com um forte barbante, terminando numa reforçada alça. Não vá perder, disse ele, tocando com carinho o pacote, os olhos nos quais por pouco transbordavam lágrimas.

Depois de passar em casa, despedindo-me do perplexo casal, que tudo suportara com dignidade, pus-me a caminho do Rio. Agora? Tudo começava de novo. Não queria acelerar demais o meu ritmo, que poderia pôr tudo a perder. Era um limite totalmente desconhecido. Se alguém me perguntasse, não saberia responder. O que me contentaria? Praticamente nada. Estava sem hipótese. Nu, recém-nascido, jogado numa nova praia.

Ao entrar em casa, fui recebido da mesma forma que na casa da Praia. Minha mais recente auxiliar, a diligente Corina, que tomava conta de mim desde que dona Maria Joseph, com o casamento de Karoline, fora ao encontro da filha em Berlim, pôs-se numa agitação que não lhe era habitual. Seu David, o senhor não avisou. É que eu também não sabia, respondi. E mais uma vez compreendi que aos nossos serviços devemos o mais rígido dos protocolos. Eu estava extremamente cansado, porque nascer dá sempre trabalho. E pior, pela primeira vez, não sabia de fato se valeria o esforço de nascer.

Pedi a Corina que avisasse a Karoline que eu havia chegado. Ela veio imediatamente com Igor, com flores nas mãos e lágrimas nos olhos. Karoline! Pai! O abraço não acabava. Como era um sábado, 28 de fevereiro, Igor prontificou-se a deixar Karoline comigo. Vou emprestá-la por um dia inteiro, disse, gentil, enquanto eu respondia, bastarão algumas horas, depois vou querer descansar um pouco.

Pai, é melhor o senhor ficar deitado, ficarei ao seu lado, enquanto o senhor descansa. Peguei no jornal. “Implosão do prédio na Barra da Tijuca será hoje. Quatorze mil pessoas de

172 18 condomínios terão de sair de suas casas antes da implosão marcada para o meio-dia". O que é isso, Karoline? O senhor não soube, Pai? Não, nos últimos dias apenas escrevi, não tomei conhecimento de nada. Foi o prédio que desabou, parece que foi construído com areia, o construtor confessou, pegaram ele dizendo: eu falsifico mesmo.

Pai, o que tem o senhor?, está tão pálido! Não é nada, Filha. Pai, o senhor está chorando, o senhor nunca chorou. É, mas agora eu estou. Pai, por que o senhor está chorando? Estou chorando porque sua mãe me deixou com você no colo e foi para Berlim. Mas já faz tanto tempo, Pai. Não faz, Karoline, foi ontem. E que mais? Estou chorando porque não impetrei a ação que pretendia. Mas ainda está em tempo, o senhor ainda pode fazer isso. Não posso, é impossível, existe um impedimento que é radical. Qual é? Não quero ter o meu nome ao lado do deles... e com que resultados? ... se constroem edifícios com areia... se se ufanam: eu falsifico mesmo.

Pai, pare de chorar, isto não vai lhe fazer bem, não gosto de vê-lo assim. Você tem de aguentar desta vez, Karoline, é só desta vez, não vai acontecer mais. Este é meu pai... tome este lenço... está limpinho. Que cheiroso, digo, é bem o lenço de minha filha. Karoline, estas pessoas... O litígio já está em curso, diz-me, elas estão em hotéis e serão ressarcidas na medida do possível. Em hotéis?, como se houvesse ressarcimento de se tornar num desalojado. Pai, o senhor sempre adorou hotéis, diz ela, tentando um outro caminho. Entrego os pontos, não ponho em discussão mais nada.

Karoline, você poderia ler outras notícias para mim? Sim. "Ladrões são mutilados. Cabul (AFP) – Mais de 30 mil pessoas assistiram ontem no estádio olímpico de Cabul a amputação da mão direita de dois ladrões". Karoline, vamos fazer

como fazíamos quando você era criança. Pegue o meu último caderno de trabalho e cole esta notícia ao lado daquela primeira. Mas antes leia mais um pouco. “Czar será enterrado 80 anos após execução. Dimitri Jdannikov. Moscou (AFP) – O governo russo pôs fim a cerca de sete anos de polêmica ao anunciar, ontem, que o czar Nicolau II e sua família serão enterrados no dia 17 de julho em São Petersburgo, exatamente 80 anos depois de sua execução pelos bolcheviques”. Esta eu quero colar também, veja a beleza da foto, a Catedral de São Petersburgo com sua agulha, iluminada, o povo russo todo encapotado em frente, pelas pernas são umas quatorze pessoas, as sombras projetadas no chão, a maioria com chapéu, mas este senhor aqui sem, este tem uma pasta na mão, homens, mulheres, velhos, jovens, altos, baixos, gordos, magros, cole a foto também, a foto numa página, a notícia na outra, é como dá, o caderno é de 148 x 210 mm. E 23 pautas, ela completa. E rimos, como nos velhos tempos.

Pai, o senhor não quer ir ao sepultamento?, ver o Rio Neva de perto?, vamos o senhor, Igor e eu, o senhor sempre foi ligado a este assunto. Não posso, Karoline, tenho muito o que fazer aqui. Sabe o que eu acho, Pai?, que o senhor deve procurar o senhor Nigri e o senhor Ladeira pessoalmente e confirmar o que o senhor verificou e dizer que espera deles uma reparação honrosa para ambas as partes. Você não entendeu, Karoline, o que eu quero é um reconhecimento público e universal de que fui espoliado por Roger e por Bertoldo. E aí poderei cogitar do senhor Nigri e do senhor Ladeira, ou dos seus descendentes. Mas é muito tempo, Pai. Nem que demore 80 anos, sempre demora um pouco, Karoline, mas no final os ossos se encaixam no lugar certo. Pai, não existe outro como

174 o senhor. Não existe, Filha, eu sou um número primo, esta é a questão. E rimos mais um pouco.

Ela lê e lê, mas peço-lhe que cole apenas estas três notícias. Existem outras merecedoras de hermenêutica, mas por hoje decido por economizar um pouco. Beijo, Karoline. Beijo, pai. Mão, Karoline. Mão, Pai, e ela me estende uma mãozinha que parece frágil mas que detém uma enorme força, recém-lavada com os sabonetes de sempre... as toalhas de sempre, o perfume de sempre.

Karoline, acho que agora você já pode ir, preciso descansar um pouco. Está bem, Pai, mas amanhã eu volto.

Amanhã, amanhã e amanhã. O vazio de sua saída. Por algumas horas, tive-a, por pura bondade de Igor, abraçando um tempo que de volta não terei mais. Já foi vivido. Já foi escrito. E se quiser continuar, terei de, custe o que custar, viver, viver coisas novas.

Mas por enquanto estou neste limiar desconhecido que a presença dela camuflou e que sua partida agrava. Posso deixar-me escorregar como posso manter os pés bem presos e não fazê-lo. Com um equilibrista é sempre assim. E o que ele decide, podendo decidir, determina a natureza do que ele irá escrever. Certamente estas coisas do escorrego teriam uma fascinação abissal. Mas não quero escrevê-las, declino em favor de quem o queira. Quero escrever coisas do solo, onde se plantam pés, como os daqueles em frente à Catedral de São Petersburgo.

Exigir isso de mim, eu ainda posso. Mas o ritmo não poderá se acelerar em excesso, do contrário cairei antes que termine este trabalho. Dialogo. Ó Vida, permita só desta vez que eu termine este trabalho. Mas eu já deixei que você terminasse tantos, ela responde, e de todos os tipos, do escorrego e do



solo. Mas só mais este, insisto, já que fui atingido por floretes inimigos. Está bem, este e tantos quantos você queira, ela responde, você sabe melhor do que eu, enquanto você fiar, nada lhe negarei.

Ó Vida. Proteja minha filhinha Karoline. Proteja seu ser-vo David. Proteja-nos a todos. E uma súplica especial para as gentes da Barra da Tijuca. Vida sorri, quando falo neles, e responde: este povo da Barra da Tijuca... você nada tema, já emiti tantos sinais, mas ainda não foram suficientes, mas este vai ser, desta vez eles próprios se erguerão e lutarão, eles já lutavam antes, por um abrigo onde atar os seus laços de amor, pais, filhos, retratos, aniversários, mãos unidas, ao relento de suas histórias destroçadas, eles lutarão, se tornarão emblemáticos de uma nação longamente feita em sucata, reformando mentes e almas, cérebros e corações, e da poeira e dos escombros me movimentarei mais rapidamente do que em um segundo o enorme monturo se juntou, soterrando as fotos dos sonhos sonhados em noites de verão, e assim como veio o luto, admirará a alegria para o país, fatos inteiramente novos ocorrerão e mudanças inesperadas e radicais virão, restabelecendo a esperança. Vá em paz, David, confie em minha força, confie em mim, confie em você mesmo.

Encontro-me com Sandra no Escritório, é onde agora me relaciono com ela, com o Centro da Cidade e com os seus netos, que ela traz para me ver e para que eles criem vínculos com o Escritório, indiciando-lhes o futuro. À casa deles vou às vezes, a vida social deles é em torno de Allan, dos negócios de Allan. Os negócios do Pai! Os negócios de Allan! São árias! São óperas! Não tenho ainda muita prática de ser Tio-Avô, mas pretendo desenvolver esta arte, dando-lhes o meu tempo e a minha palavra. São projetos futuros, para quando, eles,

176 tendo um Tio, e eu tendo Sobrinhos, os cultivarei um a um, personalizados, fugindo ao mega, ao massivo. Tio e Sobrinho, Sobrinho e Tio. Clic. Fotos que ficarão.

Mas, por enquanto, eles são um trio indiviso, que entra na sala cerimoniosamente para cumprimentar o Tio que esteve na cadeia. Uma novidade. Um carregamento inteiro. Sandra sai, fecha a porta e deixa-os comigo para a confraternização. Breve, readquirem a naturalidade, ruidosos, espontâneos, últimos rebentos do século, de uma objetividade fantástica e fascinante, que para Ofélia teria certamente beijos e para Gertrudes um cruzeiro no qual pudesse exercer a sua plena liberdade. Tio, que planta é esta? É de um edifício no Recreio dos Bandeirantes. Mas este não vai cair, vai? Claro que não, garoto, vai durar mais do que todos que nele morarem. Que vergonha aquilo, Tio, inicia o *leader*, o mais velho, o que chegou primeiro. Que vexame!, o segundo. Roubalheira!, o outro. Assim não vale, Tio, o jogo tem de ser limpo, imagine, Tio, o guri lá no Hotel, mendigando um suco, uma fruta, um iogurte, no café da manhã, eles não queriam dar, é só para os hóspedes, diziam, mas eles não eram hóspedes?, sujeira, a mãe chorando, com saudade da última festa que deram lá, querendo as fotos que lá ficaram, eu só queria isso, ela dizia, desmaiou na hora da implosão, foram para lá a pé, para testemunhar, os outros com cara de choro à beira dos túmulos dos que lá morreram, pombas, Tio, vê se faz este trabalho direito. Os outros se amontoam para olhar. Aqui vai morar gente, não é, Tio? E vai ter muita criança, afirma o caçula.

Depois, mudam de música. Tio, lá na cadeia é bom? Me trataram bem, mas o meu caso é um caso à parte. Por quê? Por várias razões, mas sobretudo porque eu era primário. Primário?, mas o senhor tem instrução superior, diz o mais velho.

Primário é aquele que nunca antes cometeu nenhum crime. Quer dizer que o senhor estreou, diz o mais gaiato. Riem. Mas não pretendo seguir carreira. No crime, o senhor quer dizer, exige a lógica do mais velho. No crime, sem dúvida, confirmo. Porque, quanto ao mais, vovó diz que o senhor é... admirável, diz ele, ela fala assim mesmo, ad-mi-rá-vel! Ad-mi-rá-vel, dizem os três em conjunto. *Gran finale*, reflito, e digo, de-ban-dar! De-ban-dar!

Terminada a ária dos sobrinhos, volto ao meu trabalho, desfruto de minha mesa, da sala, da vista da Baía de Guanabara. E penso, confiante, na profecia da Vida em relação às gentes da Barra da Tijuca. Na hora do almoço, se quiser, caminharei pelas ruas do Centro, onde guri caminhava pela mão do pai, inventariando as modificações que sofreu, sem que o desfigurassem, como os gurus caminham pelas mãos de Sandra. Sempre um membro da família é mais presente de qualquer forma, mesmo que um deles não se retire drasticamente para Berlim, e no caso dos gurus este mais presente é Sandra.

Caminho pelas ruas, é hora do almoço. Não consegui fundar uma família como a do pai, saudades do pai. Saudades do pai! E saudades da mãe, inesperadamente até mais fortes. Um momento volta, intensíssimo. Ela – o que a trouxe de volta? Não foi nada externo, pelo contrário, alguma coisa dentro de mim, que chora? Talvez. Aquele beijo que não recebi, apenas porque ela não era de beijos, reservando-se para si mesma, precisada de si mesma mais do que qualquer coisa no mundo, adorando-se, deixando-se adorar, o esposo vassalo, os filhos vassalos. Ela conseguiu, um conseguimento dela, valeu, ela ficou até o fim do fim. Isto dentro de mim é que traz o externo do que ela gostava aqui no Centro. O sorvete de pistache da Colombo, determinadas lojas, umas ainda existentes, outras,

178 não. Mas aquele momento intenso, na Serra, aquele momento me faz compreendê-la melhor, seu silêncio, sua solidão essencial, que a vida não sucedendo resolver, ela se calava. Foi num sábado. A manhã se arrastava e a casa continuava adormecida, inclusive os criados. Quando dei por mim, ela voltava de um passeio, carregada de flores, numa estonteante visão de primavera, de vida e de beleza. Ao vê-la, ela me disse, já andei por estas ruas todas, foi um passeio maravilhoso, está um dia belíssimo. Mãe, por que a senhora não me chamou? Vocês estavam todos dormindo, eu não ia acordar ninguém. Era verdade, fazia parte de sua delicadeza mais íntima, não acordava ninguém que estivesse dormindo e ficava zelando pelo silêncio da casa como se fosse responsável pelo adormecido. Mãe, dê-me estas flores, vou arrumá-las no vaso, e assim lá ficamos os dois, ajeitando as flores, esperando que os demais por si mesmos acordassem.

Não fundei uma família como a do pai porque não mais existem tais famílias. Mas existem outras. E o beijo que não recebi da mãe, recebi-o de Pia. Saudades de Pia! Mas mesmo assim não se beijava tanto naquela época como hoje, este tempo de carência máxima, em que o beijo passa a ser um fármaco. A cura pelo beijo! A cura pelo abraço! A cura, senhor cura! Senhor cura? Senhor curador, senhor tudo. Mas a cura, a cura! Se não a cura, o tratamento pelo menos. E mesmo o beijo de Pia era uma licença do pai, uma solução de emergência para a reserva da mãe. O beijo do primeiro dia de aula! O beijo do último dia de aula! O beijo da viagem! O beijo da chegada! A fome de beijos! A sede de beijos! O romance do beijo!

Mas estou satisfeito com estas famílias de agora. São famílias, são reservas inteiras de beijos, numa economia de beijos mais equilibrada, nem a inapetência de Kafka, nem a gula de

Proust, que no fundo são exatamente a mesma coisa: um não queria o que mais queria e o outro queria demais o que talvez menos quisesse. Do canapé de Kafka ao quarto de cortiça de Proust: histórias de celibatários. Não compreendem? Mas por que não procuram compreender? Você é brilhante, afirmou em minha posse no *Club*, Naida. Sempre tenho saudade do seu humor, do seu histrionismo, de sua *verve*, de sua voz, não podendo resistir, ela admitiu, para fazer parte de tudo aquilo. E lá estamos nós na foto, o Presidente, ela e eu. Não muito antes do seu mais recente feito.

Eu gosto é de famílias, florestas nativas inteiras de beijos. No vasto futuro serei um Tio exemplar, passeando no Leblon com os Sobrinhos, um de cada vez, na Praça Antero de Quental, a reformada, porque a antiga é dentro de mim que está guardada, nas fotos com Khrista, seu ventre protuberante, com Karoline, com Neusa, sua primeira babá, com dona Maria Joseph, e em tantas outras. É bom na cadeia, Tio? É legal? É divertido?

São os valores deles, e deles terei de ir ao encontro. Mas a minha obra-prima será fazer-me avô de Raphael, filho de Igor e de Karoline. Não fui até agora porque não houve tempo. Mas haverá o tempo, porque já pratiquei muito antes observando todos os avós e netos do Rio de Janeiro e chegará o tempo de colocar tudo isso em prática. Aliás conheço a tipologia completa de todas as relações que vigoram nos logradouros e veículos do Rio de Janeiro, nos dias úteis e feriados, ao longo dos tempos, quantos anos?, suas modificações, seus traços permanentes, tudo de cor e salteado, fruto de observação direta, longo tempo de minha vida empreguei nesta ocupação, eu, o fortuito, o artista, o marido desmaridado. Como não é este o relato completo do que colecionei, citarei, para

**180** dão deixá-los com água na boca, o que haja de bons momentos, *unforgettable!* Alguns serão sem dúvida tornados arquetípicos, outros serão modelos, outros teoremas, os teoremas de David, nascidos da lei dos grandes números, da teoria das catástrofes, do magma dos vulcões. Irei ao léu, deixando-me à deriva, porque um homem como eu muito precisa de férias, de feriados, como ilhas inscritas no mais comum dos dias. Um momento imperdível, de prender você para sempre num ônibus que você tomou especialmente, não para buscá-lo, mas para achá-lo, é quando um jovem rapaz, iniciando o 2º grau ou a Universidade, está sentado junto de uma jovem e heróica mãe, aquela com todo aquele equipo que uma mãe leva quando está com o seu filho, e ele tenta inevitavelmente ajudá-la, ou porque a sorte o favorece e como num lance mallar-maico de dados cai o pisante do pé do guri, e ele, sôfrego, o pega, ainda o sacudindo, para, caprichoso, livrá-lo da poeira, e se ousasse a ajudaria a recolocá-lo, e ambos já sorriem um para o outro, e agora ele já faz gracinha para o garoto, que ou sorri, ou nem um pouco aí, tudo vai em geral por mímica, salamaleques, deferências, eles já são um casal de passageiros num ônibus do Rio, podem contar um com o outro para tudo, ele treinando para ser pai, o pai ideal que todo rapaz aspira a ser, ela já sendo mãe, recebendo com modéstia as atenções que toda mãe que é mãe recebe, ela, colaborando, apenas faz menção de puxar a campainha, ele, quase de um salto, puxa-a, ele já se levanta para dar-lhe passagem, despedem-se com os olhos, ele, pressuroso, vigia-a descer os degraus e com o olhar a acompanha em sua aventura pela rua com o seu petiz, desejoso de que tudo lhe corra bem, tão carioca, tão brasileiro, tão civilizado, tão união de classes, de cores, de religiões, tão pós-futuro, mas já um sólido presente que se pode segurar na mão.

Não me escapa, mais adiante, na altura do ponto da Chaika, do lado direito, um jovem adormecido, quem sabe de que labutas, recebe alguma coisa que lhe atiram junto do ouvido, acorda abruptamente, conferindo-se, para verificar se nada lhe foi tirado, uma leve dor que durante o resto do trajeto faz com que leve a mão direita à face, e por reflexo acaricie a face esquerda que não foi atingida.

Caminho pelo final da Humaitá em direção à Lagoa, altura da Mansão Saint-Marcelin, quando um senhor de certa idade, vestido de branco, como um velho médico, me cumprimenta, como a todas as pessoas que encontra, bom dia, bom dia, bom dia, numa farta distribuição de saudações, como em antigos tempos, que vou recolhendo como de uma florida caixa de bombom. Em pleno Rio de Janeiro. Como naquele dia em que minha mãe, na Serra Fluminense, porque lá ainda se mantém este lindo costume vindo de velhas civilizações cariocas e fluminenses, que aquele senhor de branco, como um médico de fato, se encarregava de preservar para nós, de trazê-la de volta, como um achado arqueológico, como os ossos do Czar, para com suas aparas, o que restasse, construir a Catedral dos Novos Tempos, doces tempos verdadeiramente modernos, se sentiu honrada e sensibilizada porque todos a cumprimentavam gentilmente em todas as ruas, como uma velha conhecida, como eu me sinto no Leblon, o jornal de Seu David, o troco de Seu David, a nota de Seu David, o pão de Seu David, o leite de Seu David, ande logo, não está vendo que ele está esperando, Seu David, o senhor vai desculpando, o rapaz é novato aqui. Imagine! Meu prazer é esperar por tudo que é de Seu David! Oitenta anos! Que seja! E quanto mais melhor!

Esperar!, tornou-se quase uma tradição, agora que Igor me empresta Karoline para as manhãs de sábado. Esta pós-

**182** prisão é uma espécie de pós-parto, no qual são dados os arremates finais destas coisas de Roger e de Bertoldo. Uma espécie de retirada de pontos numa operação cirúrgica, quando há pontos a retirar, porque estes anos que Roger detonou e Bertoldo cronificou, cansam, e tudo o que quero no momento é esta pausa de finalmente respirar. Esta oportunidade que Igor me dá de me doutorar em Pai, para depois ser Tio e Avô, é também excelente para ele, se vou para um lado com Karoline, ele vai para o outro com Raphael, para aprender a ser pai.

Pai! Karoline, minha filha querida! E lá vamos os dois para os passeios de que ela mais gosta, aquelas ruas para cima do Jardim Botânico, aquelas ruas para cima do final da Rua Humaitá. Casas abandonadas. Garotos jogando bola. A bola quase bate em Karoline. Ele vem, olhos baixos, desculpando-se, foi sem querer, a senhora não levou susto, levou? Mais uma cena, um quadro carioca. Pai, Igor vai cobrir as exéquias do Czar para a revista, nós vamos os três, não é, Pai? Vocês vão, Raphael fica comigo, será a minha temporada de avô. Mas Pai, Igor já está contando com isso, vai ser uma decepção para ele, o que o senhor vai enriquecer a cobertura dele com sua visão, a matéria vai sair para uma tiragem de 1.300.000 exemplares no mínimo, é para todo o mundo, Pai. Karoline, eu vou ficar com Raphael. Pai, é isso que eu digo, é aquele gesto que Igor fez um dia, chega na hora o senhor fecha a mão, adia. *Halt!* Como se tudo tivesse mesmo de ir neste ritmo. O ritmo de David, confirmo. Pai, Igor está muito preocupado com o senhor, está relendo toda a sua obra e disse que se o senhor der a matéria de Roger e de Bertoldo para ele, ele estoura tudo. Karoline, eu quero as coisas pelas vias legais, ou isso, ou nada, mas por enquanto estou vivendo do murro, é o meu *feedback*, depois verei o resto. Mas eu um dia vou falar,



Pai. Tudo bem, mas o primeiro vou ser eu, o meu novo livro já está quase pronto, isto é, o manuscrito, você sabe que trabalho pelo menos quatro versões. E isto toma um ano, se eu interromper para viajar, o fio será cortado. Pai, Igor leu o Capítulo 19 de *Claro* e o Capítulo 21 de *Nascimento*, são irretocáveis, roubaram por prazer, terá sido irresistível. Então, Karoline, eu tenho Igor, você, Raphael, os filhos de Sandra, será o meu legado, posso esperar, os anos passam rápidos, vai ser muito mais emocionante para todo o mundo, os que estiverem, muito mais, mas por isso se terá de esperar. Pai, o senhor então pensa pelo menos, está bem?, Igor estará com o senhor para tudo, inclusive ele arranjou uma dupla imbatível de jovens advogados, ágeis, lépidos, velozes... Voadores? Sim, Pai, uma dupla voadora... Voltimando e Rosencrantz... Então rimos e vemos que é bom.

Continuamos andando por aquelas ruas, Humaitá acima. Pai, é lindo, não é?, é como uma imensa vila, um arrabalde, um povoado, qualquer coisa que não existe mais, mas existe aqui. Um oásis? Um oásis meu e do senhor. Pai, sabe o que Igor disse?, que o Czar daquele tempo lia Dostoievski para saber o que estava se passando na Rússia, e se as pessoas quisessem ter notícias do Brasil, deverão ler os livros do senhor, ele disse que *Trópicos*, de 1980, já é sobre estes edifícios construídos com areia como o que desabou em 22 de janeiro de 1998, quase duas décadas antes já havia o livro, ele repete, se o Czar houvesse lido o livro dele! Mas que Czar, Karoline? O nosso, por assim dizer Czar que temos, Pai.

Igor... um tal genro! Sorte! Karoline pequenina, eu passeando na Praça com ela, sua mão na minha, o selo do amor, e eu a me perguntar, quem irá desposá-la, a quem ela estará prometida, quem a merecerá, a quem irei entregá-la, onde es-

**184** tará ele agora?, estarão cuidando bem dele?, como serão estas bodas?, como será esta festa?, e por incrível que pareça eu já via os dois juntos, no pronunciamento do sim, os rostos sérios, radiosos. Estes fluidos trouxeram Igor para a minha filha, eu e ela, operosos, a comprar todos os linhos, todas as cambraias, Ouvidor, Gonçalves Dias, Uruguaiana, Avenida Nossa Senhora de Copacabana, conservando hábitos de família. Mas é uma princesa, sua filha... ela não tem mãe? Tem, é claro, eu sou o pai e a mãe dela (risos). Neusa, ainda conosco, também ajudava. Caminhos. Um jornalista, e nunca haveria um jovem tão preparado, em tão alta estima, tão considerado, casando-se com uma engenheira. Igor é filho de uma colega minha desde o jardim de infância até a universidade, uma moça arrebatadora, de cachos acastanhados, com a sensualidade misteriosa das divas, um grande talento para a pintura, que fez dois casamentos. Do primeiro deles nasceu Igor. Um rapaz que saiu o oposto da mãe, moreno, de um temperamento extremamente comedido e racional, de um raciocínio inusitadamente rápido. Digamos que Igor saiba, por instinto, tudo o que é necessário para viver na terra, a glória da objetividade, sem que isso lhe destrua a sensibilidade. Tudo nele é isso, o corte do cabelo, sempre bem escanhado, apuradamente vestido, num estilo próprio, tudo da melhor qualidade, mas sobriamente, como se também isto fizesse parte de seus imperativos. Gostei dele desde o primeiro dia, o jeito com que ele segura Karoline, como se houvesse encontrado, por milagre, o seu bem mais precioso, a maneira como se dirige a ela, o modo como Karoline se deixa ficar ao lado dele, como se suas vidas estivessem finalmente definidas. E também como trata a mãe, como se fosse ele agora o seu pai, por certo! No lançamento de *Amigo*, que foi até agora, excetuando os casamentos, o meu, o de Karoline, a mais

bela festa de minha vida, todos estiveram presentes, os dois, os meus colegas desde o curso primário, os meus primos, além dos demais convidados. Para mim, como este, nunca haverá outro. No final, cantamos, *en masse*, *Cidade Maravilhosa*, após muita conversa e aquelas delícias providenciadas por Karoline.

De súbito, numa das ruas em que caminhamos, este assombro, uma enorme casa em ruínas, nosso objeto perfeito, em torno do qual sempre sonhamos. Na infância, o coração aos pulos, eu era um explorador nato do mistério das casas em ruínas, um comprador em potencial de todas elas, como o Pai. Ele chegava em casa e dizia, encontrei uma no Leblon, já sabíamos que era uma casa, pertence à família Pinheiro, mãe e filha, a mãe quer vender, a filha atrapalha, prefere mantê-la arrendada a um restaurante. No outro dia já, lá vinha ele, esta é na Vieira Souto, no subsolo mora um bando de mendigos, nos dois andares, uma criatura que é tão fantástica quanto a casa. E Sandra, irresistível, compre a criatura junto com a casa. Eu bem que a compraria, a casa, ela, os mendigos, mas ela não quer vender, quer restaurá-la, transformá-la num Centro, não deu maiores detalhes, estava lá também o sobrinho, mostrou-se favorável à venda, ela se manteve irremovível, muito branca, no seu longo preto. E Sandra, não será um vampiro? E eu, se o senhor voltar lá, eu quero ir junto, não para convencê-la, se esta é a vontade dela, mas para conhecê-la, eu quero ver esta senhora. Ele voltou lá inúmeras vezes, mas sempre sozinho, para fechar o negócio é melhor ir sozinho, mais de um, atrapalha. Mas o negócio nunca foi fechado.

Eu por minha conta, em criança, sempre descobria uma destas casas pelas imediações, escapulia, o coração batendo forte lá penetrava na descoberta dos seus mistérios maiores, quem morara ali, onde estariam, alguns mortos em seus sun-

**186** tuosos imponentes jazigos, altos, em mármore cinza e rosa, o retrato encimando os epitáfios, os nomes bem brasileiros, nobiliárquicos, João Faustino de Albuquerque Medrado Horta, Ana Rosa de Sepúlveda Bittencourt, ao mistério da casa se acrescia o mistério dos nomes, quem seria este João Faustino que eu acabara de inventar, eu lhe devia uma vida, era o mínimo que eu lhe devia, e Ana Rosa, com que roupas, cores, amores, eu a vestiria, eu era um romancista e não sabia, nem havia lido um só romance, lia ainda *Coração*, *Viagem pelo Brasil*, contos de fada, escutava as histórias de Pia, mas entrando naquela casa eu já era quem sou, com meu João Faustino, com minha Ana Rosa, que responsabilidade! Eu estava no céu, num templo sagrado, que felicidade, que recolhimento, ninguém para atrapalhar, tudo aquilo só meu. Audaz, intrépido, emocionado, mas sem medo, eu penetrava na casa. Uma tábuangia, um camaleão aparecia correndo, pássaros tatalavam asas, rosas recendiam. Aquela imensa massa caótica de jardim, mato, capim, grama, arbustos, flores, cheiros, cores, a poeira dourada dos séculos, assim eu via, antigas festas, vozes de crianças, vestidos, fitas, casais de namorados. E só eu ali para trazer tudo de volta. O quintal era um bosque, um perdido, um achado Éden. As árvores frutificavam totalmente despreocupadas de que ali houvesse gente ou não, os frutos amadureciam, caíam ao chão, mangas, sapotis, abricós, goiabas, pêssegos e até uma parreira ali havia. Ocorreu-me provar destas frutas todas, mas veio-me uma palavra pronunciada por Pia, como um terrível castigo: tifo, ela dizia, pode-se morrer disso. Depois eu entrava na casa, com restos de móveis, louças limosas, belos azulejos e ladrilhos, lindos assoalhos. Ah, eu a compraria e jamais admitiria que se mudasse nela qualquer coisa. Ela nascera assim e assim ficaria até o final

dos tempos. Se ela fosse minha, nunca me separaria de todas as suas marcas de nascença. A ideia seria a de consertá-la em seus mínimos detalhes, fazendo com que tudo funcionasse, até a última torneira, a último interruptor, a última chave. E mesmo engenheiro, já, sem saber, eu era, tão igual à casa, que era o que era. Era tão de verdade, o jardim refeito, o quintal, a garage, as dependências dos empregados. Mas o que mais sonhei, e nem sei como um menino poderia sonhar com isso, ou talvez só um menino pudesse sonhar com isso, a minha seria uma casa cheia de vozes de crianças, crianças que nasceriam e cresceriam nesta casa para o seu futuro ilimitado. Creio que se gritassem o meu nome por ali, seria como o despertar de um sonho. Pia era mansa e quando ia me buscar apenas ficava me esperando no portão, dizendo-me à saída, eu sabia que você estaria aqui... e não comeu nenhuma fruta, comeu?

Diante desta casa agora, apenas a voz de Karoline, que de mim, do avô, herdou esta fascinação... Pai, é a nossa casa, vamos comprá-la, restaurá-la, vai virar um palácio, diga que sim, vamos comprá-la e dar uma enorme festa de inauguração, que coincidirá com o lançamento do seu livro. Aceito o jogo. Entramos afoitamente na casa, nada impede a entrada, e de fato, com uma reforma em regra, ela seria toda luzes e festa. Mas agora onde o homem que a habitasse, onde, se ele se prefere um vageante, se ele melhor se sente em espaços públicos do que em casas, tudo porque se casou mal? Mas casar-se mal é o único erro que um homem não pode cometer e se duas vezes o faz, mas este já é o personagem de *Quotidianus*, o que merece este homem? Merece perdoar-se, e foi o que fiz naquela casa, estando ao meu lado Karoline.

Pai, eu já sei como vai ser a festa, diz ela, enquanto caminhamos pela casa onde cada objeto trai os seus antigos mo-

**188** radores, uma escrivaninha com tampa, daquelas antigas, um divã, com restos de ricos brocados. Você se lembra daquele realejo que você me contou, para tirar a sorte, pois vai haver um para isso, e todas serão de amor, e o título do realejo será *Sortes de Amor*, e as músicas tocadas serão canções da primeira metade do século. E haverá um Calígrafo, que, com sua bela letra, escreverá breves *Declarações de Amor*, em belos cartões, para os presentes que as solicitarem, Amo Você, Case Comigo, Quero ser seu Namorado, Encontre-se comigo Amanhã, Visite-me logo, Vamos ficar Noivos, Morro de Saudades, Te beijo, Te abraço, Carinhos, Penso em Você, Nunca te esqueci. E um sem-fim de coisas para provar, e você lá, sempre elegante, autografando, uma festa que é a sua cara, Pai. Combinadíssimo, digo, mas agora vamos, já passa do meio-dia, não devemos fazer Igor esperar.

Solto-a de volta para ele e retorno ao ponto em que estava. Mas não o mesmo. Ninguém passa pelas mãos de Karoline e permanece o mesmo. Que bela obra fiz, que me dispensaria de qualquer outra obra. É como ser deus, e sendo pai é que compreendo como é ser deus.

Foi assim, dentro de um andamento compatível com a mutação em curso, é que fui saindo de onde fui atirado e entrando no amor. Com o que me subtraíram, isto é, eu mesmo, dissidências mais profundas afloraram, questões que lá estavam, como camadas, sedimentações, jazidas arqueológicas, silentes, emudecidas, nas quais não se pretenderia mexer, vieram à tona por si mesmas e tudo, o mínimo, se tornou visível e ganhou um significado novo. Minha própria história e a dos outros, na verdade a de todos, aqui e fora daqui, banhou-se de uma nova luz e tornou-se inteligível.

Séculos, o século. Nações, a nação. Carregava-os naturalmente, como carrega um carregador um saco, com destreza, com leveza, com espontaneidade. Não havia como escapar do amor, também uma encomenda a ser pontualmente entregue. Era apenas distribuindo-o, nem que fosse como um carinho leve, universal e discreto, que se poderia entender deus como um homem o entende. Se não há lanterna para os seus caminhos, há caneta, mas escrever deus pode tomar toda a vida de um homem, desmora-lo ou construí-lo.

Da privação dos Anos Sombrios, somente agora eu entendia, é que me ficara minha enorme apetência por espaços públicos, minha sede por pessoas, por conhecer suas histórias, tal como eu quisera conhecer na infância casas desabitadas, talvez um mundo pré-adâmico, em que estivesse eu, como um deus, exclusivamente. Mas nem este mundo era desabitado, pela multidão que lá estivera e que eu convocava para me fazer companhia.

A vida na cidade em torno também se modificara, fazia-se, não menos efervescente, porém mais variada. Minha vida individual também se alterara, tornando-se menos individual. Contentava-me com pequenos gestos, ceder passagem a uma senhora, quando, neste conciso sinal, eu era todos os homens e ela todas as mulheres, como aquele jovem no ônibus que, ao apanhar o sapato do petiz caído no chão, era, com a jovem mãe, todos os pais do mundo. É verdade que as pessoas faziam isso quase automaticamente, de forma inconsciente, por assim dizer santamente, enquanto eu tinha de recomeçar a história desde o início, para reaprender a amar a humanidade.

Já tivera a minha fase de hóspede e agora estreava a de passageiro. Dispensando o carro, pelo menos duas vezes por dia, estava dentro de um táxi com um motorista, em geral,

**190** loquaz, sempre disposto a ouvir e a contar uma história, a dar sobre qualquer assunto a sua versão dos fatos. Eu entrava numa linguagem nova e desconhecida, aprendia um novo protocolo, como todo protocolo, preciso e rigoroso, disso dependendo o seu perfeito funcionamento, de que advinha o prazer. E muito, como numa loteria, quando você acenava a mão, já dentro da norma carioca, em geral sem pronunciar a palavra táxi, como o faria num *film* inglês ou norte-americano, tudo dependeria da sorte. Um táxi é um mundo fechado, tanto quanto uma floresta, onde, por um breve tempo, dois estão juntos, um segundo, um minuto, uma hora, não importa, pode valer pela história natural do mundo.

E é como qualquer outra situação na vida, você pode querer ficar calado e ele falar, ou vice-versa, apenas que a sintonia aqui é finíssima, jamais encontrei qualquer motorista que não respeitasse o silêncio do passageiro e qualquer passageiro que não respeitasse o silêncio do motorista. Conta aqui a vontade mútua, se querem ambos conversar, conversam, se um quer ficar calado, ou os dois, idealmente, o silêncio imediatamente se instala. Mas há alguma coisa que não se pode evitar, é a atmosfera, o clima que se estabelece no carro e do qual depende o bem-estar da viagem, deixados de lado os casos de mútua ignorância, mas que de qualquer forma recairão no tópico do clima.

Para o bom tempo, por assim dizer, contribuem outros fatores, a simpatia mútua, ou o contrário, de ordem intelectual, espiritual e mesmo física. Mas a urbanidade resolve a maioria dos problemas, o passageiro pode se metamorfosear à vontade, a depender do motorista, de um aficionado de futebol a um devoto de São Cristóvão a um entendido em política nacional e internacional. E o motorista, em breve, pode de-



monstrar um interesse por livros, educação de crianças, turismo. São aulas magnas em que ambos são ao mesmo tempo mestre e discípulo. O que já aprendi e ensinei desta cidade a motoristas de táxis! O Doutor é Professor?, eles perguntam. Não propriamente, eu sou escritor. Ah, logo vi, só podia ser... e o que o senhor escreve? Escrevo romances, sou romancista. Meu Deus, o senhor é romancista?, e como é?, é bom? Muito, do contrário para que eu escreveria? E quantos livros o senhor já escreveu? Uns treze, estou escrevendo o décimo-quarto, mas ainda não terminei. Caramba, e o que o senhor está escrevendo agora é sobre o quê? É sobre um homem que pratica uma pequena agressão, vai preso e na prisão escreve um livro sobre sua vida, sai da prisão e procura terminar o livro já livre. E quando vai terminar? Ainda não sei, eu vou aperfeiçoando o livro até que ele fique pronto por si mesmo. E o lançamento, vai ter lançamento? Vai ter lançamento. Pois olhe, eu faço questão de ir a este lançamento e comprar o livro para o senhor autografar para mim... veja lá, capriche, porque eu vou ler, de cabo a rabo. Vou caprichar. Sabe, no ginásio, eu gostava muito de ler, meus pais são portugueses, tinha muito livro lá em casa, de Camões a Fernando Pessoa, eu li tudo. Mas eu não quis continuar os estudos, quis logo começar a trabalhar para casar, não me arrependo, hoje não leio quase nada, não tenho tempo. Mas o meu vai ler, prometeu. Claro, está de pé, mas o que quero dizer é que já lá se foram os meus dias de leitura. Mas mesmo assim, leio alguma coisa. E o que o senhor lê? Leio coisas para entender melhor a vida, sobre outras vidas, estas outras vidas é que explicam a minha vida. Porque tem de ter. Veja o senhor, eu me pergunto, porque é que eu não progrido mais, quando chego perto de alguma coisa mais importante, há um corte, uma parada, uma interrupção, e aí

**192** tudo dá para trás? Só há uma explicação, eu ainda não estou suficientemente evoluído em outros planos, vou ter de voltar aqui muitas vezes para ser como o senhor. Eu?, e por que eu? Porque no senhor se vê, é muito evoluído carmicamente, eu conheço logo, ninguém me engana. O senhor pertence a todo um bando que vai ser levado para outras galáxias, e de lá poderá fazer um trabalho muito mais importante para ajudar a gente aqui em baixo. O senhor é espírita? Não, sou muito independente, tiro tudo isso de mim mesmo e destes livros que eu leio, lá em casa tem uma porção, a mulher lê, e a garota vai pelo mesmo caminho. E quantos anos tem a garota? Quatorze anos, já é uma moça, boa cabeça, ninguém pega ela nos estudos. E como se chama? Carmen Terezinha. Terezinha porque a patroa é devota de Santa Terezinha, o senhor conhece aquela história linda dela, entrando jovem para o convento, a doença, a morte, as rosas, nos vêm lágrimas aos olhos quando falamos nela, nós é eu, a mulher e a garota, e Carmen foi uma senhora que eu conduzi uma vez, mas nunca me esqueci, uma rainha é o que lhe digo, que educação, que maneiras, que porte, de repente eu queria ter o melhor carro do mundo, um Rolls Royce no mínimo, com todo o respeito, só para levar aquela senhora, seria o meu maior orgulho profissional, a voz, tinha uma voz pausada, calma, até para dar o destino era com uma solenidade, eu sou Carmen, apresentou-se, e vou para o Jardim Botânico, disse, como se estivesse num teatro... Numa Ópera? Exatamente, mas deixe eu contar, ainda não contei tudo, ela quase não falava depois disso, mas a aura dela reluzia no carro, fiquei todo arrepiado com aquela enorme responsabilidade, depois me acalmei e me disse, trate de dirigir o melhor possível, e lá ia eu, e ela, no melhor dos mundos, porque ela também deve ter percebido alguma coisa de minha devoção,

que havia feito mais um servidor. Quando cheguei em casa, contei tudo à minha mulher e como ela estava esperando, quando a garota nasceu, robusta, perfeita, sadia, de parto normal, graças a Deus, não deu outra, demos o nome de Carmen Terezinha. Lindo nome, digo. Mas espere, ainda não acabei, como é que o senhor explica isso tudo, eu pegar aquela senhora, que provavelmente só andou de táxi daquela vez, deve ter no mínimo uns três carros na garage, forrados de tapetes persas, com motoristas particulares, e eu ter logo depois uma filha, a quem dei o nome dela seguido do da santa? Outras vidas, se não existir isso nada pode ser explicado com seriedade. O senhor também devia ler estes livros, mesmo sendo quem o senhor é, para se entender melhor, entender melhor a vida. Se eu tivesse um aqui, eu até lhe emprestava. Não se preocupe, já compreendi o sentido da coisa, da próxima vez que for à livraria saberei encontrar estes livros. O senhor pode também pegar na biblioteca, minha garota pega, tem cartão e tudo, nunca vi garota mais esperta, já anda esta cidade inteira, faz pesquisa na Biblioteca Nacional, sobe aquela escadaria toda, eu me ofereço para ir buscar, ela diz, deixe, pai, eu volto cedo, volto de ônibus mesmo, para não atrapalhar o serviço, olhe, eu não sei o que é aquilo, a professora dela é que ensinou, vocês precisam aproveitar as oportunidades culturais que a cidade lhes oferece, deu os endereços, orientou como entrar nestes lugares, pois a garota é fogo, é Biblioteca Nacional, Museu de Belas Artes, Centro Cultural Banco do Brasil, e ultimamente ela deu para querer ir ao Teatro Municipal, pai me leva ao balé, ela é fissurada em balé. E ópera? Ópera também, o que vier ela traça. Mas o que ela vai ser mesmo é professora, toda garota quer é isso, ser mãe e professora, ela já fez o teste, tem vocação, vai estudar Letras e a pós-graduação ela vai fazer no

**194** exterior, em Paris. Ela mesma diz assim, Paris, Papai, o senhor já pensou, sua filha em Paris? O Rio todo para mim já é um bairro, nestes lugares todo o mundo diz... lá vem a Carmen... Olhe, sabe o senhor como eu explico tudo isso? É por ter eu pegado aquela senhora e dado o nome dela à garota... e todo o resto, outras vidas. Olhe o retratinho dela aqui, pegue. É uma garota séria, morena, de tranças, com um brilho no olhar que fuzilaria estrelas. Devolvo. O senhor tem de que se orgulhar. Não é que chegamos, Doutor, com todo este engarrafamento, o tempo passou rápido, nem parece. Pago. Olhe, se outro dia eu pegar o senhor, eu conto mais sobre outras vidas. O senhor vai ficar arrepiado.

Já estou. Foi uma época de muita agitação. Mas como em qualquer época é preciso estar no ânimo. E eu estava. Duas vezes por dia, ouvia histórias, contava histórias. Certa vez, eu contava alguma coisa, interrompi, o motorista protestou... ora, por que parou de contar?, eu estava gostando tanto. E assim rodamos, com sol, com chuva, como se a vida toda se resumisse em corridas de táxi.

Partes integrantes de minha vasta errância numa só cidade. Eu só? Nem tanto, embora não tenha feito um segundo casamento. Prezo demais a amizade das mulheres, trocas, encontros, delicadezas, coisas que o cotidiano, no qual tanto acredito, poderia reduzir a pó. Tentei com convicção com Khrista, mas ela preferiu o pai, um rival contra quem, se rival é, nada podemos fazer. Ele chegou primeiro, pretérito, não quis colaborar e ainda por cima convocou. Um caso em milhares. Mas ainda assim existente. Fui eu o número sorteado.

Paris, Papai, Paris!, uma nova ária. Ou um musical da Metro. Leslie Caron. *Lili*. Talvez seja este o cerne da questão, que depois de um certo ponto, decisivo, quando tudo começa

a exorbitar, em nós, no século XX, renasce o velho e feroz apeteite pela festa, e queremos ópera, queremos musical da Metro, queremos acelerar as voltas que dá o mundo, já, já, já, ainda que esperemos oitenta anos, este já ocorre, queremos já as exéquias do Czar.

Justiça já. É então que todas as minhas decisões se relativizam e eu volto à véspera do murro, como se de lá não houvesse me movido. É bom que seja assim, esta não-decisão me acompanhará até o fim, como um horizonte, uma possibilidade, enquanto registro de mil formas, não apenas esta, todo o ocorrido.

Enquanto isso, a festa. É perfeita a idéia de Karoline para o próximo lançamento, o Realejo, o Calígrafo, aos quais acrescentarei tendas com oráculo cigano, runas, cartomancia, tarô e o que mais haja, para o divertimento dos convidados. Muitos livros meus terminam com grandes reviravoltas, festejos, mas o final de que mais gosto é o de *Nascimento*, que são as bodas de Camila. Então é perfeitamente lícito fazer um lançamento deste tipo.

Mas, provisoriamente, para me abastecer de coisas novas, vivo mais sob o signo do esquecimento do que da lembrança, se é que podem ser separados, porque cada coisa nova já envelhece e precisa ser lembrada. Digamos que aplico a lembrança ao presente e o esquecimento ao passado. Semi-esquecimento, na verdade, que por ora, nesta ânsia de festa, não interessa lembrar, exceto se se põem à sua frente, como naquela manhã na Praça.

Como mudou, embora conservando-se a mesma, esta cidade. Acredito que eu seja o último freqüentador de praças, o último passageiro de táxis, num certo sentido, é evidente, talvez o último escritor. Na minha Praça, embora reformada,

**196** as babás de sempre, com seus apetrechos, sentadas cordatamente diante dos carrinhos, confiantes de que o sol surgirá cada manhã para fazer crescer os ossos dos bebês. Frequento também outros lugares, além de táxis e de praças, na observação do permanente e do mutável. Igrejas, *shoppings*, sobretudo, algumas vezes centros culturais, não pelos eventos que lá se conduzem, mas pelas pessoas que por lá transitam. Igrejas, onde o coração humano se abre, a emoção da busca se desborda, onde o passante entra para uma pausa após o almoço, no desejo de comungar em silêncio com o seu semelhante que lá está. *Shoppings*, lugar de passagem da massa, substituindo para ela antigos parques, reunindo passeio, convivência, consumo e comodidades, disfarçando com diversão o consumo. E os centros culturais que, se não fora pelo que têm de enganoso, que são vitrinas, mas em nada interferem na criação do que realmente importa e muda a história, são celeiros de tipos humanos que por lá caminham ao eterno encaixo do mundo do espírito.

Ao final, o que se tem a fazer é voltar para casa. De onde, segundo mais de um, você nunca deveria se afastar, pois já tem bastante com que se ocupar, e todo o mal residiria em deixar o seu próprio quarto. Mas para isso, acrescento, é necessário possuir um forte quefazer para estruturar o seu tempo, além da infra-estrutura que lhe preserve a existência. E trabalhar é coisa que ninguém pode fazer por você e de que ninguém o salva, exceto você mesmo, e justamente trabalhando. O pior inimigo é o telefone, e não o que você atende, porque aí o dispêndio de energia é de quem liga, mas a ligação que você faz, na ilusão de alguma troca que nunca irá ocorrer, também segundo o notável testemunho de mais de um, no particular do trabalho, que é exclusivamente seu. E aí é pior, porque as coisas se misturam,

a relação, que basicamente era o mais importante, se abala, e você fica cada vez mais desamparado e sozinho. 197

Que socorro se poderia esperar senão dos criados? E já é muito que lhe deem a atenção máxima nas horas mais inconvenientes, quando bem poderiam estar a dormir como os apóstolos no horto e durante o julgamento, porque sempre foi assim e assim sempre será, que lhe prestem sem demora os mais abstrusos serviços, conformando-se com a sua maneira de viver que a eles, filósofos natos, lhes parece uma forma ilógica que já fazem demais em presenciarem. Alguns mais sensíveis se angustiam e por isso se tornam ousados, Seu David, o senhor não gostaria de sair um pouco?, não quer chamar dona Karoline para o almoço?, ou seja o que for. Por isso os melhores locais que já encontrei para trabalhar são de fato os hotéis, que o livram deste clima que mesmo numa casa em que você é o único amo eles instalam com um estoque de frases às quais eles próprios dificilmente resistem: Seu David, a torneira quebrou... chame o *Doce Lar*, Seu David, a cortina não quer mais abrir... chame o *Sésamo*, Seu David, o que vai querer, peixe ou frango no almoço?, ... qualquer, Seu David, a lâmpada queimou... pegue outra no armário, Seu David, a água mineral acabou... peça à *Entrega Pontual*. Assim sendo, deixo a casa para eles e continuo a fugir para os hotéis.

A não ser que me mudasse para um hotel, mas então seria, como local permanente, inóspito demais, e para onde se fugiria?

Karoline telefona. Pai, Igor insiste em que o senhor vá conosco às exéquias do Czar. Ele está se preparando como nunca para a cobertura, está relendo os livros que já leu sobre o assunto, fora os novos que comprou, ele está muito empenhado, diz que para ele é o acontecimento do século, esta coisa

**198** que o senhor falou para ele, que é uma reviravolta exemplar, mas não no sentido comum, que nada disso invalida o projeto deles, pelo contrário, valida, seus ideais nunca se extinguirão, por que o senhor não se resolve, Pai?, será um lindo dia de verão, irá uma equipe inteira para a filmagem, as fotos, a parte dele será o texto, eu estou cuidando dos detalhes, das roupas, inclusive, minhas e dele, o senhor sabe como ele é. Pai... Filha, eu não poderia estar mais grato, mas não irei, ainda estou muito mobilizado pelo que me aconteceu, vocês irão e depois me contarão tudo, é como se eu estivesse lá, representado por vocês, eu vou ficar com Raphael. Pai, apesar dos preparativos, Igor não abandona o caso do senhor, a leitura de sua obra. Ele diz que acha que descobriu o segredo pelo qual não se pode parar a leitura, não se pode pular pedaços, ele diz, a obra toda é feita de pedaços que se engatam, esta é a sua engenharia, que coisa mais inovadora, é invenção, não empréstimo, é um sistema de composição por temas, motivos, variações, recorrências, improvisos, surpresas, ele diz que há uma relação entre o modo como o senhor conversa e o modo como o senhor escreve, é assim como radiografias da realidade, fotogramas, fotos, mas é diferente da arte do fotógrafo, e até do jornalista, um momento aparentemente neutro é o que acaba rendendo mais, como a junção de poesia e de prosa, mas não poesia em prosa, mas poesia na prosa. Pai, ele está virando um verdadeiro *scholar*, eu digo a ele, Igor, por que você não estudou Letras? Mas eu estudo, Karoline, eu estudo, não vê que a maioria dos livros que estou lendo não são de História da Rússia, mas de Literatura Russa, eu faço como o Czar, eu leio Dostoievski. Pai, ele quer fazer a matéria do senhor. Filha, por ora preciso me recuperar, resolver outras coisas que ainda não estão resolvidas. Prometa pensar, pelo menos, Pai, prometa...



Hoje, terei um encontro com uma senhora que foi me visitar na cadeia. Ela soube de mim e foi lá me ver. Minha senhora, disse-lhe, eu não dou entrevista. Eu não sou jornalista, mas por que não dá entrevista? Só ocupo o espaço de minha obra, entrevista, carta, diário, etc., eu dispenso. Não sou nenhum Atlas. Assim como a senhora me vê, não sou dos mais fortes. Não parece ser fraco, parece muito bem. Aí é que está, devo reservar-me inteiro para o meu trabalho. Estou incomodando? Em absoluto, concordei em recebê-la, de conversar eu gosto. E a senhora, por que está aqui? É uma longa história, viajo pelo Brasil, o meu marido não se incomoda. E qual a finalidade das viagens? Eu quero conhecer o país, olhar o país, ver o país, é preciso que alguém veja o país em sua totalidade, uma América do Sul dentro da América do Sul, até no assemelhado formato, jóia engastada, seus diversificados povos, há tantos povos neste país, para que se reúnam a todos os povos do mundo. Eu gosto de conhecer pessoas, pessoas ainda não centrifugadas pelo sistema, com algum frescor, algum vigor que delas nunca poderá ser retirado, pessoas comuns como folhas de árvores, pessoas incomuns, com sua sonoridade própria e sua originalidade inata, a serem compreendidas depois. Quando depois? Pouco depois, muito depois, simplesmente depois. E o que a senhora vai fazer com tudo isso? Não sei ainda, por enquanto eu sou um olhar, ou mesmo o olhar, porque não sei de ninguém que esteja fazendo isso, ou melhor, sei de alguns poucos. E o marido da senhora, o que ele acha disso? Ele não se importa, é um homem muito especial, tem interesses próprios, tem as terras, a pesquisa dele, as obras a que se dedica, acha natural que eu tenha os meus interesses. Sempre nos encontramos no Rio, eu tenho o meu apartamento na Bartolomeu Mitre e ele na General Urquiza, os fundos

**200** do meu dá para os fundos do dele, à noite ele acende a luz do dele e eu a do meu, acenamo-nos, este é o nosso sistema. E funciona este sistema? Perfeitamente, acho que todos deveriam utilizá-lo, jamais vi um casal tão inseparável e tão bem casado. E olhe que não temos filhos. Sabe que também moro na Bartolomeu? Sei, do lado oposto da rua, mas não se incomode que não irei importuná-lo, nada deve ser mais distante do que vizinhos. De fato, eu mesmo não costumo receber em casa, eu gosto é de festas, quando estou disposto compareço às recepções de minha irmã Sandra, ela é uma anfitriã impecável, mas quando eu sair daqui eu gostaria de convidá-la para um sorvete, em alguma tarde, eu gosto deste tipo de encontro, em lugares públicos, eu frequento, sou um frequentador, pode ser o salão de um hotel de luxo ou um *shopping*, mas *shopping* é melhor, depois podemos visitar as livrarias e trocar ideias sobre os livros. Adorei esta ideia de sorvete, vou dizer ao meu marido, ele gosta de chá naquele hotel da Vieira Souto ou no Posto Seis, servem aquelas enormidades e ficamos ocupados com aquelas coisas o tempo todo, sem poder conversar direito e dar atenção um ao outro, saímos sempre exaustos de lá, sorvete é mais relaxante, numa bela taça com a respectiva colher adequada. Então a senhora aceita, está combinado? O senhor ainda tem dúvida? Levarei a minha lista de livros, às vezes é difícil encontrar a edição que se quer. Edição?, isto já é muito específico, em geral já me contento quando encontro o título que desejo, as dificuldades são enormes, as livrarias têm um estoque muito limitado, não é exatamente o que você procura, mas o que você acha, infelizmente é assim. E quando o senhor sairá daqui? Isto eu ainda não sei, o meu advogado está cuidando de tudo. Mas para mim dá no mesmo, eu gosto muito daqui, a casa ao lado é minha, já estou acostumado ao

local. Estou escrevendo o meu livro, para mim tanto faz onde o escreva. Tudo para mim é prancheta, mesa de trabalho, es-  
crivaninha, escritório. Já escrevi até em praças. Mas agora esta necessidade acabou, foi suprida. E quando o senhor irá terminá-lo? Não falta muito, eu deixo que o assunto se resolva e então o livro acaba por si mesmo. É como um destilado que a química do tempo depura e se faz em livro. Muito bem explicado, o senhor deve ter vindo para isso. Como ter vindo? Todos vimos para alguma coisa. O senhor veio para ser artista, escritor, eu sou nascida e feita para ser esposa do meu marido, e ele para ser meu esposo. Então é assim, a senhora foi feita para visitar-me na cadeia. É exatamente assim, nenhum encontro é fortuito, e o resto descobriremos depois.

À tarde me encontrarei com ela, no *shopping* combinado, e logo lá estamos os dois, pontuais e esmerados, a tomar, em mesinhas com tampos de mármore, os nossos respectivos sorvetes, em aprazíveis taças. Como vai o livro?, ela me indaga. Vai bem, termina-se, acaba-se. O senhor está triste ou alegre? As duas coisas, tenho apenas a primeira versão, depois haverá outras, mas cada etapa traz esta sensação de término, é um tempo vivido, alegria e dor. E alguém o ajuda? Nem pensar, não há ajuda possível, exceto carinho, atenções solicitadas ou não, estas coisas. E nosso encontro atrapalha? Pelo contrário, eu vivo também destas pausas, destas fermatas.

De repente, avisto ao longe uma senhora sentada entre três outras a uma mesa, alguém que conheço mas não reconheço, mas é ela, é ela, mas quem é ela?, tem um ar de melancolia, mas não de tristeza, que antes, como uma nuvem à lua, é um tênue véu que realça a sua misteriosa beleza, os cabelos lhe caem em sedosas ondulações sobre os ombros, num movimento para trás, sobre a testa, tudo nela é seda, e em seda

**202** está vestida, um traje em cor creme dando para dourado, uma espécie de brocado acetinado com filetes em verde claríssimo, tudo nela é serenidade e doçura, as demais falam animadamente, prefiro-a assim calada, com uma espécie de nobreza que se exsuda, se exala como de uma flor o perfume, de todo o seu ser, ela apenas ouve, como se houvesse de há muito desistido de falar, mas há quanto tempo?, em que tempo?, como se escutar a preenchesse de todo, ela é alguém que a mim diz respeito, quase tenho ciúme das que a acompanham, ciúme, um tempero por demais forte para mim, mas que neste momento amo sentir na boca, mas é ela, é ela, envelheceu um pouco, emagreceu, deu uma secada, mas ainda assim não é magra, *fausse maigre*, na verdade, tem a sensualidade inexplicável das grandes divas, Greta, Marlene, Ingrid, Marylin, uma coisa indefinível, mais um ar do que qualquer coisa, candor, ardor, langor, como se escapasse, os seus movimentos são também lentos, a maneira com que leva a mão aos cabelos, segura a xícara, porque lá tomam o chá como do meu agrado, um chá e fatias de bolo inglês, posso ver tudo daqui, mas se não é ela, é alguma ela que preciso urgentemente conhecer. Ao meu lado, a senhora que me acompanha concentra-se no seu sorvete, mas para que não estranhe o meu silêncio, digo-lhe, creio conhecer aquela senhora de alguma parte, mas não consigo lembrar-me... Nisso, como um milagre, ela me nota, olha para mim, sorri, levanta-se com os dois braços como se fosse voar, aproxima-se e diz, David, e quando fala, esta voz, sua voz, com uma cadência lenta e aveludada que em tudo combina com ela, reconheço-a e exclamo, Jade, e também me ergo com os braços levantados, que já passo a considerar a única maneira de alguém se erguer, e beijamo-nos nos dois lados da face, e são todos os tempos, Pedras do Arpoador, Faculdade, Teatro

Municipal, e aquele dia em que ela entrou chorosa lá em casa para conversar com Sandra. David... ela não para de repetir... Jade... não paro de repetir. A senhora quer ajudar e pergunta: por que não se sentam um pouco? Apresento-as. Sentamos. Não vejo nenhuma aliança no seu dedo, a minha de há muito se foi, enquanto a da senhora, em sua monumentalidade, se irradia por todo o ambiente. Então, o que anda fazendo?, pergunta ela. O mesmo de sempre, eu, Sandra, agora os filhos dela, a minha filha Karoline. E livro atrás de livro, ela completa, tenho sabido sempre. Nem tanto, afirmo, desviando. E você? Muito trabalho. Tenho uma firma de restauração de prédios, cresceu muito, estou também num projeto de pesquisa e de construção de casas na Mata Atlântica, em São Paulo, o financiamento é de um Banco Alemão, as casas são maravilhosas, sólidas, de um grande conforto térmico, frescas no verão, quentinhas no inverno, estou entusiasmada com os resultados. Agosto mesmo vou passar o mês todo lá, só estarei no Rio em setembro. Pois eu terei um trabalho para você, a restauração de uma casa numa rua lá por cima do final da Humaitá, Karoline quer, vou dar este gosto a ela. Não resisto e pergunto, este financiamento alemão tem a ver com Khrista? Tem, responde, ela, por dentro, nunca se desligou do Brasil. Mas morar mesmo é lá, digo. É, ela responde, com *é* mais sinuoso e reticente que já ouvi. Precisamos nos ver, digo-lhe, e dou-lhe o meu cartão. Ao que ela responde, vamos deixar tudo para setembro, aí estarei mais livre, poderemos combinar a restauração da casa, e passa-me o seu cartão, acrescentando, se perder, sou assinante da Telerj. Perder... mas não há perigo. Em todo o caso, se você perder o meu, também sou assinante. Preciso ir, elas já estão de pé, já me esperaram demais. Prazer, obrigada aos dois, até setembro.

Até setembro, até setembro, até setembro... Ah! É uma nova ária. Mas David, diz a senhora, você ama esta moça, ficou incandescente várias vezes. Se eu a amo, eu sempre a amei desde o primeiro minuto, dos tempos de estudante, dos tempos do Arpoador, mas não deu, então casei com outra colega, que deixou o marido pelo pai e foi atrás dele em Berlim. Na verdade, diz a senhora, ela deixou o Brasil por Berlim. Pode ser, mas é um mistério no qual investi muito pouco. Ela me deu Karoline e hoje só posso dizer obrigado. *Danke*, Khrista. *Danke*. Mas esta outra, Jade, por que o senhor não diz a ela que a ama? Mas eu vou dizer, minha senhora, a senhora não ouviu, setembro, setembro e setembro, em setembro eu vou dizer. Mas a questão é ela me aceitar. Mas é claro que ela vai aceitá-lo, ela também o ama, eu notei, como o olha, como se o senhor fosse uma aparição maravilhosa. Talvez eu seja apenas isso mesmo, uma aparição. Pois então seja agora uma criatura concreta, diga que a ama e que lhe pede a honra de ser a sua esposa. E o que mais devo fazer? É simples, faça como o meu marido, tudo o que ela quiser, e assim a terá para sempre. Se ela quiser ir a São Paulo, para cuidar de suas casas, deixe-a ir, se ela quiser ficar no Rio, que fique, se precisar ir a Berlim... Berlim, novamente, já seria demais... Não seria, posso lhe garantir, ela irá e voltará, essa é das minhas, ela sabe o caminho de ida e de volta... vai fazer assim? Vou fazer tudo o que a senhora disser, porque não há força maior no amor do que conhecer alguém desde o início, quando já era mas não era ainda tudo o que iria ser. Jade, quem diria a mulher em que iria se transformar, mas eu diria, porque quis me casar com ela.

Levantamo-nos. Levo-a à livraria. Ela quer o *Sarrasine* de Balzac, numa edição isolada. Não encontramos. Existe num volume com outras obras, é muito incômodo, pesado, diz ela

que teria de dividir o livro para ler deitada. Encontramos uma edição comentada, ela não quer, quer apenas o texto, eu própria farei minhas anotações, diz. Assim vai ser difícil, digo. Sim, diz ela, é muito difícil encontrar as edições que quero, acho que nem existem. Depois ela quer uma edição do *Werther* de Goethe, mas também não encontramos. Mas alguma coisa a senhora tem de levar, quero oferecer-lhe alguma coisa, leve esta do *Törless* de Musil, mas ela opta por uma do *Hamlet*, que pode colocar dentro da bolsa. Se o critério é este, o melhor é escrever livros pequenos. O *Hamlet*... um livro pequeno... o *Hamlet*... Rimos de nossa felicidade de nos acompanharmos um ao outro, nos primórdios de uma amizade sem coquetismo, com promessas de interesse e de afeição a serem cumpridas, com o senso de tempo, energia e esforço bem empregados, sem o risco de recusas e de fechamentos súbitos, incompatíveis com o nosso temperamento, trazendo dor e cansaço. Confiança mútua, isto está na base. E sorrimos com nossas venturas secretas, Jade no centro da minha, sem dúvida, ela tendo o marido que tem, que lhe permite todas as viagens. Ela quis ficar um pouco mais no *shopping*, para outras compras, despedimo-nos com novas promessas a serem fielmente cumpridas.

Tudo se encaminha para a partida de Igor e Karoline, e para a minha temporada com Raphael. Como posso respirar, como posso ser feliz, descubro, admirado de mim mesmo! Mas é preciso chegar a isso, não é automático, e se fosse perderia a graça. É como a cadência de uma longa caminhada, o seu meio, a pausa, o hausto, o copo d'água, para prosseguir caminho.

O quarto de hóspede está sendo rearrumado. Haverá novamente uma criança em casa. Mal posso esperar, mas a es-

**206** pera é que é deliciosa, a festa. Cada dia trago alguma coisa. Corina está também muito agitada, cada vez mais detalhista, cheia de lógicas inovadoras, como se estivesse ela própria a esperar um filho.

De certa forma, já disputamos o hóspede. Seu David, a gente podia botar alguns livros no quarto dele, para ver se ele gosta. Vamos fazer o seguinte, Corina, vamos ver primeiro de que ele gosta, para depois providenciarmos. Seu David, bote um porta-retratos dos pais dele no quarto, para ele não sentir falta. Mas isso eu posso garantir que ele vai trazer na mala. Seu David, de que ele gosta de comer?, e o banho?, e a praia?, ah, já sei, um dia podíamos levá-lo para ver o Museu Imperial em Petrópolis. Tudo isso ele vai resolver. E as aulas? Os professores virão em casa, ele é educado em casa, foi uma escolha do pai dele. Ah, mas assim ele fica muito sozinho, eu não gosto, se eu fosse a mãe dele, eu não deixava. Mas é só por enquanto, Corina, no ginásio ele vai estudar no colégio.

É chegado o grande dia. Estamos todos no aeroporto. Eu, Corina, o guri, Igor e Karoline. Eu pensei que este dia não chegasse. Os dois, cada um se mirando, em seu mútuo amor, nos olhos do outro, ele lhe ajeita uma mecha do cabelo, é carinho, a mais bela palavra, ela lhe alisa o casaco. Não existe emoção maior para um pai, este pai que sou eu, que neles vê o epítome do casal humano, a sua quintessência, o visível desvelo de um pelo outro, mas que não os fecha em si mesmos, mas os abre para o mundo, inclusive para as exéquias do Czar. Eu projetei este casal ao passear pela Praça Antero de Quental, ainda não reformada, com os meus fluidos e os meus pensamentos, Karoline pela mão. *Danke, Khrista. Danke.* O amor, que não interessa apenas ao amante e à amada, mas alaga as praias do mundo.



Ninguém fala mais nada, cada um já assumiu plenamente o seu papel, os que vão e os que ficam. O embarque. O grupo se colou de tal maneira que forma um só bloco. Aqui estamos, aqui estão eles, este momento está garantido, e o resto é puro futuro. Ninguém quer dizer a sua fala errada, transformados em semilíquidos acenos. Ficamos até o fim do fim, quando a aeronave nem mais um ponto é.

Pigarreio para dizer a mais difícil das palavras, porque todos estamos grudados no chão. Vamos, digo, eles acordam, e Raphael, a partir deste momento, já é o que ele será, difícil papel para uma criança cujo propósito será um dia voltar para casa, o hóspede, e nós, que o hospedamos, já conscientes de que um dia teremos de entregá-lo de volta.

Mas por enquanto ele é nosso, e nós somos dele, e logo iniciamos este novo jogo de pertença. Entramos numa casa que é nova porque é nova para ele, à qual, para que lhe seja uma casa, ele terá de alisar com os seus dias e as suas noites. E tudo volta a se equilibrar, porque há novamente uma criança em casa. Vê, estou um pouco preocupado, quem vai conversar comigo antes de dormir? Quem conversava em casa? Um dia o pai, um dia a mãe, quem estivesse mais a fim. Pois aqui vai continuar o mesmo, um dia, eu, um dia, Corina, quem estiver mais a fim. Vê, o senhor me conta? O quê? Tudo sobre as exéquias do Czar.



	COLOFÃO
Formato	<i>15 x 22 cm</i>
Tipologia	<i>Georgia 11/16</i>
Papel	<i>Alcalino 75 g/m<sup>2</sup> (miolo) Cartão Supremo 300 g/m<sup>2</sup> (capa)</i>
Impressão	<i>Edufba</i>
Capa e Acabamento	<i>Cartograf</i>
Tiragem	<i>400</i>